

Boletim da Comissão Catarinense

de

Iclor

ANO: 1983 - nº 35 e 36

Pede-se permuta pidesse canje We ask exchange Sirichiede lo scambio On démande l'échange Man bitet um Austausch Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore Presidente: Doralécio Soares Comissão de Revista: Diretor Doralécio Soares— A. Seixas Netto, Nereu do Vale Pereira

Endereço para correspondência: Rua Julio Moura, 28, 10. andar 88.000 - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado.

SUMÁRIO DESTA EDIÇÃO

No presente volume, apresentamos os trabalhos abaixo relacionados, que pela sua importância os recomendamos:

- EDITORIAL Doralécio Soares
- RENDAS E RENDEIRAS "Assim Cantavam as Nossas Rendeiras" Doralécio Soares
- CARTA AOS FOLCLORISTAS DE HOJE E DE AMANHÃ "Pombeiros Ilhéus" – A. Seixas Netto
- FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO ORIGEM Nereu do Vale Pereira
- CULINÁRIA REGIONAL DE SANTA CATARINA Doralécio Soares
- DANÇA DA QUADRILHA NAS FESTAS JUNINAS Sônia Maria Copp da Costa
- ALGUMAS ANOTAÇÕES FOLCLÓRICAS DO EXTREMO OESTE Paschoal Apóstolo
- SÃO FRANCISCO DO SUL E A SUA CULTURA POPULAR Amaury dos Santos
- RENDEIRAS Sílvia Amélia Carneiro da Cunha
- NASCEU JESUS: CANTORIA DE TERNO DE REIS Pesquisa da Comissão
- A RATOEIRA Osório Gonçalves Viana
- NOTICIÁRIO DE SANTA CATARINA Promoção do Folclore na Escola
- COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA:
- O FOLCLORE E O AZIAGO No. 13 Vicente Viana Londrina PR
- O DINHEIRO NA BOCA DO POVO José Carlos Rossato Olímpia SP
- BANDAS DE PÍFANOS: Uma Manifestação Folclórica Ameaçada Mário Souto Maior — Recife — PE
- O GLOSADOR GENUÍNO Aleixo Leite Filho Caruaru PE

Além de farto Noticiário de 1982 e 83 organizado e comentado por nosso companheiro Doralécio Soares, completam esta edição.

O Secretário



BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

ANO XXI - 2f	Número 35-36
Dezembro de 1983 ÍNDICE	
Sumário	1
Nossa Capa	
Índice	
Editorial	
Rendas e Rendeiras / Doralécio Soares	
Assim Cantavam as nossas Rendeiras / Doralécio Soares	12
Carta aos Folcloristas de Hoje e de Amanhã / A. Seixas Netto	18
Pombeiros Ilhéus / A. Seixas Netto	23
Festividade do Divino Espírito Santo - Origem / Nereu do Vale	Pereira . 26
Culinária Regional de Santa Catarina - Pesquisa / Doralécio Se	pares 29
Dança da Quadrilha nas Festas Juninas / Sônia Maria Copp da	Costa 32
Algumas Anotações Folclóricas do Extremo Oeste / Paschoal Ap	postolo. 37
São Francisco do Sul e sua Cultura Popular / Amaury dos San.	tos 40
Rendeiras - Poesia Sílvia Amélia Carneiro da Cunha	45
Nasceu Jesus - Cantorias de Terno de Reis - Pesquisa	46
A Ratoeira / Osório Gonçalves Viana	50
O Jeito é Torcer para que o Dia Acabe Logo - Transcrição	51
Promoção do Folclore na Escola - Noticiário de Santa Catarina	-1982. 53
Colégio Estadual "Almirante Boiteux" - Araquari - SC	54
Realizado o 13o. Festival do Folclore - Joinville	58
Noite do Folclore - Descanso - SC	59
Escola Básica "Pedro Paques" - Cairu - Cel. Freitas - SC	61
Colégio Estadual "Wanderley Junior" - São José - SC	64
GENTE DE FORA - Bandas de Pífanos: Mário Souto	Maior -
Recife - PE	69
O Folclore e o Azíago No. 13 / Vicente Viana - Londrinha -	PR 73
O Dinheiro na Boca do Povo / José Carlos Rossato - Olimpia	-SP 78
O Glosador Genuino / Aleixo Leite Filho - Caruaru - PE	91
Noticiário de Santa Catarina — 1982	
9a. Conferência Nacional da AOB	
Canções Praieiras - A República em Santa Catarina. 128	anos da
Biblioteca Pública	101
Carta aos Catarinenses	
Festa da Colheita — Joinville	106
Universidade Federal de Santa Catarina - Curso de Extensão	o - Fol-
clore	107

Professora diz que Folclore não Morre	108
Artesanato, da Terapêutica ao Meio de Vida / Saul Martins	109
Laguna de Todos Nós – VIII EMOBRESC em Videira	110
Filatelismo / João Teixeira da Rosa	112
Fandango Paranaense	113
Galope Poético – Joinville – SC	114
10. Encontro das Associações Étnica / Doralécio Soares	116
NOTICIÁRIO DOS ESTADOS. 180. Festival do Folclore — Olimpia	
1982	127
Instituto do Folclore tem novo Diretor - Guia de Folclore - Rio de	
Janeiro	128
Museu Edison Carneiro. RJ. Centro de Informações Folclóricas	129
ARTEBOI - Montes Claros MG. Semana de Arte Moderna. Rio de	
Janeiro	129
Artesanato Paulista SUTACO - SP. Os 366 Anos de Belém - PA.	
AGRESTE – PE	130
UNESP - SP. 1a. Jornada de Literatura de Cordel - Campinas, SP.	
UFMT	131
O Folclore Recifense. PE. Prof. Aleixo Leite Filho. Caruaru. PE	133
Sesquicentenário de Vitor Meireles	134
Atlas Folclórico do Espírito Santo	134
Nereu Correa na Academia Paranaense de Letras – Semana do Folclo-	
re. PA	135
Boletim: Museu Nacional de Belas Artes	135
Ó Cachaça Amiga. Revista Goiana de Artes - Memória de Olinda.	
F. U. Bagé	136
Livros, Revistas e Periódicos. Seis Contos Populares do Brasil	137
NOTICIÁRIO de 1983 / Miro Morais	139
A. Seixas Netto	141
FECART	145
Festival de Folclore	147
Hassis e a Magia do Circo	149
Falar Carijó. Notícias de Biguaçu	150
Feira Catarinense de Cultura	151
Festival de Folclore em Joinville. 10. Festival do Folclore. Fpolis	153
Publicações Recebidas	154
Editora da UFSC faz 4 Lançamentos	156
A Festa do Touro e o Império do Penedo	157
Desenhos do Prof. Lula Gonzaga. PE	158
Poeta de Cordel: José Severino Cristovão	159

Antologia do Folclore Brasileiro	162
23 de Agosto: Lançamentos de Livros. Instituto Nacional do Folclore .	163
Museu Postal Telegráfico	165
Museu Dom Diogo de Bagé. Brinquedos Tradicionais Brasileiros	166
Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro	166
Florianópolis: Cantos de Terra e Mar — Varal Literário / Pinheiro Neto.	168
Willy Zumblick. Poeta Joel Rogério Furtado	169
EMOBRESC - Encontro Cultural	170
Curso SUSUKI – João Teixeira da Rosa	172

NOSSA CAPA

Imperador e Imperatriz do Divino, ladeados pelos Cavalheiros e Damas, na solenidade de Coroação, no interior da Igreja de Santo Amaro da Imperatriz, onde se realiza anualmente uma das maiores e mais belas festas do Divino Espírito Santo em Santa Catarina.

- Nereu do Vale Pereira diz de sua Origem e Festividade à pág. 26

EDITORIAL

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE Retrospectiva

A Comissão Catarinense de Folclore tem passado momentos difíceis, no transcorrer de sua existência.

Teve sua fase áurea entre os anos de 1954 a 1962, quando, inesperadamente, cessou suas atividades, ficando o seu acervo acéfalo, na abandonada Casa de Santa-Catarina. Não nos cabe aqui comentar as causas que deram motivo a tal abandono.

Por indicação do Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, então Secretário-Geral da Comissão, (na época era Secretário-Geral), ao Dr. Renato Almeida, Presidente da Comissão Nacional de Folclore, fui designado Secretário-Geral, sucedendo-o no final do ano de 1969. Daí para cá, a luta tem sido árdua, mas compreensível, visto que, no geral, as entidades culturais são sempre relegadas a planos inferiores, e muitas vezes entregues à própria sorte.

No período de 62 a 69, a Comissão esteve praticamente com suas atividades encerradas, ficando o seu Boletim, que inicialmente era "Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore", para semestral, depois anual e, finalmente, editado, quando se conseguia verba para tal, sendo o seu último número nessa fase, o 27/28 de dez. 62/jan. 63, sob a direção do Prof. Walter Fernando Piazza.

Após esse período, com início da minha gestão em 1970, as dificuldades foram muitas, a ponto de quase "entregar a carga pelo frete". Havia pegado no "rabo de um foguete", já sem pólvora, e fazê-lo subir novamente carecia de um esforço sobre-humano. Mesmo assim com a mão estendida pr'aqui, chapéu na mão pr'ali, fui pouco a pouco levando-a com a colaboração de alguns companheiros da Comissão.

Fase de 1970 a 1979

Nos Governos de 1970 a 1979, os auxílios foram mínimos. A manutenção atuante da Comissão era cada vez mais difícil. Como a Casa de Santa Catarina, desde que havíamos assumido, não oferecia condições de funcionamento, fomos autorizados a nos instalarmos numa sala de aula pré-fabricada, contígua. Com o início da construção da "Casa da Cultura", e demolição da casa onde funcionávamos, aceitamos o convite do então Vice-Reitor da UFSC, Dr. Ernani Bayer, que desejava formar um Centro Cultural nas dependências da Ex-Reitoria, à Rua Bocaiúva, recém-transferida para o CAMPUS da Trindade. Para ali transferimos o acervo da Comissão, nas dependências postas à nossa disposição.

Quando tudo parecia que estávamos num lugar definitivo, eis que toda a propriedade é vendida para o Ministério do Exército, e ali se instala o Quartel-General do Grupamento Leste-Catarinense. Solicitados a desocupar as dependências por nós ocupadas, demos início à procura de um novo abrigo.

A nossa saída não foi fácil; fomos gentilmente convidados a sair várias vezes, até que passamos a ocupar as dependências do prédio onde funcionam os serviços da CITUR, na Alameda Adolfo Konder, onde até hoje permanecemos, precariamente instalados. Mas ali mantemos uma pequena biblioteca especializada, um minimuseu de folclore, e sala para as reuniões, aberto diariamente das 14 às 17:30 horas.

Edição do Boletim

A falta de recursos sempre foi uma constante em nossa Comissão, que não dispunha de verba nem para expedição de correspondência.

Em 1975, conseguimos pela primeira vez, recursos com a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, (atualmente "Instituto Nacional do Folclore"), a quem estamos vinculados, para editarmos o Boletim No. 29, pois a última edição datava de janeiro de 1963.

Decorreram mais três anos para conseguirmos nova verba, e esta somente foi possível em 1978, quando editamos o Boletim 30/31.

Fundação Catarinense de Cultura

Com a criação da Fundação Catarinense de Cultura, uma esperança alentadora surgiu, com a criação de um órgão capaz de catalisar o movimento cultural catarinense, indo ao encontro de entidades culturais carentes de orientação e recursos.

Levado a conhecer os problemas da Comissão Catarinense de Folclore, seu então diretor, Dr. João Nicolau Carvalho, aquiesceu em patrocinar a nossa causa, destacando verba para a sua manutenção, e dados aos relevantes serviços pela mesma prestados à cultura catarinense, na área do folclore, propôs que fosse assumida pelo Governo a responsabilidade da edição de seu Boletim, já no seu No. 31.

Confirmada a autorização, deu início a Comissão a uma nova fase de sua existência, tendo com isso já editado o seu Boletim de No. 32, 33 e 34 e esta edição com o No. 35, órgão representativo da mesma, que vem se editando sob os auspícios do Governo do Estado,

RENDAS E RENDEIRAS

Doralécio Soares

Nos números anteriores das edições 30/31 e 32 deste Boletim, focalizamos os vários aspectos que envolvem a "indústria caseira" de rendas de bilros da Ilha de Santa Catarina.

Destacamos em nosso estudo, especialmente, as obreiras da Ilha, cujo trabalho de continuidade desse tradicional artesanato permanece constante entre a comunidade de artesas das rendas de almofadas da Capital ilhoa.

Abordamos, além da origem, as rendas e seus mais variados tipos e modelos, com seus nomes tradicionais e os originados da criatividade das próprias artesãs, como as rendas "ligeirinha", "forro de casa", "orelha de mula", "sapa", "peixinho", "vintém", "bicuda" e outras. Entretanto, o que nos pareceu que ainda merece destaque, são os pontos.

Para conhecimento do leitor interessado, ilustramos os pontos com seus respectivos nomes, conforme os detalhes de cada gravura.

DOS PONTOS

Esta foto é de uma renda ponta de guardanapo. Na mesma, registramos 5 tipos de pontos: a orela que forma o bico é de "paninho", a parte que é presa ao guardanapo de linho, ou outra fazenda qualquer, é de "ponto torcido". O "ponto torcido" é constante do movimento que a rendeira faz "rodando" os bilros na mão. Esse movimento, proporcionado ao bilro, faz torcer a linha dos 2 pares que é utilizada para esse tipo de ponto. A tela interna onde estão as margaridas, é de "ponto de trança". Este tipo de ponto é feito com 4 pares de bilros. As margaridas são de "perna cheia" com centro de "paninho" de "meio-ponto". As "pernas cheias" são tecidas com 4 pares de bilros, e o "meio-ponto" com 4 pares.



Neste detalhe da "renda sapa", além de alguns pontos acima indica-

dos, registramos a "orela" com ponto de "perna esquecida" ou "ponto de laçada", isto é observado também na parte interna da peça.

"Ponto puxado", "perna esquecida" ou "ponto de laçada" fazem-se com 2 pares de bilros.

Esse ponto é quando a linha, que está presa no bilro, se faz com uma lacada no alfinete, e ao se retirar o alfinete, fica o "ponto puxado".

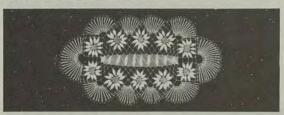
O "ponto pregado" é feito com 2 pares. Faz-se, prega-se e fecha-se o ponto.

O "ponto repuxo" é um tipo de ponto que se faz com 16 pares, porque cada "perna cheia" tem 2 pares. O "repuxo" é quando se pregam 4 ou 8 "pernas cheias" num ponto só.

"Pastilhinha": a "pastilhinha" é feita com 2 pares de bilros.

O "ponto inteiro", "meio-ponto", "paninho", "ponto passado", "ponto torcido", "ponto de trança", "perna cheia" são todos tecidos com 2 pares de bilros.

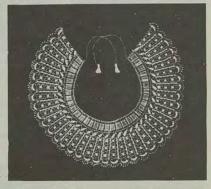
Todos esses pontos, na sua execução, têm seus movimentos distintos nos seus respectivos "piques" com detalhes de torcer, passar, pregar e fechar, cuja linguagem é conhecida somente pelas rendeiras.



DA "RENDA MARGARIDA"

Já nesta peça de "renda margarida" com "bico-de-leque", registramos vários dos pontos empregados nos tipos de renda que se fazem em nossa Ilha. Temos portanto, o "bico-de-leque", onde a "orela" é feita em "ponto de trança", com a formação do leque em "ponto torcido", saindo dos "pontos de trança" em forma de cadarços, entre os fios de "pontos torcidos", até à base do leque.

Nesta operação são utilizados 10 pares de bilros. É um trabalho conjunto na preparação da peça inteira, numa almofada grande, com aproximadamente 70 pares de bilros, na total execução. O fio de dentro, onde estão presas as margaridas, é em "ponto de trança" e as margaridas de "perna cheia", tendo o miolo de "meio-ponto". No centro, são palmas em "perna cheia", em relevo, sobre um paninho de "meio-ponto".



PALA DE RENDA

Nesta linda "pala" para gola de blusa, parecendo mais uma "cauda de pavão", a "orela" do contorno é toda em "ponto torcido". Os outros pares de bilros movimentam-se também em "ponto torcido", com os fios desses pares fechando a "orela", tecendo também a trama onde se assentam os pontos de "pastilhinhas" ou "tijolinhos", como também são chamados. Nessa movimentação chegam as palmas de "perna cheia", que são ligadas entre si com "pontos de trança", presos a novos fios torcidos que passam a tecer um paninho de "ponto inteiro". Este fecha a gola por dentro com uma "orela" em linhas que fazem o cordão de amarração da gola. É realmente uma linda e perfeita peça de renda.

DA "RENDA TRAMÓIA"

Outro ponto, que merece destaque com ilustração, são certos detalhes da renda tipo "tramoia". No Boletim No. 30/31, apresentamos alguns detalhes desse tipo de renda. Desenho de um "pique", detalhe de uma montagem, bem como uma toalha sobre uma mesa exposta. Neste número apresentamos novos aspectos da mesma renda, cujas toalhas dão destaque nas mesas de ricas vivendas.

Conforme está exposto no No. 30/31-1978, a renda "tramóia" é o único tipo de renda que é feita apenas com 7 pares de bilros, daí ser chamada também de renda de "7 pares". No trabalho anterior fizemos a parte descritiva da movimentação dos 7 pares de bilros na execução dos pontos de tessitura de cada peça.

Mostramos detalhes da montagem de uma toalha redonda, cujas peças são executadas separadamente e depois montadas no seu todo.

Nesta publicação, temos para ilustrar uma toalha redonda: modelo "dedo" com centro "currupil". Esse mesmo centro publicamos num detalhe maior, para se observar a perfeição do mesmo. Damos destaque também à parte de uma toalha tipo "dedo", cuja peça no seu tamanho natural possui um diâmetro superior a "um metro e meio". Neste detalhe, da página seguinte, observa-se o seu enriquecimento com uma tessitura no centro de cada palma, com "palminhas" de renda em "pema cheia", observando-se também que as "palminhas" foram presas, não costuradas simplesmente, mas tecidas com pares de bilros extras, destinados às "palminhas". É um trabalho que hoje as rendeiras negam-se a executá-lo, apresentando uma série de desculpas. É como diz o dito popular, "não se fazem mais rendeiras como antigamente".





Quadro da "renda tramóia", vendose a artesã, movimentando os 7 pares de bilros.



Detalhe de uma toalha redonda, tipo "dedo", vendo-se a tessitura no centro de cada palma, as "palminhas" de renda em "perna cheia".



As toalhas em "renda tramóia" são as preferidas por turistas que aportam em Florianópolis, principalmente as grandes toalhas circulares, bem como as retangulares para grandes mesas, destinadas a banquetes e festas jubilares.

CULTURA POPULAR

ASSIM CANTAVAM AS NOSSAS RENDEIRAS

Além da amostragem de novos modelos de rendas, abordaremos aqui o que nos foi dado recolher em nossas pesquisas, com relação à cultura popular da comunidade rendeira.

As rendeiras de ídos passados, ou seja, dos anos 30 a 40, ainda mantinha-se ligadas às coisas do antepassado, e costumavam cantar o que aprenderam quando meninas. Era comum se ouvir cantar "o sereno", "o fadinho", "meu cravo de rosa", caranguejo", "cana-verde", "o limão", e outras cujos versos publicados se adaptam às pautas musicais aqui inseridas.

São as tais "cantigas de ratoeira" tão em voga no passado, e que hoje são apresentadas raramente, por ocasião de festas de evocação, por grupos organizados para promoção folclórica.

As "cantigas de ratoeira", fazem parte da herança lusa que a cultura açoriana, integrada à vida catarinense da Ilha, legou aos seus filhos.

O Sereno

O sereno desta noite Caiu na folha da palma O dia que não te vejo Não faço renda com calma

Meu Cravo de Rosa

Meu cravo de rosa Meu manjericão Dá três pancadinhas No meu coração

Caranguejo ·

Caranguejo não é peixe Caranguejo peixe é Caranguejo está na praia À espera da maré

X

Sim sim sim Não não não Estou a tua espera E não me dás Teu coração

O Fadinho

E o fadinho bateu na porta (bis) Mangerona, quem está aí (bis) É o cravo mais a rosa (bis) A açucena e o jasmim (bis)

Lá iá lá lá Lá iá lá lá Lá iá lá lá

Cana-Verde

A cana-verde do mar Anda à rota do vapor (bis) Eu também hei de andar Na rota do meu amor (bis)

X

A folha da bananeira De comprida foi ao chão (bis) A ponta deste teu lenço (bis) Chegou no meu coração

O Limão

O limão entrou na roda, ô limão O limão de mão em mão, ô limão Não chora, meu bem, não chora, ô limão Não chora, meu coração, ô limão

Senhora dona Jorda, ô limão Faz favor entra pra roda, ô limão Diga uns versos bem bonitos, ô limão Diga adeus e vá embora, ô limão











Ninguém deve plantar roça, ô limão No lugar que tem ladeira, ô limão Não se pode morar perto, ô limão Dessa gente faladeira, ô limão

Sereno

Sereno, eu caio, eu caio Sereno, deixai cair Sereno da madrugada Não deixou meu bem dormir

X

Fui à praia passear Ver o que o mar dizia A maré me respondeu Que amor firme não havia

X

Amor firme não havia Que a semente se perdeu Todos plantam, mas não nasce Só no meu peito nasceu

v

Quando vires a garça branca Pelo céu ir avoando São as saudades minhas Que te vão acompanhando

X

Eu venho de lá tão longe Descendo morro e ladeira Somente para cantar Nesta linda ratoeira

Eu venho de lá tão longe Passando estradas e ladeiras Pra vir ao Ribeirão Saudar nossas rendeiras Moreno, moreno Moreno querido, Não chores, moreno Que eu caso contigo

X Moreno, moreno, Moreno de flor, Não chores, moreno, Oue sou teu amor

> Esta noite choveu ouro Prata fina serenou Lá vem o sol saindo Pra secar quem se molhou

v

O fogo quando se apaga Na cinza deixa quentura O amor quando é firme No coração sempre dura

X
O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calor
O amor quando é firme
No coração deixa a dor

raça

Atirei meu lenço branco Por cima da flor çucena Não sei que tem meus olhos Que só gosta da cor morena

v

Eu gostei da cor morena Porque dela fui nascido Quando vejo a cor morena Fico no mundo esquecido

X

Antes que meu pai me mate Minha mãe me tire a vida Não hei de deixar amar Aquela morena querida.

^{*} Versos recolhidos no interior da Ilha, na localidade de Rio Tavares.

A interferência de outras culturas, em nosso meio nacionalizante, tem contribuído para que pouco a pouco a chama que nos une ao passado vá enfraquecendo. As emissoras de rádio e televisão, na transmissão constante de músicas de ritmos modernos, na sua maioria americanizadas, vai nos distanciando cada vez mais da nossa cultura de tradição.

Enquanto que a maioria dos países europeus valorizam as suas raízes culturais, nós nos deixamos diluir pela interferência de uma imposição cultural com fins exploratórios, nitidamente comerciais, que descaracteriza a nossa iuventude.

Esperamos que o nosso povo, com o passar dos séculos se personalize, e o sentimento de brasilidade de cada um defina o que realmente é nosso.

Cantoria da Dança do Pau-de-Fita da localidade de "Ribeirão da Ilha", Florianópolis.

> O amor quando nasce Parece uma flor É tão delicado Tão cheio de amor

> > Seria tão bom Que ele fosse uma flor Sem ter os espinhos Da dor



Depois que tudo É sonho ao luar Começam os desencantos O amor passa a existir Nessa voz do nosso canto

CARTA AOS FOLCLORISTAS DE HOJE E DE AMANHÃ

A. Seixas Neto (Da Academia Catarinense de Letras — Secretário da Comissão Catarinense de Folclore)

Irmãos d'estudo e d'ofício:

Como matuto ilhéu, portanto nativo puro de linhagem antiga desta Ilha, hoje de Santa Catarina, que os velhos donos, os selvígenas Carijós, nacão do grande povo brasílico Tupi, nomeavam Mei-en-Bipe ou Ilha dos Patos, depois adotado pelos primeiros mareantes espanhóis e lusos que se aventuravam costa abaixo no rumo do Rio da Prata, convido-vos a todos para uma apreciacão das origens e composições dos usos e costumes dos selvígenas primeiros. depois dos variados piratas cá aportados de diversas nações de nacionalistas d'então, diferentes, depois as levas açoritas que, num êxodo por lei da metrópole lusíada, para aqui chegaram com destino e futuro permanente para povoar a Ilha, domínio d'além-mar de suas Majestades lusitanas. Pois foram esses acoritas, ilhéus do norte atlântico que moldaram nos seus usos e costumes o que seria, depois nossos usos e costumes, o nosso folclore enfim. Com a vinda de Bandeirantes Paulistas, chefiados por Francisco Dias Velho, completou-se o quadro miscigenatório do futuro. Deste modo, foram lentamente aglutinando em três níveis distintos, o folclore ilhéu. O primeiro nível era de costumes e legendas absorvidas dos Carijós que se iam extinguindo como gente e como etnia. Era o nível histórico-legendário, hoje quase esquecido de todos, mas que ainda podem ser claramente lembrados por matutos, eu como eu, que cultua e cultiva a memória ancestral. O segundo nível era o cultural açorita com recordações, usos e costumes dos Açores-Portugal, Europa Ocidental, enfim. É o nível culterano que usamos muito alterado, bastante deformado e irreconhecido até, variado elemento, hoje mais objeto de teatralização mambembe para divertir nas praças públicas os turistas não muito cultos dos Países do Prata e encher-nos a nós, folcloristas, de vergonha pelo desprezo com que comerciam imitações toscas das nossas tradições. E por fim, o terceiro nível, o contemporâneo, cujos mais expressivos usos e costumes ninguém está agora anotando e estudando seriamente, e cuja importância para o futuro é incomum. Assim, darei, a seguir as sínteses e cabe a todos nós ampliar nas minúcias específicas:

1. NÍVEL HISTÓRICO LEGENDÁRIO:

Dos Carijós, o matuto herdou teme e tece, narrativas fantásticas de figuras do panteão indígena como M'BOITATÁ, a cobra-de-fogo, o fogo-fátuo que à noite os selvígenas vigiavam sobre os mangais e as florestas. O CAAPORA, Deus-Guarda da Mata, que os primeiros ilhéus diziam CAIPORA, entidade das florestas que produzia o desnorteamento de quem invadia seus domínios e também embruxava as crianças que se aproximavam das matas. Temiam, também, ANHANGÁ ou ANGÁ que produzia a loucura em quem se embrenhava na mata sozinho, e assim enlouquecido vagava na floresta, sem rumo, até perecer. Mas o M'BOITATÁ que originou muitas lendas fantásticas, narrativas das noites de farinhadas d'engenho, sincretizou no segundo nível com as lendas e contos europeus, como se verá adiante.

2. NÍVEL CULTURAL AÇORITA:

Os açoritas trouxeram das ilhas cultos religiosos gerais e particulares, costumes festivos luso-europeus e as lendas infantis maravilhosas de Andersen, Grinm e Perrault. Foi o sincretismo dos contos de gênios e fadas europeus com os cultos selvígenas que gerou as narrativas de bruxas e feiticeiras que viajavam por noites determinadas para a misteriosa Índia e eram vistas carregando uma luz sobre as florestas ilhoas. (Fogo-Fátuo ainda hoje visto como bolhas de luz azul sobre as matas). Feiticeiras que trancam os fios da cauda dos cavalos que cavalgam em desabalada carreira, às noites de lua, nos pastos; que cortam as redes dos pescadores distendidas, para secar, nos varais à beira do mar. (A explicação dos fatos são da velha tradição dos Santos Patronos de povoação, vilas e cidades. Daí porque, segundo usos e costumes, toda a vila ilhoa é nomeada por um Santo Patrono, como, por exemplo, Santo Antônio de Lisboa, São João do Rio Vermelho, Ribeirão de Nossa Senhora da Lapa, e até hoje, Capital Nossa Senhora do Desterro. Daí cada lugar ter seus festejos religiosos do Patronato. Mas ao festejo religioso era associado o festejo profano, público - o lazer, como se diz hoje. Assim, foram sendo destruídos os costumes que hoje já não se usam mais no sentido puro antigo, mas teatralizado, o que destrói o folclore e se torna autêntica palhaçada, produtora de incultura. Assim, veiamos os festeios originais:

Festejos com o boi

Tanto em Portugal como, depois, nas ilhas dos Açores, o boi sempre foi obieto de festejos religiosos ou profanos, como as célebres corridas de touro, versão um tanto diversa das touradas d'Espanha. Em realidade, o boi na Europa circumediterrânea, substituía, em certos festejos, o bode explatórios dos ritos judaicos. Como os açoritas não encontraram boi que não os havia, com engenho e arte elaboraram o simulacro. Eis a origem do boi-mamão, — que quer dizer desmamado — que originalmente era só o boi, o toureiro e alguma música e verso com a gaita simples de quatro baixos e a viola portuguesa.

Esta história de boi-de-mamão, boi-de-jaqueta, boi-de-pano, é bobagem grossa, é besteira. As primeiras dancas de boi vieram no período de 25 de dezembro até a Páscoa, já que o culto de boj é um culto pessoal. Era. então, folclore porque de uso anual permanente. Depois, com a vinda dos primeiros bois para a Ilha, e a miscigenação do acorita com os selvígenas e pretos, foi se criando uma alma mística, e a danca do boi, como ritual, chegou por algum tempo, a ser rito de cura das criações bovinas. Então, já havendo cá alguns caprinos e cavalos foram adidas as figuras do vaqueiro a cavalo, a cabra e o feiticeiro ou rezador, tão ao gosto das almas dos místicos matutos. Portanto, a danca do hoi, originalmente era com três figuras, depois com cinco. Hoje, dá pena ver a destruição do nosso folclore com o tal boi-de-mamão seguido d'um séquito de urubus, bernúncias, jaraguás (que diabo disto será isto?), ursos, maricotas, etc., numa autêntica caterva de palhacada, tendo como fundo uma cantoria sensaborona e vazia, oca como o tal boi-de-mamão. Oxalá alguém restaure o verdadeiro boi-mamão acorita.

Terra dos Santos Reis

Como da tradição mais antiga da Igreja Romana, as figuras de homens nas procisões eram representadas por mulheres, assim os Santos Reis eram representados por três damas vestidas a caráter real, seguidas de três cantadores com viola portuguesa, gaita de quatro baixos e bumbo, este herdado dos pretos. O grupo visitava, desde a véspera de Natal até o dia 6 de janeiro, as casas da vila, onde anunciavam a boa-nova do nascimento de Cristo, e eram alvos de homenagens e festas. O festejo durava treze dias e, pois, em treze noites os Santos Reis visitavam todas as moradias locais. As visitas começavam ao Ângelus e iam até a meia-noite.

Bandeira do Divino

Os festejos da Santíssima Trindade eram precedidos e anunciados pela romaria da Bandeira do Divino. A bandeira, vermelha, ornada de ouro, ficava num mastro em cujo topo estava uma pomba metálica, representando o Divino Espírito Santo. Era a bandeira portada por uma senhora

da paróquia que se fazia acompanhar de salva, (geralmente valiosa peça de prata), e três tamboreiros. Curiosos ou devotos formavam o cortejo posterior. A bandeira ia de casa em casa da vila onde era recebida com grande devoção. Os moradores beijavam a pombinha Espírito Santo e colocavam esmolas na salva. No dia do Patronato da Santíssima Trindade, 11 de julho, eram coroados, festivamente, os imperadores do ano seguinte. A parte profana dos festejos eram as barraquinhas, onde se bancavam jogos de sorte, havia arrematação de promessas de massas, pequenos banquetes de leitões assados, aves, etc. Duravam os festejos três dias e a renda dos jogos e arrematação e jantas revertiam para a paróquia. Era festejo muito bonito e concorrido.

Aleluia ou Festa de Malhação

Já na Sexta-Feira Santa, nos moirões da cerca da vila, apareciam bonecos de pano cheios de palha, geralmente com um letreiro pendurado no
pescoço, onde constava o nome de Judas Iscariotes ou de alguma pessoa
não muito apreciada na localidade. Ás nove horas da manhã, os sinos da
igreja anunciavam o rompimento da Aleluia. Então começava a malhação do Judas, no Sábado, que era incendiado e arrastado pelas ruas e
malhado a pau pelos guris, que assim festejavam até às badaladas do
meio-dia, quando todos se recolhiam para os cultos religiosos do Domingo da Ressurreição.

Festejos Juninos

Esses festejos são de oragos universais da comunidade cristã, desde os dias mais remotos. Na Ilha, os santos de junho tinham certos cultos e festejos, hoje esquecidos ou às vezes relembrados distorcidos.

Santo Antônio, o casamenteiro, era, na velha Mei-en-Bipe cultuado com certos mistérios e misticismo. Assim, toda casa tinha seu oratório ou capela, onde estava o Santo Antônio. Seu dia era festejado com sortilégios e sorte. E ás vezes, conforme o caso, a imagem do Santo era maltratada, como o fazia e ainda fazem os italianos; era amarrado de cabeça pra baixo, dentro do poço, ou nas vigas do telhado; assim, diziam, apressavam o Santo a atender os pedidos. Depois, havia, à noite, os serões de sortes e simpatias. São João, o batista. O ritual das fogueiras. Quando São João Batista nasceu, sua mãe mandou acender uma fogueira, no quintal, para anunciar aos parentes, que moravam distantes, o nascimento do menino. Esta é a origem verdadeira da tradição da noite de São João. Na Ilha, São João era festejado em todas as vilas com grandes fogueiras, onde se assavam para alimento raízes da terra (inhame, bata-ta-doce, cará, aipim, taiá) e dancavam ao derredor do fogo até alta

madrugada. Havia o jogo do pulo da fogueira; havia a busca da flor do feto do mato, (espécie de samambaia), cuja flor só se abria à meia-noite e quem as colhesse ficava rico. Havia sortilégio. São Pedro e São Paulo, noite papal, eram muito respeitados. Havia o culto mágico do "Quo Vadis?"

Era assim: À meia-noite, a pessoa formulava um desejo, enchia a boca de água, e saía escutando as portas da vila. Alguém diria uma palavra dentro da casa que era a resposta ao seu pedido. O rito deve-se a São Pedro estar fugindo de Roma e ter-lhe aparecido Cristo que lhe perguntou: Quo Vadis, Petrus?

De modo particular, havia datas certas das festas religiosas do Patrono da vila, com procissão da imagem do santo. E o Natal que era festejo íntimo da cada lar. A nível contemporâneo não temos manifestação de usos e costumes que possam ser definidos como folclore.

É necessário, pois, irmãos folcloristas, apurada observação aos usos de hoje para determinar os três parâmetros que tornam uma manifestação popular folclore real:

A - Constância e repetição e datas certas.

B - Objetivo místico, definido e cultuado pelo povo.

 C — Determinantes filosóficos e sociológicos com explicação dos usos e costumes. Camadas populares onde o rito se cumpre.

 $\acute{\mathbf{E}}$ isto. No mais, o resto se me parece pura imitação, sem valor sociológico, sociomítico, folclore.

POMBEIROS ILHÉUS

Nesta nossa Mei-en-Bipe, dos antigos Carijós, que o poetinha do brejo cantava como "Ilha dos Casos e Ocasos Raros" e que eu nomeio "Terra do Já Teve" aconteceram cousas notáveis, bases da sua história, hoje, por estarem já desaparecendo os matutos, herdeiros naturais dos selvígenas, caídas, quase ou totalmente, no esquecimento. Nunca foi realizado um estudo sociológico sério, — será por falta de conhecimento do positivismo comteano por esta bandas? —, sobre a agricultura e o comércio ilhéu nas suas origens, até 1950, quando tudo começou a ser retirado das mãos puras e do uso e costume do povo para as garras aduncas e gananciosas dos privilegiados comerciantes, que até polícia têm para fiscalizar o crédito, a redundante proteção ao crédito, que, em verdade, não protege o crédito das pessoas, mas garante, sob a coação do "não pagou não compra", a Shilokeana cobrança dos vendedores à prestação.

Pois muito bem. Havia na Ilha a figura do Pombeiro, comerciante de compra e venda, e troca também. Não era um ganancioso atravessador de hoje, este monstro que compra do matuto a preço de miséria e revende a valor de fortuna, sob as vistas grossas do fisco que, parece, ainda existe. Mas os Pombeiros eram figuras magníficas; negociavam a fartura e carregavam o progresso lento, pacífico às vilas e aldeias felizes. E deveria haver numa praca qualquer um monumento ao Pombeiro ilhéu. A pombeiragem era uma arte, uma honraria até. Dizer que o "Seu João era pombeiro" dava-lhe status social posição e respeito civil e nomeada nos festejos paroquiais mais altos. O Pombeiro não era, pois, um lheguelhé qualquer, como existem hoje os de placa na porta e casa montada. Donde vem a denominação Pombeiro? Das carroças desses mercadores de porta a porta, de vila a vila. Eram montadas como pombais cheias de divisões, caixas, armários, depósitos, tudo coberto com toldo, como as antigas maxambombas do Sul, que aqui não as havia. Primeiro os toldos eram feitos de palha, sapé e ripas de bambu, mais tarde era de madeira fina, como teto, em forma de "duas águas"; depois, já neste século, com o aparecimento do pano encerado, a lona, passou a ser feito um "toldo" em forma semicilíndrica; eram arcos de madeira e sobre ele a lona. A carroça do Pombeiro era um mundo misterioso e até maravilhoso para o matuto que esperava o Pombeiro como um ser incomum, capaz de resolver qualquer problema ou aflição. Os Pombeiros tinham dias certos e roteiros exatos de passar

nos povoados, póvoas, — lugar com 10 a 15 casas —, e vilas, de modo a não interferirem uns com os outros; assim, paradoxalmente, os Pombeiros concorriam entre si, indiretamente. E outra cousa, tinham a notável inteligência de comércio: acertavam encomenda para ser atendida por outro Pombeiro; levavam e traziam recados e encomendas. Mas, como negociavam? Ora, maravilhosamente bem. Vendiam, compravam de quem queria vender e escambavam também, isto é, faziam escambo ou troca de mercadoria por mercadoria. Assim, era comum o Pombeiro chegar na póvoa e trocar saco de farinha de mandioca por metros de pano; trocar aves, pombos, galinhas, ovos por outras mercadorias, que, depois, vendia adiante. Os Pombeiros eram portadores de novidades e costumes dum lugar a outro. Logo, o Pombeiro não era um simples comerciante, mas um notável fenômeno sociológico de relações e comércio livre. Quando guri, ali no Saco Grande muitas vezes assisti pessoas conversando com "Seu João Pombeiro".

- Sô Juão, qué dá recadu pro sô Chico Pombeiro prá mi trazé 10 braça de xadrez, quandu vié?
- Sim, sóra dizia o Pombeiro e não procurava vender ou trocar pano xadrez que ele também trazia na carroça.

Ou outro diálogo:

- Sô Juão, qué mi trazê esti remédo da farmaça da cidade?
- Sim, sóra.

E o Pombeiro era sempre recebido com festa. Tomava café, almoçava, jantava como visita de importância. E o mais importante, recebia e dava presente.

Outra cousa criada pelos Pombeiros, e conservada pelos vendeiros até 1950, era a Prenda da Conta. As pessoas compravam a caderno, em conta mensal: quando iam pagar o caderno, o vendeiro dava um presente. (Hoje o miserável comércio cobra é juro por minuto de atraso). Era uma lata de conserva, uma fatia de charque, etc.

Outra criação do Pombeiro ilhéu foi a dúzia cheia ou dúzia de 13 peças, sendo a 13a. inhapa, uma palavra carijó que quer dizer presente amigo.

As belas criações dos Pombeiros ilhéus estão quase esquecidas. E o mais incrível é que muitos Pombeiros que conheci terminavam seus dias ricos e estimados.

Depois, pouco a pouco, os atravessadores foram liquidando os Pombeiros com a ajuda de taxações, dos fiscais, do diabo a quatro. O que matou realmente a Pombeiragem ilhoa, cedendo lugar aos gananciosos atravessadores, foram os alvarás de ambulantes.

Quanta saudade dos Pombeiros ilhéus, esses magníficos impulsionadores do progresso, da riqueza e da harmonia de viver.

Havia até, nos serões ilhéus, quadras de sete, festejando Pombeiros que eram tidos e havidos por heróis benemerentes.

RECORDO:

Lá vem sô Juão Pombero Vem trazeno as nuvidadi qui circula pelu mundu e já chegô na cidade.

Incomendê pru pombero quandu vié da cidadi mi trazê uma viola pra cantá minha sodadi

O Pombero incomendô partida de farinhada já tá tudo nas barrica isperanu imbarcada

Metadi dessa farinha dinhero vai sê pagada i pela otra metadi mercaduria trocada.

Era bela a vida ilhoa: — Bucólica, farta, humana — e, como matuto ilhéu, chego, de saudade, pa oito-baixos da lembrança a cantar:

Sodadi, quanta sodadi daquelis tempu qui vão nossa ilha tinha vida mas hoje é só inlusão.

A. Seixas Netto

FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO – ORIGEM

Prof. Nereu do Vale Pereira L. D. em Sociologia UDESC/UFSC/CC FOLCLORE

Remonta ao século XII, em França e Alemanha, o aparecimento das confrarias (irmandades) do Divino Espírito Santo que se dedicaram, continuamente, às obras de caridade (1).

Esta notícia extraída de vários autores portugueses do continente-metrópole ou das ilhas dos Açores e Madeira, contudo, tem pouco a ver com as tradicionais festas brasileiras, dedicadas ao Divino Espírito Santo.

Em nossas comunidades litorâneas catarinenses, e que tiveram forte influência da cultura açoriana durante os séculos XVIII e XIX, esta festividade se reveste de um ritual rebuscado e longo, constituindo-se hoje, de um misto de acontecimento religioso-profano e folclórico.

Por isso falam harmônica e integradamente a alma da fé e a alma do povo. Àquela, pela liturgia e calendário ou ano litúrgico (data da festa de Pentecostes) católico; enquanto esta, pela criatividade, interpretação e vivência do misticismo popularesco.

Assumem as festas do Divino Espírito Santo, ou melhor, para sermos fiéis as origens açorianas, festividades do "Santo Espírito" ou ainda "Impérios do Divino", um conjunto de funções sociais que vão desde a exteriorização da religiosidade, passando pelo exercício da caridade, o pagamento de promessas (massas em forma de órgãos ou membros do corpo humano), à lúdica, à sátira, à quermesse, à brincadeira (folia) ou diversão pública, até a renovação de um encontro com o "imperador e a imperatriz".

Em Portugal, depois Açores, as origens da Festa do Divino com a bandeira peditória, a cantoria (folia ou foliões), o imperador, a santa missa, os três dias de festejos e jogos populares, com queima de fogos, etc., são atribuídas à corte durante o reinado do Imperador Dom Diniz, o lavrador, no período 1261/1325.

"De subido relevo e de suave ternura, fundadas pela Rainha Izabel – a santa – (2), destaca-se o festejo do Espírito Santo, que tudo leva a crer teria iniciado em Coimbra ou em Alenquer.

A Rainha, no desejo de mover o augusto soberano esposo a tornar-se humilde, no exercício de suas altas funções, pediu-lhe licença para coroar o primeiro mendigo que encontrasse na capela à hora tércia, quando se oficiasse ao Divino Paráclito.

Nesse dia, a corte assistiu ao insólito espetáculo. (Aqui a correlação entre o imperador da festa que é coroado, o mendigo ante o rei, o casal de adolescentes vestidos em réplica ao Imperador e à Imperatriz).

Um pobre velho de pedir, todo andrajoso e descalço, subir os degraus do trono real, e, por certo, tímido e confuso, nele foi tomar acento, a um gesto do "mestre-sala". Depois, o Bispo tirou a coroa de cima da credência, a fim de a pousar na cabeça do mendigo, ajoelhado sobre rica almofada de veludo carmenim, entoando-se nesse instante o "Veni Creator Spiritus".

E, no meio de rolos de incenso e de graves salmodias, rezou-se missa solene, finda a qual se organizou luzida procissão, em que o mendigo coroado era recebido em triunfo como autêntico imperador.

De fato há outra versão. A Rainha teve um sonho estranho, quando a corte estanciava em Alenquer, no ano de 1321. Em certa noite, chegou a ouvir uma voz divina que lhe recomendava a construção da primeira igreja invocada ao Espírito Santo. Assim, logo pela manhã, depois de sua missa, ao sair para o local do sonho, em companhia de alguns Padres e Juízes (aqui a causa do nome de juízes da festa), todos viram os alicerces construídos sobre agudos mistérios e prodígio" (3).

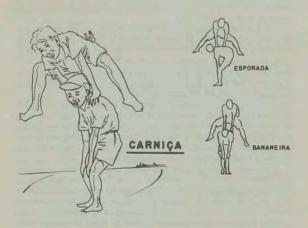
Outra informação diz: "A solenidade do império, do qual ela e seu marido, para celebrar a Festa do Espírito Santo foram os inventores primeiros. E porque, a seu exemplo, o mesmo império se usa, em muitas partes, brevemente escreveremos as cerimônias dele. Dia de Páscoa, pela manhã, entra na nossa igreja o que há de ser imperador, assistido por dois Reis, e todos acompanhados da nobreza e povo, com três pagens que lhe trazem as coroas, uma das quais deixou para este ato a Rainha Santa (4)".

Todos os demais folguedos e festejos, hoje encontrados nas festividades do Divino Espírito Santo, foram resultados de constantes acréscimos ao longo do tempo, sofrendo variações, sem romper a antiga tradição da organização, em nome do Imperador D. Diniz e da Imperatriz Santa Izabel; um império com a coroação de pessoas simples da comunidade para, ao longo de três dias, distribuir caridade, benesses e determinar folguedos.

Fica, assim, com efeito, este artigo, de se não repetir erros grosseiros e imperdoáveis como o de se transformar o Império em festa da laranja ou ainda o de se afirmar que a Festa do Divino deva-se à presença, em outubro de 1845, de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina em Santo Amaro da Imperatriz. Mesmo porque as épocas de realização e os motivos que levaram o povo a conservá-la como tradição folclórica são as que procuramos determinar.

NOTAS e BIBLIOGRAFIA

- 1 LIMA, Marcelino. Anais do Município da Horta (História da Ilha do Faial) Oficinas "Minerva" 1943. p. 487
- 2 Rainha Izabel de Aragão (Santa Izabel canonizada em 1651), casada com Dom Diniz, Rei de Portugal, em 1282. Faleceu em 1336.
- 3 Figueiredo, Jaime de. Impérios Marienses, Folciore Açoriano. C. de Oliveiro Limitada Editores. Lisboa 1957. pp 22 a 24
- 4 Esperança, Frei Manuel da. História Seráfica da Ordem dos Frades de São Francisco, Parte I e, conforme:
 - Lacerda, Correia de. História da Vida, Morte e Milagres da Rainha Santa Izabel. p. 185 e, ainda:
 - Lima, Marcelino. Op. Cit. p. 489
- 5 Frutuoso, Gaspar. Saudades da Terra. Ponta Delgada. Tipografia do Diário dos Açores 1926.
- 6 Almeida, Gabriel de. Festa do Divino Espírito Santo. Dicionário Gráfico e Histórico dos Açores 1893.



CULINÁRIA REGIONAL DE SANTA CATARINA

Doralécio Soares

Dando prosseguimento à divulgação da "Culinária Regional" de Santa Catarina, damos neste número algumas receitas de "doces" da cozinha teutobrasileira, de autoria da Sra. Isabela Affonso Zschoerper, cujos pais emigraram para o Brasil, vindos da Baixa Saxônia (Alemanha), no século 19.

Diz D. Isabela que os doces e bolos da cozinha alemã são deliciosos, com receitas as mais diversas. Em muitos dos bolos, se usam Rum, licores, etc., sendo a maioria recheados, que os torna uma gostosura.

MANDELTORT - Torta de Amêndoas

Forra-se uma forma de abrir com uma massa preparada com 1/2 quilo de farinha de trigo, 300 g de açúcar, 3 gemas de ovo, 250 g de manteiga ou margarina, uma pitada de sal e algumas gotas de esséncia de améndoas e 2 colheres de chá de fermento em pó. Abre-se a massa com o rolo e forram-se o fundo e os lados da forma. O recheio é preparado com 300 g de amendoas que se escaldam para tirar a pele, estas são raladas ou moídas. Casca ralada de 1 limão, 250 g de açúcar, misturando-se às claras batidas em neve. Esse recheio fica como um tipo de purê. Coloca-se a metade em cima da primeira massa, cobrindo com mais uma camada e em seguida outra de recheio. Para arrematar a torta, corta-se em tiras de massa em forma cruzada, e vai ao forno para assar. Depois de assada, pincela-se com água açucarada.

WEBER FELTKUCHEN - muito conhecido como Orelha de Porco

Prepara-se uma massa com 5 ovos, 5 colheres de açúçar, 50 g de manteiga, 1 pacote de açúcar de baunilha, 1 pitada de sal, 1 gole de Rum, 1 colher de chá bem cheia de fermento em pó, e farinha de trigo, quanto o necessário, para poder enrolar a massa como para nhoque. Corta-se em pedaços de 3 a 4 centímetros e frita-se em gordura bem quente. Povilha-se com açúcar e canela. Guarda-se em lata bem fechada, conservando-se por muito tempo.

WEINACHT-STOLLEN — conhecido como Pão de Santo Antônio. (Especial para festa de Natal).

A massa é feita, com 500 g de farinha de trigo, 1 pacote de fermento em pó, 200 g de açúcar, 1 pacote de açúcar de baunilha, 1 pitada de sal, algumas gotas de essência de baunilha, limão e amêndoas amargas, bem como um pouco de Rum-aroma. Essas essências encontram-se no comércio, e são da marca "Cabeça Branca". Junta-se 1 ponta de faca de cravo moído e nosmoscada, 2 ovos, 125 g de manteiga ou margarina, 50 g de gordura de porco, 250 g de ricota (Quark), 125 g de passas, 125 g de frutas cristalizadas, e 125 g de nozes ou castanhas.

Assa-se em assadeira em formato de pão, em forno brando, durante 45 minutos.

Ao retirar do forno, pincela-se com 50 g de manteiga, cobrindo-se com 50 g de glaçúcar.

MILCH-REIS - Arroz Doce

Esta é uma sobremesa simples, mas muito apreciada. O arroz pode ser cozido com leite, juntando-se casca de limão ou canela em pau, ou cozido com suco de laranja e ainda enriquecido com leite condensado e gemas de ovos. Acompanhado com frutas secas cozidas ou em compota. É uma sobremesa sempre bem recebida.

QUARK-TORTE - Torta de Ricota ou Requeijão

Essa se prepara da seguinte maneira: Faz-se uma massa comum de torta, forra-se uma forma de abrir, levantando a massa na borda uns dois dedos. A seguir, prepara-se o recheio. Este é um pudim com 1/2 litro de leite, 2 gemas, 3 colheres de sopa de maisena, açúcar a gosto, 1 pitada de sal, essência ou açúcar de baunilha, raspa de limão e um pouco de nosmoscada ralada. Depois de pronto o pudim, juntam-se 750 g de ricota fresca e passada na peneira, dando ainda uma leve fervura. Tira-se do fogo e junta-se às claras batidas em neve. Deixa-se esfriar um pouco para depois cobrir a massa com esse recheio. Pincela-se com uma gema misturada com um pouco de leite. Assa-se, em forno regular, durante 40 minutos. Pode-se enriquecer esta torta, juntando-se ao recheio passas e frutas cristalizadas.

WEINKUCHEN - Torta de Uvas Pretas

Para se fazer essa torta, usa-se uma massa comum de torta, forrando uma forma de abrir, também levantando nas bordas de um a dois dedos. As bagas de 1/2 quilo, uva preta, devem ser bem lavadas e a açucaradas, colocando-se sobre a massa e cobrindo-a com a tradicional farofa doce, que se prepara com farinha de trigo, açúcar, manteiga ou margarina, 1 pitadinha de sal, bastante canela em pó e um pouco de nosmoscada. Em seguida, assa-se em forno regular.

HUM MEL FORTE - Torta do Céu

Para a massa são necessários os seguintes ingredientes: 375 g de manteiga, 180 g de açúcar, 375 g de farinha de trigo, 2 gemas e 1 ovo, 1 pacote de açúcar de baunilha, 2, 1/2 colheres de fermento em pó. Assar em três camadas,

cobrir com clara batida em neve como suspiro. Recheio e cobertura com nata, cobrindo com nozes moídas.

HONIH KUCHEN - Bolo de Mel

Prepara-se com 350 g de farinha de trigo, 125 g de açúcar, 2 colheres de sopa de manteiga, ou margarina, 1 xícara de leite, 1 xícara de mel, 1 colher de chá de canela em pó e 1 de cravo moído, 1 colher de chá de bicarbonato dissolvido em mais 1/2 xícara de leite morno, 150 g de passas e 50 g de amêndoas ou castanhas, torradas e picadas. Em seguida, coloca-se numa tigela a farinha e o açúcar, etc. Bater até desmanchar a manteiga, depois juntar o bicarbonato dissolvido no leite, juntar passas e castanhas. Assar em assadeira untada e polvilhada por mais ou menos 40 minutos. Cobre-se com glaçúcar misturado com um pouco de água gelada e suco de limão. Essa massa pode-se bater no liquidificador.

Estas receitas são apenas uma pequena mostra das muitas receitas que foram trazidas por nossas avós, quando emigraram para esta terra maravilhosa e hospitaleira, que a todos recebe de braços abertos.

DANÇA DA QUADRILHA NAS FESTAS JUNINAS

Sônia Maria Copp da Costa

Para a Dança da Quadrilha, são necessários pares. Normalmente uns dez. Nas Festas Juninas, se caracterizam como caipiras, de preferência bem arrumados. Entram em pares dançando a música apropriada, tipo arrasta-pé. Depois se separam: damas para um lado, cavalheiros para o outro.

Os cavalheiros cumprimentam as damas com os seus chapéus. Depois é a vez das damas cumprimentá-los com seus lindos lenços. Retornando a seus lugares, fazem o "travessê", isto é, damas pra lá e cavalheiros pra cá. Ao se cruzarem no centro, passam um pelo outro, sem passar dois pelo mesmo espaço.

O "balancê" é feito de diversas formas: as damas podem ajoelhar-se e os cavalheiros vêm e rodam em volta delas; ou os cavalheiros vem e cruzam os braços para fazerem o giro. Para formar o túnel, ambas as alas procuram o centro da pista e com as mãos ao alto, tocam as do companheiro para iniciarem a evolução do túnel; quando o primeiro par chegar ao lugar de origem, todos fazem um "balancê" ao centro, e depois se separam. O "garranchê" é a parte mais difícil, pois para ficar mais bonita todos deverão girar à roda e quando o cantador ou chamador disser: "garranchê"! as damas giram para um lado e os cavalheiros para outro, ambos tocando as mãos de todos ao se cruzarem; termina a evolução, quando os pares se encontrarem. Outra parte bonita e difícil é a "coroa de espinhos": as damas fazem roda de mãos dadas no centro, e os cavalheiros fora, quando o chamador disser: Coroa de Espinhos! os cavalheiros cobrem as damas com os braços e todos giram. Os demais movimentos poderão ser improvisados, de acordo com as crianças ou adultos, com os quais se está realizando a quadrilha.

Histórico da Quadrilha

Histórico No. 1

- Origem: Francesa

É uma contradança de salão, em que tomam parte vários pares. A música, sobre a qual se executa essa contradança, exige vários movimentos ou coreografia. Surgiu em Paris no século XVII, como uma Dança Aristocrata, que ini-



ciava os Bailes da Corte na Europa, preferida pela sociedade da época. Foi trazida para as Américas, onde foi acolhida nos salões, efusivamente, e depois foi transferida para o povo que lhe transformou as figuras, lhe anexando novas, fazendo o mesmo com sua música e seus comandos, tornando-a nossa atual Quadrilha.

Histórico No. 2

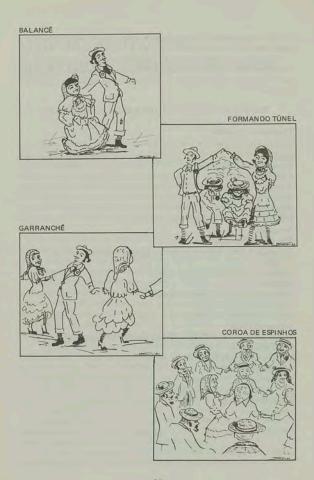
É uma contradança tradicional no Rio Grande do Sul, apresentando uma vestimenta com colorido todo especial, o que dá um aspecto pitoresco aos seus participantes. É uma dança conhecida em todo o país, e apresentada como sátira aos bailes da alta sociedade, nos bailes caipiras do mês de São João.

Tomam parte vários pares, apresentando diversos movimentos de pernas e braços. Como é sempre apresentada em épocas de Festas Juninas, sua apresentação é sempre executada com duplas, procurando satirizar o nosso caboclo, o nosso caipira, hoje já não tão caipira como no passado. Sendo a sua execução sempre com duplas, obedece a uma coreografia própria, variando sempre o seu instrumental, entre viola, violão, gaitas de fole e o acordeão.

Histórico No. 3

Trazidas pelos portugueses, as festas em devoção a Santo Antônio, o "casamenteiro", a São João e São Pedro, tiveram grande brilho em todo o Brasil há algumas décadas, estando no presente em fraca decadência.

As festas de São João ainda continuam, notadamente nos estados do norte e nordeste do Brasil. Não têm aquela animação e o brilho do passado, mas mesmo assim brinca-se de norte a sul, de leste a oeste. O dia 23 de junho, véspera de São João, considerada a noite mais longa do ano, pois coincide com a passagem do outono para o inverno. O frio justifica as fogueiras os quentões, as batatas-doces, assadas no braseiro das fogueiras. Os fogos de artifício, as bombas e os balões multicoloridos. Os violeiros e sanfoneiros, alegrando as noitadas; onde mocas e velhas se entregam às sortes para prever o futuro, por ser uma noite profética. É a sorte da lâmina da faca introduzida na bananeira, que ao retirá-la vem com o nome do futuro esposo. É a da bacia com água, em cuia borda se colocam pequenos papéis com o nome do homem que a moca deseja casar, e ao se colocar um barquinho de papel dentro da bacia, se movimentando a água, o barquinho ao parar de proa, em um dos números, indica o nome do futuro esposo, se acontecer não parar em nenhum desses, o resultado é negativo. É a cera de velas derretida, derramada na água de uma bacia, formará o nome do homem com quem a pretendente vai casar. e inúmeras outras. . .



Convém não esquecer dos mais variados bolos, canjica, pé-de-moleque e o milho verde assado na fogueira.

Dança-se o fandango, sapateado, quadrilha, marchinhas, xotes, etc., até à madrugada fria de junho, cuja fogueira torna amena a noite de São João, que ao apagar-se, apaga também o entusiasmo, quando o sono toma conta de todos.

SEQÜÊNCIA DA EVOLUÇÃO DA DANÇA DA QUADRILHA

Formando a Quadrilha

Entrando aos pares. Separando.

Cumprimento dos cavalheiros.

Cumprimento das damas.

Travessê – duas vezes.

Balancê dos cavalheiros.

Balancê das damas.

Formando o túnel - "balancê" de volta ao centro.

Separando.

Vou passear com meu benzinho!

Garranchê — damas param e cavalheiros dançam tocando as mãos de todas.

Vou dançar uma marchinha com meu par!

Separando.

A caminho da roça! Formando a roda!

- Aí vem chuva! É mentira!
- Olha! O velhinho está passando!

Formando a roda.

Damas por dentro e cavalheiros por fora - todos de mãos dadas.

Coroa de espinhos

Desmanchar a coroa de espinhos.

A caminho da roça!

- Aí vem chuva! É mentira!
- Vou passear com meu benzinho,

Separando em pares.

Despedindo-se.

Fim

ALGUMAS ANOTAÇÕES FOLCLÓRICAS DO EXTREMO OESTE

Paschoal Apóstolo

Quem teve oportunidade de conviver com a população do meio rural do interior do extremo oeste do Estado de Santa Catarina, de Chapecó às barrancas do Peperiguaçu, na divisa com a República Argentina, conheceu o rico folclore daquela região. Mas para aqueles que não têm referência, acreditam que tivesse sido habitada unicamente por primitivos indígenas, destaca-se que lá se encontra erguida, pelo braço do colono trabalhador, uma das regiões mais prósperas do Estado. Esse celeiro agrícola foi construído por trabalhadores rurais, descendentes quase que na sua totalidade, de imigrantes alemães e italianos.

Evidente que esses imigrantes, que de tão longe se deslocaram para fincar suas raízes naquele solo agreste, tenham trazido consigo as suas tradições, passando-as de pai para filho, num processo oral. Esse o motívo pelo qual tais costumes permanecem tão vivos como eram no princípio do século.

A título de posicionamento histórico, destaca-se que o extremo oeste, no passado, antes de ter sido parte integrante do Território do Iguaçu, quando era constituído de campos e matos silvestres, viu os primeiros imigrantes ingressar em suas terras pelas margens do Rio Uruguai, ocasião em que foram se formando as primeiras "Linhas", com os nomes de Passo-Bormann (hoje Chapecó), Passarinho (Palmitos) e Porto Feliz (Mondaí).

Próximo de Itapiranga, instalou-se a colonização dos russos-brancos, na Linha Riqueza. Em São Carlos, ficaram os alemães católicos e em Palmitos, os protestantes. Em Caibi e Caxambu, ficaram os italianos. Esses primitivos pontos de colonizações ramificaram-se por todo o extremo oeste, povoandose as férteis terras dos Rios Peperi, das Antas e Chapecó, que verticalmente desembocam no Uruguai, que faz divisa do Estado de Santa Catarina com o do Rio Grande do Sul.

Lavradores todos eles, com seus instrumentos primitivos e manuais, conseguiram limpar colônias e mais colônias de terras, transformando matas e campos numa região rica em cultura de grãos e suínos.

Viajando pelas pioneiras linhas de ônibus que ligavam lugarejo a outro, tinha-se oportunidade de notar tais costumes, principalmente quando a colônia era de alemães, com o motorista, cobrador e passageiros, de maneira natural, falando e conversando no dialeto que só eles conheciam.

Desses colonos alemães, guarda-se ainda hoje a tradição havida de seus ascendentes imigrantes, de festejar o fim da colheita. Tratava-se da "Feste dos Kerps" que se prolongava por vários dias, com divertimentos de todo gênero, missas, rifas, brincadeiras, bailes, muita cerveja e música tradicionalista. Marcada a festa, geralmente em maio, depois de ultimadas as colheitas, essa paralisação comemorava a boa safra. Era a ocasião em que todo colono vinha do interior para a cidade, para participar desses três dias de festas e reencontrar amigos e parentes que residiam em lugares distantes, trocando idéias e conhecendo-se o que se produziu. Era a oportunidade em que moças conheciam rapazes e, em meio a tanta festa e danças, novas alianças familiares se constituíam.

Já entre os imigrantes italianos, que entre suas culturas também incluíam as vindimas, destacavam-se os encontros por ocasião do fabrico do vinho. Geralmente em janeiro, quando a uva colhida, antes que o suco ficasse avinagrado, produzia-se o original suco de uva. Para que se provasse desse suco, convidavam-se amigos, e nessas pequenas festas, carneava-se porco, que era assado no próprio forno de fazer pão, no quintal da casa. Era servida a "graspa", bebida destilada, originada do vinho, muito forte, preferida dos idosos. Nessas reuniões, de encontros fechados, os colonos italianos passavam a conversar, entre si, apenas em italiano. Ao contrário dos alemães que falavam, em qualquer lugar em seus dialetos, os descendentes de italianos guardavam para si a língua-pátria, jamais utilizando-a, quando presentes se encontravam pessoas de outras raças e descendências.

Costumavam-se cantar velhas canções há muito desaparecidas na Itália, mas que ainda vivem, pela tradição e pelo folclore, no seio dos colonos italianos.

Entre as cantigas nostálgicas destacava-se La Virginella e Massolin dei Fiori que, com o passar dos tempos, passaram a sofrer pequenas alterações, de região para região.

LA VIRGINELLA

La Virginella non posso trovare La Virginella non posso trovare

So lo mi basta que la soi bela tchomba ra ri ra rela e viva l'amore! Notri italiani soi bravi soldati Notri italiani soi bravi soldati tota la notte de sentinella tchomba ra ri ra rela e viva l'amore!

Havia ainda cantos italianos em gíria acaipirados, da seguinte forma:

Non, non dá el vecho Trivilin le bell que mal tha pá!

(Não, assim não dá o velho Trivilin estava mal pegado)

Sobre a velha partida de italianos para o continente africano por ocasião da Grande Guerra; sobre as lutas relembrando a unificação italiana; e sobre Victor Emmanuel, permanecem vivas uma série de cantigas a esse respeito, que são tagareladas por seus descendentes, folcloricamente.

Entre os esportes preferidos nos fins de semana, quando descansavam da luta da lavoura, destaca-se o bolão, entre os descendentes de alemães, e a bocha, entre os italianos.

Estes jogavam também "la mora", com os dedos, em volta de pequena mesa quadrada. Quando o jogo terminava, estavam com os dedos sangrando e o entusiasmo era tanto que nem sentiam os estragos na mão. Jogavam também o "três-sete", o "quadrilho" e a "bisca", com um baralho de figuras.



SÃO FRANCISCO DO SUL E SUA CULTURA POPULAR

Amaury dos Santos

São José do Acaraí, antes conhecido por Tapera, é um pequeno vilarejo situado no interior de São Francisco do Sul, SC, distante apenas 10 quilômetros do centro da cidade. Pode-se chegar lá através de uma estrada estreita e cheja de curvas, quase intransitável quando chove.

No povoado os moradores vivem da lavoura ou pesca, havendo um ou dois que se dedicam ao comércio varejista. Nota-se nesse povoado a existência de elevado número de descendentes de escravos africanos que se miscigenaram com os brancos portugueses e espanhóis. A atividade da lavoura oferece aspectos interessantes, como a tão chamada farinhada ou "tarefa", como eles dizem.

Vários engenhos de farinha ou alambique foram, outrora, a atividade predominante de grande número de pessoas que ganhavam o sustento. Gente simples, os taperenses guardam muito de suas tradições, como é o caso do "cangulo", uma cantiga popular.

CANGULO, a cantiga dos primitivos povoadores

Cada raça ou povo, com sua nacionalidade, traz consigo, desde remotas eras, lembranças de suas origens culturais. Sua história, sua cultura, seu folclore. Algumas dessas culturas perderam seus vestígios, apagaram-se com o tempo, envolvidas pela evolução natural dos povos. Outras entretanto, permanecem vivas nas suas reminiscências, deixadas por seus antepassados.

São Francisco do Sul é um dos municípios catarinenses que possui um valioso patrimônio cultural. Registramos um fato de sua cultura popular, iniciado no século passado e permanecendo até os anos de 1935. Nos referimos à manifestação cultural chamada de "cangulo". Uma cantiga de trabalho, cuja origem ainda é desconhecida. Supõe-se que tenha sido trazida pelos negros escravos ou pelos lusos colonizadores.

Contam os antigos, os que ainda se lembram do "cangulo", como Altino Suzarte Maia, 64 anos, morador em São José do Acaraí, "Tapera" a singela e rústica música era cantada por negros e brancos nos mutirões da mandioca, da cana-de-açúcar ou da colheita do arroz.

Na antiga Tapera, os roceiros durante o trabalho cantavam o "cangulo" como forma de manter o ritmo do trabalho ou para afugentar as tristezas, a saudade da pátria distante, além das águas do Atlântico. Eram os negros e portugueses que choravam suas mágoas nas rimas simples e espontâneas do "cangulo".

Conta outro velho morador da Tapera, Sr. Manoel Sebastião Cordeiro, o seu "Cordeirinho", com seus 81 anos, que a cantiga do "Cangulo" era marcada por um "mestre", que cantava a toada principal, rimas cablocas, que ora expressava tristeza ou um sutil sentimento de amor dedicado a alguma moça que participava do mutirão.

Muitas vezes, o "cangulo" servia para transmitir sentimentos pessoais ou coletivos. O "mestre" cantava o tema principal, que poderia ser: "Os meus olhos choram sangue/porque lágrimas não têm". Os demais respondiam o estribilho, em coro: "Ajuê cangulo, ajuê dandão". O "mestre" voltava fazendo o arremate do seu verso, dizendo: "o que tinha chorou tudo na tua ausência, ó meu bem!". De novo, os demais repetiam o estribilho: "Ajuê cangulo..." Os versos refletiam sempre a simplicidade e a pureza da linha melódica, sem preocupações com as rimas, ou outros detalhes. Eles contavam com alma suas vidas nos versos do "cangulo".

Houve época em que os "mutirões" reuniam mais de 100 roceiros cantando o "cangulo" de uma só vez: "cangulo não é peixe/ é a mãe do camarão/", acompanhado pelo estribilho da cantoria. Dizem que o "cangulo" é o nome de um peixe muito conhecido na região sul do Brasil.

André Mateus, um velho negro africano, era na época, um dos mais animados mestres do "cangulo" nos mutiroës dos pais de Altino Maia. Geralmente a cantiga começava de meio mutirão em diante e se prolongava até à hora do café da noite. Todos os roceiros encaminhavam-se para a casa do sítio dos pais de Altino Maia, cantando o "cangulo", só parando à porta. Continuavam a cantar, só parando quando o dono da casa os convidava a entrar para tomar o café. Isto era comum e tradicional entre os cantadores. Diz Altino Maia, que a finalidade da cantiga era manter o ritmo do trabalho, porque enquanto todos cantavam, ninguém conversava, isto é, não se distraíam parando o trabalho.

Recordar é viver

Altino diz que, com muito prazer, ajudaria a cantar o "Cangulo" outra vez, porque "recordar é viver". Outros moradores de São José do Acaraf, quais sejam, os irmãos João, Francisco, José e Manoel Vieira, sabem alguma coisa ainda sobre o "cangulo", que ouviram cantar no tempo de criança. Era comum durante a cantiga, correr de mão em mão, ou seja, de boca em boca,

uma garrafa de cachaça da boa, "lambicada" na Tapera, como disse Manoel Sebastião Codeiro que, em sua mocidade, foi também cantador de "cangulo", um canguleiro, como diziam na época. Outro que também se lembra com saudade do "cangulo" é Germano Inácio da Silva, já com seus 70 anos e que morava no interior de São José do Acaraí. Ele conta que, quem cantava mais o "cangulo" eram os pretos, muitos deles filhos de escravos. D. Antônia Cordeiro Pereira, 75 anos, também se mostrou lembrada do "cangulo", cantando um verso "o cangulo não é peixe/o cangulo peixe é,/o cangulo está na praia/à espera da maré/". Em meio à cantiga, algum "mestre" dirigia um discreto galanteio, em versos, a alguma moça da redondeza, participante do mutirão, lembrou D. Antônia, acrescentando, "Eu sabia tudo sobre o "cangulo", mas agora já esqueci muita coisa. Já faz tanto tempo!"

Pelas informações obtidas, chega-se à conclusão de que o "cangulo" tem certa semelhança com o "spirituals", cantiga dos negros africanos que emigraram para a América do Norte, no tempo da escravidão, e que cantavam suas cantigas na roça, nas festas das vilas, nos enterros, etc. Era o lamento do negro escravo, numa manifestação de saudade, exteriorizando em seus lamentos a vontade de retornar à Africa distante, de onde foram arrancados para trabalhar para os brancos sob o regime escravista. Não se pode duvidar que o "cangulo" do negro brasileiro tem um perfeito relacionamento com o "spirituals" dos nativos africanos e seus descendentes nos Estados Unidos da América do Norte.

DANÇA DO CANGULO

FOTOS: Legendas



Germário cantou o Cangulo na sua mocidade, hoje, só recordações.



Pilando arroz no velho pilão em forma de cálice, é uma tradição antiga ainda viva na Tapera.



A chaleira pendurada a uma corrente, o fogo no chão, uma imagem do tempo do Cangulo ainda presente em nossos dias.



O pequeno povoado de Tapera.



Lavando a louça num riacho, tal qual como nos tempos idos, quando a escravidão era ainda uma realidade.

RENDEIRAS

(Para Doralécio Soares)

Criveiras de São Miguel, rendeiras do Ribeirão. Almofadas de papel, bilros espalhados pelo chão.

Dedos ágeis sem parar, fazendo em várias cores lindas rendas de invejar que lembram mimosas flores!

Pencas de rosa, sapinhos, tramóias e labirintos, beiju de arco e peixinhos. Quantos modelos bonitos!

Qual milagre acontecido surge o ponto variado: perna cheia e torcido, ponto corrido e passado.

O mar é belo e ingrato. A rede peixe não traz. Põe comida no seu prato a renda que você faz!

Rendeiras da bela terra da Ilha de Sol e Mar. Que de encantos encerra o seu cantado falar!

Para o carinhoso e fiel defensor das nossas rendeiras, com toda a simpatia alicerçada numa gostosa amizade que nos acompanha desde a juventude. Florianópolis, 19/9/1978

Sílvia Amélia Carneiro da Cunha

PESQUISA

NASCEU JESUS:

O SINO BATEU

São José e Santa Maria saíram a viajar pra falar com Deus do céu se pudesse coroar Deus do céu lhe respondeu deixao bom ano chegar.

O sino bateu lá no alto da igreja uma luz a brilhar e o galo cantou nós andamos anunciando que o ano novo vai chegar.

Lá no céu tem uma estrela que a todos nos conduz. Nós chegamos nesta casa aqui foi que nasceu Jesus.

25 DE DEZEMBRO

Vinte e cinco de dezembro quando o galo deu sinal nasceu menino Deus numa noite de natal.

Os três reis quando souberam, saíram a viajar cada um com seus presentes pro menino Deus saudar.

Deus te salve casa santa onde Deus fez a morada onde nasceu menino Deus e a Hóstia consagrada.

Nós queremos encerrar obrigado a este povo,

Cantorias de Ternos de Reis

desejando a vocês boas-festas de entradas de feliz ANO-NOVO.

Nós vamos se retirar boa-noite dos três reis desejo felicidades e boas-festas pra vocês

REIS MAGOS

Vamos, vamos, companheiro, já está reconhecido o sinal que apareceu é o filho de Deus nascido.

Os três reis por serem santos saíram a viajar para encontrar o menino que pudesse adorar.

O anjo São Gabriel veio a nós avisar anunciando aos três reis que saíram a viajar.

Guiados por uma estrela saíram a procurar foram chegar em Belém antes do galo cantar.

PRESÉPIO DE BELÉM

Aí menino Jesus nasceu aí no presépio de Belém ai é o filho de Deus Pai que o nosso Senhor tem. Ele nasceu bem pobrezinho sem ter com que se agasalhar para mostrar pra todos nós que todos homens são iguais.

Quando nasce uma criança recebe presente e flor Jesus quando nasceu nos trouxe paz e amor.

CHEGADA

25 de dezembro no presépio de Belém nasceu-vos um bom menino que é o Cristo, nosso bem.

Os 3 reis ofereceram os seus dons ao Salvador; nós também oferecemos estes dons do nosso amor.

Nós iremos ao Oriente adorar o Salvador, pois nós vimos sua estrela a guiar com seu fulgor.

Os 3 reis por serem santos saíram a caminhar para chegar em Belém antes do galo cantar.
O senhor que está dormindo faz favor de levantar, vem abrir a vossa porta pois nós queremos entar.

Ó senhor dono da casa, queira a porta nos abrir, pois nasceu o Rei da glória, nós iremos lhe seguir. graças a Deus que já vi nesta casa luz acesa. parece um dia de festa um domingo na igreja.

Ó senhor dono da casa, sua porta vem abrir, nós trazemos o mensageiro do senhor que há de vir.

Estamos vendo luz acesa é sinal que acordaste. Já estamos esperando a oferta que guardaste.

PEDIDO

Se quiser dar vossa oferta venha nos dar sem demora que o camelo está cansado os reis querem ir embora.

Nos pedimos vossa oferta se o senhor puder nos dar pois o tempo está passando e queremos caminhar.

Obrigado pela oferta, pois queremos ir embora. Fique com seus nesta casa Vamos com Nossa Senhora.

Obrigado pela oferta dada de bom coração. Quando morreres hás de achar lá no céu a Salvação.

Obrigado pela oferta dada de tão boa mente. Nossa Senhora vos guarde, Deus no céu vos acrescente.

Quando cheguei nesta casa botei o pé na calçada. Lá de dentro alguém nos disse que a oferta está guardada. Deus vos pague, meu amigo, pela oferta que nos deste. Seja o céu a recompensa na outra vida e também nesta.

Nossos agradecimentos pela vossa linda oferta ao morrer encontrarás lá no céu a porta aberta.

DESPEDIDA

Boa-noite, meu senhor, E a todos do seu lar Nós iremos nesta noite Os três reis magos festejar.

Canta o galo, nasce o Cristo Não respondeu ninguém Respondeu uma ovelha Cristo nasceu em Belém.

Vês os magos ajoelhados Ofereceram seus tesouros Nós viemos do Oriente Trazendo incenso e ouro.

Guiados pela estrela Nós iremos viajar Pedimos muitas desculpas De ter vindo encomodar.

Eis que o galo está cantando O dia já vai raiar Nós iremos para casa Pois queremos descansar.

Jesus Cristo santifique Esta nossa caminhada E coloque sua estrela A guiar nossa jornada.

TERNO DE REIS

Os três reis quando eram santos Puseram-se a caminhar Para chegar em Belém Antes do galo cantar.

Os três reis quando eram santos Caminharam noite e dia Guiados por uma estrela Daquela maior que havia.

Aqui estou na sua porta em cima do seu terreiro Viemos anunciar O dia 6 de janeiro.

Graças a Deus que já vi luz Nesta casa a luzir Meu senhor dono da casa Sua porta manda abrir.

Graças a Deus que já vi Porta aberta, luz acesa, Meu senhor dono da casa, Mostra a sua franqueza.

A RATOEIRA

RATOEIRA é dança da ciranda-cirandinha, onde a mocidade mostra sua alegria e simpatia ao seu bem-amado ou vice-versa. Formam um grande círculo com movimentos, ora para a esquerda, ora para a direita, e ficando um casal dentro do referido círculo para recitar um verso.

Ratoeira bem cantada Faz chorar, faz padecer

..... Estribilho

Também faz o triste amante De seu amor esquecer

> Choveu no enxuto Choveu no molhado Choveu no meu peito Meu cravo encarnado

CORO VALSEADO

Meu cravo encarnado Meu manjericão Dá três pancadinhas No meu coração

Lá em cima daquele morro Tem palmito e palmiteira Também tem moço bonito Para mim que sou solteira

> A folha da cana a geada matou Lembrança pro mano que a Mana mandou

A moça que é bonita Pelo andar se conhece Tem um passo miudinho Tem um corpo que remexe

> Quem quiser namorar moça Sem o pai e mãe saber Chega na porta e pergunta Se tem ovos para vender

O fiado me dá pena A pena me dá cuidado Para me livrar da pena Não devo vender fiado

> Que me serve Um pingo d'água Num fundo de uma bacia Que me serve querer bem Se não te vejo todo dia

A moça para ser bonita Tem que ter formosura Ter a perna grossa E delicada de cintura

Recolhida, em Navegantes, pelo Sr. Osório Gonçalves Viana, autor do livro "Navegantes e sua História".



O jeito é torcer para que o dia acabe logo

Despachos de macumba, rezas, velas acesas e benzeduras, bem como muitas outras práticas são feiras neste dia para "fechar o corpo" contra o azar desta sexta-feira, 13 de agosto. Saiba a origem desta superstição e como combater o "azarão".

Nem todos se questionam sobre os costimos ataias. Mas muitos tiveram singem em supervições. O antigo habito de da e mao (comprimento) fom como a dança são, provavel nos disas consagrados a Diana para que so se a tose presa facilitativa que os grafos germinassem abitudantemente. O costimo en abitudantemente. O costimo a disas para disas disas perimassem em compresa de compresa

Nem todos se questionam sobre os pessoas vas fembrar de sacinar seus atimes atinais. Mas muitos tiveram esces, segundos om médico ligado a geen em superstições. O antigo orgao da saide noble.

> Autor de om livro sobre os calemdarios primitivos, publicado no anopassado, o professor Seixas Netto lembra outro fato que contribio para a superstição dos malefícios de agosto. No Sul da França, especialmente, o calendario funar de 13

"fatidico". O agricultor Luís Constancia, nascido no micio do seculo ne municipio de São Jose, disse que este nase e um bom més para se contrair nuperas". E acrescentou: "Uma prima de Picadas casos em agosto ha mustos anos e nao fos feliz. Heje ella e vaiva e mora em outra cichade".

Prosseguindo, afirmou "Ues dislalando com um padre, frei Placido, perguntei-lhe: O que tem este més de agosto que dizem que é um mês azaresto? Ele respondeu: Tambem não sei. Mas este é um ditado dos anti-





se decorar as residências no Natal, com arvores, e uma sobrevivência dos ritos magicos da fertilidade. O repouso semanal nasceu da guarda dos dias-tabus, onde era de mau agouro trabalhar ou caçar.

agouro trabalhar ou caçar.
Para o professor A. Sexas Netto
toda superstição e uma sintese do
conhecimento humano, que ele prefere chamar de crença ou misticismo.
Fin outras palavara o astronomo explicou que na medida que as lendas
se tornavam extensas e abrangentes,
as pessoas com o fempo iam sistetizando a narração.

zatiour a narra, ao A crença que sexta-feira. 13 de agosto, e dia do azar resulta de tréreligiosidades distintas, segundo a mento de la companio de la começo da ser considerado faste que começo da ser considerado faste que come de Ele erao primeiro e sel dicipilo Judas Escariotes o ultimo, ou 13.º Lustamente este foi o traidor. Cooperou para difundir esta idéia, a les de Le nacional de la companio de las de Le nacional de la companio de meses terminava em agosto. O primeiro més era bom, setembro, ja o ultimo, era nefasto, de mius agouros. Assim, confirma-se que a superstição é resultado da associação de muitos conhecimentos.

Embora a cren, a no azar de sextileira 13, agosto, seja valida somente no Ocidente ela e o "sincretismo da demologia da idade media: do cristianismo, da astrologia e do calendario lunar". E causa tanta procoupação o





gos: Agosto, més dos desgostos. Na Alemanha, meu pai era alemão, ele dizia que o més de agosto nunca é feliz na vida da gente".

Os supersticiosos que não acenderem velas, não encomendaram rezas, certamente estão precavidos hoje comfigas, chaveiros com um rabo de coelho, trevos de quatro folhas, coruginhas de porcelana ou barro e aricom ferraduras (não nos pês) mas pregadas na cumieira das casas. Cada um se defende como pode. Há so gozadores e preconceituosos que lembram: "Os achegos de uma croula na sexta-feira turam o azar".

OUTRAS SUPERSTIÇÕES Como a situação não anda boa, não deixe sombrinha aberta dentro de casar, pois dá mã sorte e você não casara. Não passe de baixo de escada e nem pise em rabo de gato. Não coloque sapato em cima da mesa.



tando a Santa Ceia. Em 13.º lugar à mesa estava Judas Escariotes.

Antes da divulgação deste quadro famoso, na idade média acreditava-se que às sextas-feiras as bruxas (Sabbat)) realizavam reuniões ou cultos demoniacos. Esta de segunda fonte. E a terceira diz respeito 3 morte de Cristo ter acontecido na sexta-feira. Assim, "os fanáticos associaram estas três idéias e com o passar dos anos foi difundido a idéia do azar deste dia".

Paraleimente, certos fatos desapadáveis que se repetiam anualmente na Europa, mas perfeitamente explicáveis, contribuiram para a difusão ha crença. E da Europa a superitição chego ua Brasil: Esta fatos cram a grande incidência de cazos de pessoas perturbadas mentalmente em agosto, bem como o aumento de cles raivosos. Mas obvisto é explicado pelo significativo aumento de cles raivosos. Mas caamiente da temperatura ma agosto aumento da temperatura ma agosto aumento da temperatura ma agosto



no verão europeu. Até hoje no Brasil se fala que agosto é o mês do cachorro louco. Na verdade todo mês é mês de raiva canina. No Brasil não se procura destruir esta crença porque pelo menos uma vez anualmente as siderado tão desenvolvido culturalmente — não se encontra prédios, casas ou quartos de hoteis com o número 13. É muito comum o número 12-A, substituindo o fatidico 13.

PREVENÇÃO

Por causa deste terror, muitos supersticiosos acenderam velas, encomendaram rezas e benzeduras nesta data. E noi soa poucos que se levantaram com uma grande precoupação: sair da cama colocando no chão primeiro o pe direito, afinal, disse o funcionário público Pedro Constatino, "todo cuidado é pouco neste dia azarento".

No interior, as pessoas não recomendam os casamentos em agosto, tal é o terror com relação a este mês



Em Esteio, o "ecumenismo sobrenatural"

Ponto Alegre - Bern de accordo com a data - sexta-feira, 13 de agosto - escolhida ha um ano especialmente para a realização do Encontro, cerca de nove mil pesaos, entre espiritistas, umbandistas, radioenteistas de energial, religiosos e crentes de energial, religiosos e crentes formado estadam fente de consecuente de consecuente de consecuente de la defencia e em estadam de la companio de consecuente de consecuente de consecuente de consecuente de consecuente de pensamento, inédito no Pots.

O Encontro será desenvolvido no Ginásio Municipal de Esteio (a 22 quilômetros de Porto Alegre), com polestras, que viriam dos discos localores ao ocultismo, feitas por 25 convidados especiais, intercaladas com pronunciamentos de qualquer pes-soa, para os debates sobre "os obentos sobre "os capara con debates con debates con debates con debates con debates con concentrativo de con concentrativo de concentrativo d

grandes mistérios do sobrenatural para quem tem curiosidade e coragem". Segundo o coordenador do

encontro, Juarez Duarte - diretor de um Grupo de Pesquisadores em Esteio e editor de duas revistas sobre o assunto - quase 200 entidades científicas, religiosas, de todas as seitas, e de estudiosos de fenômenos paranormais, de todo o Brasil participarão do encontro, que segundo ele, é o primeiro também no mundo, já que nenhum outro abrangeria todas as correntes de pensamento. Nenhum tema é excluído: entram astronomia, metafísica, parapsicologia, teologia, ocultismo, profecias, pirámides, discos voadores, reencarnação, hipnotismo, religiões, maçonaria, esoterismo, rosa cruz, filosofia, astrologia, entre outros assuntos.

Transcrito do Jornal - O Estado -13-08-82

PROMOÇÃO DO FOLCLORE NA ESCOLA

No ano de 1982, continuaram com bastante interesse promocional as apresentações de folclore nas escolas que integram as várias UCREs.

Em Florianópolis, foi desenvolvido um trabalho de destaque, tendo como finalidade mostrar aos escolares das escolas da grande Florianópolis o valor das nossas manifestações culturais, numa magnífica promoção, no ginásio do Colégio Catarinense. Além de "grupos folclóricos" de escolas públicas, teve a contribuição também dos colégios particulares que se destacaram como as demais pelo zelo e entusiasmo nas apresentações de seus grupos.

Tanto em Florianópolis, como em Joinville, tivemos oportunidade de assistir a essas apresentações. Em Joinville, a promoção foi no Ginásio de Esportes Dep. Ivan Rodrigues, que se encontrava completamente lotado, sendo a promoção coordenada pela DIFID da 5a. UCRE, e também por professores das escolas participantes.

Convém esclarecer, tratando-se de promover o folclore catarinense e brasileiro nas escolas, muitas direções desses estabelecimentos se prendem a promover o folclore de países estrangeiros, muitos dos quais até sem nenhuma vinculação cultural com o nosso país. De fato, são grupos organizados, muito bonitos, mas são de culturas ignoradas por nós.

Assim sendo, o folclore catarinense, rico pela nossa formação étnica, bem como o brasileiro, devem os nossos professores pesquisar o que é nosso e aproveitar esta riqueza cultural que possuímos.

Entre os grupos das escolas que em Joinville se apresentaram, convém realçar o grupo do Colégio Estadual "Almirante Boíteux", de Araquari, que apresentou a "Dança do Cacumbi", baseado numa pesquisa realizada naquele município, onde existe um grupo folclórico autêntico de Quicumbis. Não basta as escolas, para essas promoções, buscaren em livros e enciclópedias, os motivos para os seus alunos se apresentarem bonitinhos, com danças vistosas e muitas vezes improvisadas. O importante é pesquisar e apresentarem o que pertence às nossas raízes culturais.

Mesmo assim, com todos os senões, merecem louvor pelo trabalho desenvolvido nesses festivais.

Doralécio Soares

COLÉGIO ESTADUAL "ALMIRANTE BOITEUX" ARAQUARI - SC

Festa Junina do Colégio Estadual "Almirante Boiteux".

Entusiasmados com o sucesso dos anos anteriores, professores e alunos do C. E. "Almirante Boiteux", do município de Araquari, realizaram sob a direção-geral do professor Jaime Osni Rotermel, nos dias 12 e 13 de junho, a tradicional festa iunina.

No sábado, dia 12 de junho, houve a apresentação do nosso boi-de-mamão pelos alunos da 4a. e 5a. séries, orientados pelo professor de Educação Física, Sr. Francisco José Ramos. Novamente a Maricota surgiu na sua pujança, arrancando risos e aplausos. Durante a festa, houve apresentação de danças folclóricas e regionais, não faltando a tradicional quadrilha, orientada pela professora de Educação Física, Maria Benta Ramos dos Santos.

Neste ano, houve também um baile à caipira, animado pelo Grupo Musical América da cidade de São Francisco do Sul. Durante a semana da festa, os alunos desenvolveram trabalhos artísticos que foram colocados no Mural do Colégio para ornamentação e apreciação dos visitantes. Nos horários cívicos, os alunos apresentaram números especiais para o mês de junho, como o famoso "desafio". Muitas barracas alegraram a festa com comidas típicas. O Centro Cívico Escolar "Tiradentes" elaborou um bazar de roupas novas e usadas e outros objetos, atraindo grande número dos presentes pelo baixo preço dos artigos.

A festa continuou no domingo até às 14 horas, tendo em vista a abertura da Copa do Mundo. Não fotografei o evento, mas estamos anexando alguns modelos de trabalhos sugeridos aos alunos sobre o mês de junho. A capa foi desenhada e pintada pelo aluno Elias L. dos Santos, da 8a. série A, cuios dons artísticos são notáveis.

A festa foi uma beleza. E se Deus quiser, a repetiremos no ano que vem. O Diretor-Geral organizou uma Comissão Interna de Folclore para dinamizar, não só a tradicional festa junina, bem como para atuar na "Semana do Folclore", junto aos professores e alunos, na realização de trabalhos sobre o folclore: redação, danças, artesanato, mitos regionais, medicina popular, colagem, pintura, desenho, etc.

No momento, estamos trabalhando para a apresentação do folclore do Cacumbi, que será levado a Joinville no dia 20 de agosto, folclore este aculturado na região de Itapocu, município de Araquari.

Os alunos estão entusiasmados e estamos contando com a ajuda da Prefeitura, através do Sr. Prefeito Miguel Tito Rosa, da APP do Colégio, pais de alunos e a comunidade.

Araquari, junho de 1982 Sônia Maria Copp da Costa

Folclore Cacumbi - Itapocu - Município de Araquari - Santa Catarina

A apresentação desse folclore, em Itapocu, acontece todos os anos no dia 25 de dezembro. Lá permanece a cerimônia religiosa com toda a sua majestade. Quando nossa Equipe lá esteve, registrou alguns dados sobre a indumentária e evoluções, principalmente aquelas que poderíamos ensinar aos abunos. Segue o registro:

Duas bandeiras, uma rosa e outra azul, contendo no alto do mastro flores coloridas da qual caem muitas fitas. Também a presença de duas pombinas idênticas às do Divino Espírito Santo. Blusa de cetim branca, tipo blusão, colocada dentro da calça que deve ser de preferência na cor verde. Por cima da calça, uma espécie de saiote nas cores azul e rosa quase na altura do joelho. Na cabeça, vai um arranjo, tipo chapéu com flores coloridas, caindo na parte de trâs fitas coloridas. Abaixo do enfeite, fica um lenço de forma retangular, de cetim. Cada elemento segura às mãos uma espada de madeira, sendo a do Capitão diferente e um pouco maior. Dois tambores e pandeiros dão o ritmo desse folclore de origem africana.

Evolução: Duas fileiras seguem as bandeiras que vão à frente. O Capitão começa a cantoria e os demais componentes a repetem. Fazem-se aí as devidas evoluções ao ritmo dos tambores. Continuam os movimentos, sempre com o Capitão cantando e os demais repetindo. A bandeira é em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. As espadas se cruzam, cada uma com a do seu parceiro, exceto a do Capitão, que a segura com as duas mãos. Nos movimentos anteriores, cada elemento segura a espada primeiro atrás, depois com as duas mãos segura-a à frente, fazendo giros e sapateados. Aqui cada um bate com a sua espada na do seu inímigo e o Capitão responde com a dele no chão junto a um dos componentes ou mais.

Despedida: O Capitão levanta bem alto a sua espada e convida todos para saírem, seguindo as bandeiras.

Sônia Maria Copp da Costa



Colègio Estadual Almirante Boiteux- Araquari - SC.

Canto: ISTO É LÁ COM SANTO ANTÔNIO

I
Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Que me desse um matrimônio.
São João disse que não
São João disse que não
Isto é lá com Santo Antônio.
Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Que me desse um matrimônio.
— Matrimônio! Matrimônio.
Blim, blém, blim, blom. . .
Isto é lá com Santo Antônio!

II
Implorei a São João
Desse ao menos um cartão
Que eu levava a Santo Antônio
São João ficou zangado
São João osó dá cartão
Com direito a batizado.
Implorei a São João
Desse ao menos um cartão
Que eu levava a Santo Antônio
— Matrimônio! Matrimônio!
Blim, blém, blim, blom. . .
— Isto é lá com Santo Antônio!



Pintado pela aluna Stela Maris Vanessa Dias 4a. série B

São João não me atendendo
A São Pedro fui correndo
Aos portões do Paraíso
Disse o velho num sorriso
— Minha gente eu sou chaveiro
Nunca fui casamenteiro.
São João não me atendendo
A São Pedro fui correndo
Aos portões do Paraíso.
— Matrimônio!
Blim, blém, blim, blom. . . .



Pintado pelo aluno Everson Gomes 3a, série B

REALIZADO O 13o. FESTIVAL DO FOLCLORE

A Divisão de Educação Física e Desportos da 5a. Ucre promoveu ontem à tarde, no Ginásio Abel Schultz, o 13o. Festival do Folclore, contando com o apoio da Secretaria da Educação, Escola Superior de Educação Física e Desportos e 2a. Divisão de Polícia Militar. Na cerimônia de abertura, todos os estabelecimentos participantes cantaram o Hino Nacional, em seguida foi lida a mensagem de abertura, desfile, e a apresentação dos grupos folclóricos, com cerca de 2.000 pessoas presentes.

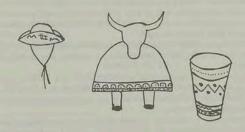
O Dia Nacional do Folclore é comemorado para relembrar as lendas, mitos, contos populares de raças e povos de diversos países ou mesmo regiões brasileiras. Do Festival participaram alunos de nove estabelecimentos de ensino estadual, apresentando as danças de origem afro-brasileira, alemã, francesa, portuguesa, pernambucana, italiana, chilena e africana. A 5a. Ucre realiza este festival na tentativa de despertar o interesse das crianças para conhecer os costumes e tradições dos povos, e em pesquisas feitas por professores de Educação Física e Educação Artística as escolas contam com o apoio, colaboração e integração dos alunos, Associação de País e Professores (APP) e Clubes de Mães.

Os estabelecimentos participantes do Festival foram: Colégio Estadual Engenheiro Annes Gualberto, Escola Básica Olavo Bilac, Escola Básica Gustavo Gonzaga, Escola Básica Dom Pio de Freitas, Escola Básica Elpídio Barbosa, Escola Básica Germano Timm, Escola Básica Plácido Xavier Vieira, Colégio Estadual Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos e Colégio Estadual Presidente Médici.

O fato folclórico cultural brota da criatividade popular sempre ligada à tradição e a espontaneidade.

O folclore é ligado às camadas populares e não se pode separar "cultura e educação", pois além de incentivar alunos e despertar o interesse para conhecer lendas e mitos, existe entre essas duas áreas algo que reproduz a criatividade não só de professores mas também de crianças. O papel primordial neste processo cultural é no desempenho educacional. Geralmente o folclore se manifesta através de festas, danças, mitos, ballados, literatura popular, artes e artesanatos e todas as manifestações são bem sucedidas e de importância cultural para a comunidade.

Transcrito do Jornal "A Notícia" - Joinville



Secretaria da Educação — SC 12a. Unidade de Coordenação Regional Divisão de Educação Física e Desporto

Relatório da Noite do Folclore Realizada na Cidade de Descanso em 30/08/82.

Programa de Desenvolvimento Integrado Arte e Educação — PRODIARTE

Dados estatísticos:

- número de alunos participantes: 35 (trinta e cinco);
- número de alunos assistentes: 200 (duzentos);
- número de escolas envolvidas: 01 (uma) E.B. "Everardo Backheuser".

Organização e realização: PRODIARTE/DIFID - 12a. UCRE

Data da realização: 30 de agosto de 1982 Local: Clube Sociedade Amigos de Descanso

Apresentação: boi-de-mamão

Comentário:

Com um excelente público (aproximadamente 500 pessoas), o Programa de Desenvolvimento Integrado Arte e Educação — PRODIARTE — e a Divisão de Educação Física e Desportos — DIFID — da 12a. Unidade de Coordenação Regional de Educação — 12a. UCRE — fizeram realizar na cidade de Descanso, uma NOITE DO FOLCLORE, com a apresentação do boi-demanão

Tal apresentação, cativou, do início ao fim, a atenção da enorme platéia que lotou completamente as dependências do Clube Sociedade Amigos de Descanso, e no final, inclusive, foi aplaudida de pé.

Esta atitude deve-se principalmente ao fato do excelente empenho e capacidade dos alunos da 8a, série da E.B. "Everardo Backheuser" que comandaram a apresentação e também pelo fato de que esta atividade (boi-de-mamão), nunca havia sido feita na região.

Foram apresentados os seguintes personagens desta tradicional festa catarinense: boi, cavalinho, urubu, urso, bernúncia e maricota, além do Mateus e do Doutor.

Aproveitando a oportunidade, o PRODIARTE e a DIFID — 12a. UCRE, agradecem ao Prof. Doralécio Soares, principal responsável pela divulgação e preservação do Folclore Catarinense, que muito auxiliou na organização e realização deste evento.

Coordenaram a organização e apresentação os Professores Marcia Maria Basso Silva — Coordenadora do PRODIARTE/12a. UCRE, e Ademar Silva — Chefe da DIFID/12a. UCRE.



ESCOLA BÁSICA "PEDRO PAQUES" CÓDIGO 11.07.018 CAIRU – CORONEL FREITAS – SANTA CATARINA

ADIVINHAÇÕES

5a. SÉRIE EQUIPE – "B"

- Abre a boca e mostra os dentes de cor clara e cor escura; só fala se alguém lhe bater na dentadura.
 O piano
- Telhas bem arrumadinhas e geralmente prateadas; não apanham sol e nem chuva, porém, sempre estão molhadas.
 Escama de peixe
- Tem doze moças que trabalham na loja, todas elas usam meia e não usam sapato.
 O relógio
- Tem dois vizinhos. Um mora num lado do morro e o outro no outro lado e nunca se visitam.
 - Os olhos
- Comprido como um laço e redondo como um tacho.
 O poço
- O que é que corre deitado e quando cai fica de pé?
 A chuva
- O que é que quando tira a roupa mostra os dentes e tira os dentes mostra o corpo?
 O milho
- O que é que quanto mais quente, mais fresco é?
 - O pão
- O que se mata com prazer?
 - A fome
- O que é que se levanta quando chove?
 - O guarda-chuva

- O que é que assobia sem bico e voa sem asas?
- O vento
- O que é que se parece com a metade do queijo?
 - A outra metade
- Que diferença tem entre o orador e um martelo?
 Os dois pregam.
- O que é que é feito para andar, mas não anda?
 - A estrada
- O que é que mais alto do que um homem e mais baixo do que uma galinha?
 O chapéu
- Qual o lugar em que a geada não queima o café?
 - Na xícara
- O que é que cai na água e não se molha?
 - O peixe
- Que diferença existe entre um soldado e uma panela que não tem solda?
 O soldado já é soldado e a panela tem que mandar soldar.
- O que tem perna e não anda?
 - O aleijado

Componentes: Roselaine Franceschina

Rosivânia Montagna Cleuza Terezinha Pavim Dalciberto Franceschina Luiz Batista Filippi Chiella Claudemiro Filippi Chiella

ADIVINHAÇÕES

- O que é feito para comer, mas não se come?
 - O prato
- O que é que é feito para andar, mas não anda?
 - A estrada
- O que é que passa no rio e não se molha?
 - A sombra
- O que só aumenta e não diminui?
- A idade
- O que é que voa sem asa e assobia sem bico?
 - O vent
- O que é que quando sai de casa logo sai pela janela?
 - O botão
- O que é que se tira e fica para sempre?
 - A fotografia
- O que é que tem asa mas não voa?
 - A xícara
- O que é que quanto mais cresce, mais baixo fica?
- O que que tem asa, mas não voa e tem bico e não belisca?
 - O bule
- O que é que tem dente e não morde, tem barba e não é homem?
 - O milho
- Qual a ave que não tem pena?
- A ave-maria
- O que é que quando se joga para cima é prata e cai no chão é ouro?
 - O ovo
- O que é que tem coração, mas não é rei e tem escama e não é peixe?
 O abacaxi
- O que é que rola no chão e cai de pé?
 - A chuva
- O que é que se mata com prazer?
 - A fome
- O que é que alto vive, alto mora, todos vêem e ninguém adora?
 - O sino-

COLÉGIO ESTADUAL "WANDERLEY JÚNIOR" Barreiros – São José – SC

Ervas Medicinais da Farmacopéia Popular

Dando prosseguimento a nossa publicação sobre a "medicina popular ou medicina caseira", registramos aquí a pesquisa sobre ERVAS MEDICI-NAIS, realizada pelos alunos do Colégio Estadual "Wanderley Júnior", no Distrito de Barreiros, Município de São José.

ABACATEIRO — Antiúrico, diurético, para doenças renais, hepáticas e das vias urinárias

ALCACHOFRA- Propriedades estimulantes sobre a função antitóxica do fígado.

ALGODOEIRO - Hemorragias, regras profusas e na falta de leite materno.

ARNICA DO MATO — Areias dos rins e cólicas renais. Externamente, como anti-séptico e descongestionante. Nos cortes, quedas, contusões e traumatismos

ASSA-PEIXE - Expectorante - tosse e bronquite.

ALFAVACA - Utilizado em coqueluche.

ARRUDA - Dor de estômago, dor de barriga, abortivo.

ALECRIM - Calmante para nervos.

BOLDO – Estimulante da secreção biliar é de indicação universal nas afecções do fígado, evitando as cólicas e prevenindo as icterícias.

BÁLSAMO - Utilizado para vômito e dores de barriga.

CAMOMILA OU MACANILHA - Estomacal, antidiarréico infantil.

CANA-DO-BREJO — Bexiga, rins e uretra. Cistite (inflamação da bexiga) com dores e dificuldades de urinar, mesmo com micção sanguinolenta. Corrimentos gonocócicos.

CARQUEJA — Tônico estomacal amargo e antidiarréico. Desperta o apetite e tem ação favorável sobre o fígado e intestino. Prisão de ventre.

CIDRÃO DO NORTE OU CHÁ DO NORTE - Resfriado, bronquite.

CHAPÉU-DE-OURO — Diurético e dissolvente do ácido úrico. Artritismo e reumatismo simples e sifilítico. Além de tirar manchas da pele.

CIPÓ MILOMBO - Tosse, estômago, bexiga.

CALDO SANTO - Gripe, estômago.

CAPIM-LIMÃO - Usado como calmante e nas gripes em geral.

 ${
m CONFREI}$ — Usado para chás, em todos os fins. Para qualquer sintoma de uma doença.

 $\label{eq:envalues} ERVA\text{-}CIDREIRA\ OU\ MELISSA-Nos\ desfalecimentos, síncopes, vertigens, perturbações gástricas, nas crises nervosas, histerismos e espasmos.$

ERVA-POMBINHA (QUEBRA-PEDRA) - Nas desordens produzidas pelo

ácido úrico. Combate à glicosúria, sendo utilizado no tratamento da diabete, diurético, dissolvente de cálculos.

ESPINHEIRA DIVINA — Usadas nas afecções do estômago, duodeno, fígado, rins e pele. Acalma as gastralgias, combate a azia e a prisão de ventre. Nas doenças da pele, acne, manchas do rosto, mas sobretudo em chagas cancerosas, tumores e cancro.

EUCALYPTUS — Anti-séptico, antifebril e anticatarral. Usado em bronquite, cistite.

FORTUNA - Folha utilizada como cataplasma.

FUNCHO - Chá calmante, em cólicas de recém-nascido.

FOLHA DE PITANGA - Antidiarréico.

FOLHA DE GOIABA - Antidiarréico.

GUINÉ OU PIPI — Depurativo, antifebril e diurético. O emprego mais usado é contra beribéri, reumatismo e paralisia, em fricções com tintura.

 $HORTEL\bar{A}-Atonias\ digestivas, flatulências, dispepsias\ nervosas, palpitações\ e\ tremores\ nervosos, vômitos, cólicas\ uterinas. Nos\ catarros\ brônquicos.$

JAMBOLÃO - Utilizado na diabete.

LIMÃO - Nas gripes em geral.

LARANJA - Suas folhas utilizadas como chá têm ação calmante.

LOSNA — Usada nos males do fígado e estômago.

MALVA – Externamente, a tintura é usada nas inflamações da boca e da garganta, em bochechos e gargarejos, na proporção de uma colher das de chá para meio copo de água morna. Infecções, até mesmo do útero.

MASTRUÇO — Catarros bronco-pulmonares, bronquites crônicas e agudas, laringite, raquitismo e tuberculose.

MARACUJÁ – Sedativo, hipotônico, nas excitações nervosas, insônias, perturbações na menopausa.

ORÉGANO - Nas cólicas menstruais.

PICÃO PRETO - Utilizado no combate à hepatite.

PATA-DE-VACA - Utilizada no reumatismo, rins.

PLATINA — Para rins e cálculos renais.

PUEJO - Tosse e bronquite.

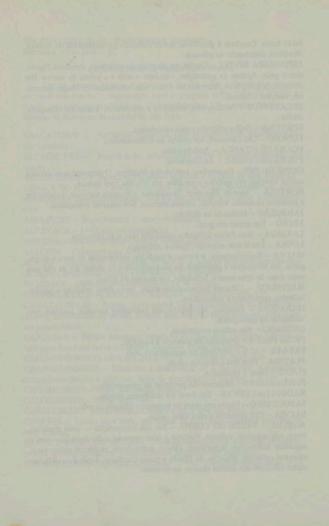
PORTA-ALÍVIO – Utilizado em pontadas de pneumonia.

RAINHA DAS ERVAS - Em dores no abdômem, vômito.

SABUGUEIRO - Usado em casos de sarampo e alergias da pele.

SÁLVIA – Chá calmante e para tosse, gripe.

AGRIÃO — SAÚDE DO CORPO — Por sua composição — iodo orgânico, ferro, sais minerais, sulfatos, fosfatos e óleo essencial sulfo-azotado — tem as seguintes indicações: depurativo, tônico, estimulante, moléstias pulmonares, afecções cutâneas, afecções do fígado e como diurético. Ainda é considerado como antídoto dos efeitos tóxicos da nicotina.



COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA

COLABORAÇÃO
DE
GENTE DE FORA

BANDAS DE PÍFANOS: UMA MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA AMEAÇADA

MÁRIO SOUTO MAIOR - RECIFE - PE

Costuma, vez por outra, o nordestino da zona rural quase sempre desassistido, ignorado nos seus problemas mais comuns, acossado pelas secas que habitualmente assolam toda uma vasta região que é seu mundo, para o sofrimento de muitos e o enriquecimento de alguns — esquecer sua miséria e vestir de alegria sua tristeza em determinadas épocas do ano, principalmente quando uns pingos de chuva caem sobre suas plantações e o sertanejo consegue ficar preso à terra que lhe serviu de berço.

Tais ocasiões não se repetem amiudadamente, mas acontecem esporadicamente sempre que o ciclo vegetativo do feijão, da mandioca, do milho concessário. E sendo o mundo composto de 3/4 partes cobertas pela água dos mares, lagos e rios e o corpo humano formado exatamente de 3/4 partes do mesmo líquido, a água sempre foi uma espécie de fiel de balança que decide o destino de milhares de pessoas, habitantes das margens do Nilo ou os que vivem nas ribeiras do Río São Francisco, o velho Chico, o mais brasileiro de todos os rios brasileiros, de vez que nasce, torna-se navegável, alimenta de peixe milhares de brasileiros, fertiliza suas margens para a agricultura, fornece água para a irrigação de grandes áreas e, antes de se jogar no Atlântico para morrer, supre todo o Nordeste de energia elétrica. É a água das chuvas que alimenta, dá trabalho, veste, casa e alegra o nordestino da zona rural.

E como é que o nordestino externa essa alegria, conseqüente de colheita obtida graças ao milagre das chuvas? Essa alegria vem à tona por ocasião das festas de São João, do Natal, do Ano-Novo, do Dia de Reis, de casamentos, de batizados e das novenas em honra à padroeira do povoado.

Nas vilas, nas fazendas, nos sítios, quando o povo se sente um pouco mais feliz, a alegria só quer mesmo é um motivo. E quando esse motivo aparece os convites são logo feitos, porcos, galinhas e cabritos são abatidos e à noite, nas salas, nos alpendres, nos terreiros, o nordestino rural esquece sua

tristeza, sua sina, seu sofrer e come e bebe e danca até o sol raiar.

Na maioría das vezes a dança é animada por uma banda de pífaros ou pífanos ou pífes, conjunto musical que costuma mudar de denominação de conformidade com o lugar. Assim, a banda de pífanos (nome impróptio porque o conjunto musical não é formado apenas de pífanos, mas também de outros instrumentos de percussão) também é conhecida em Pernambuco por zabumba, denominação também incorreta, de vez que o conjunto não é formado apenas por zabumbas.

Já em Álagoas, o conjunto é conhecido pelo povo como esquenta-mulher, porque as mulheres se animam e se esquentam quando ouvem o ritmo sacudido, brejeiro, de dois ou três pifes feitos com pedaços de bambu, uma caixa, dois zabumbas (bombos médios) e um par de pratos de metal. Na zona da Mata e na do Agreste de Pernambuco encontramos mais uma outra variação na maneira do povo denominar o conjunto musical: temo, outro nome que também não está correto, de vez que não é composto de somente três instrumentos. Luís da Câmara Cascudo (¹) também registra o termo cabaçal, "Conjunto instrumental de percussão e sopro, tocando marchas, galopes, modinhas, rodas e valsas pelos sertões de Pemambuco, Paraíba e Ceará. Constituem um cabaçal dois zabumbas, espécie de bombos ou tambores e dois pifes, soprados verticalmente (gaita) ou horizontalmente. Os componentes são extremamente dedicados à função, ignorando os rudimentos musicais e tendo, às vezes, surpreendente execução pessoal".

Afora as denominações já mencionadas, Nelson Barbalho (2) nos fala de mais outras, bastante usadas pelo povo: musga-do-mato, musga-de-matuto, música-de-couro, banda-de-negro e música-de-pife.

Acontece, entretanto, que vivemos a época das comunicações. O homem foi à lua, a transistorização e a miniaturização ativaram o desenvolvimento da tecnologia. Os aviões a iato tornaram o mundo menor. As revistas coloridas e os programas a cores das estações de televisão, chegaram pelos ônibus ligando as cidades do sertão às grandes capitais e através das torres das repetidoras chegaram à retina do nosso rurícola, num verdadeiro alumbramento em tecnicolor, transpondo-o, de corpo e alma, para outro mundo diferente do seu, de árvores secas, sem flores, quase sem cor, de gado magro mugindo nos currais, como criancas sem mãe. Então, a cor atuou de uma forma contundente - como se fosse até mesmo um protesto - não somente sobre seus hábitos como também sobre seu comportamento em relação à maneira de vestir, ao gosto musical, ao lazer, a tudo. Daí, a presença da discoteca no sertão. Daí, a descaracterização de certas manifestações folclóricas, a transformação de portadores de folclore em artistas, o que significa, sua transformação de amadores em profissionais do folclore. Daí, entre tantas outras que estamos assistindo, a descaracterização de algumas bandas de pífanos que se apresentam, muitas vezes, em palcos de teatros e em auditórios de estações de televisão no sul do país, usando chapéu de couro, sapatos sociais, roupa padronizada, tocando músicas outras ouvidas pelo rádio ou pela televisão, quando os componentes de uma verdadeira, de uma folclórica banda de pífanos devem se apresentar cada um vestindo sua roupa, tocando peças compostas por seus mestres. Descaracterizam-se, mais ainda, algumas bandas de pífanos que, além de conterem tais pecados contra o folclore, contra o tradicionalismo, contra suas raízes que são também as raízes de toda uma vasta região, ainda dançam, fingindo uma coreografia falsa e que nunca existiu, numa imitação barata e ridícula de "Os originais do samba", por exemplo.

As verdadeiras peças executadas pelas bandas de pífanos são compostas, de memória, pelos mestres responsáveis pelo conjunto, mesmo sem conhecerem harmonia. São peças sem partituras, com pequenos erros de compasso e das demais exigências técnicas da arte de compor.

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que, desde o dia 16 de maio de 1980 foi transformada em Instituto Nacional de Folclore, iniciou, em 1975 uma série de compactos intitulada Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro com o disco Vitalino e Sua Zabumba, onde vamos encontrar seis magnificas peças do repertório da banda de pífanos do mestre Vitalino que, além de ceramista de fama internacional, também era excelente tocador de pife na cidade de Caruaru. Assim, vamos encontrar no referido disco, as seguintes peças: lado A — la.) Relativa, que é uma marcha de novena; 2a.) Marcha de procissão; 3a.) Maria. No lado B, estão mais estas outras três peças: 1a.) Marcha de viagem (Despedida); 2a.) Baiano; e 3a.) Improviso, da autoria de Vitalino, mestre da banda.

De autores desconhecidos já tivemos ocasião de ouvir, por diversas vezes a célebre e antológica "Briga do cachorro com a onça", bem como marchas de procissão de um sabor todo especial dentro do mundo municipal dos autores e ouvintes.

Quero deixar aqui o nosso apelo: vamos valorizar o que é nosso, as diversas manifestações folclóricas que falam de nossas raízes. Mas vamos valorizar também as nossas manifestações folclóricas como elas realmente são, puras, autênticas, verdadeiras sem nenhuma influência de nenhuma tecnologia, sem sofisticação, sem enfeites, sem falsidades.

A banda de pífanos, é, assim, uma manifestação folclórica ameaçada. Uma manifestação folclórica ameaçada pela descaracterização. Descaracterização conseqüente de: a) do traje coletivo; b) da execução de músicas outras, ouvidas através do rádio e da televisão; c) da coreografia falsa; d) do canto; e) da transformação patente de portadores do folclore em verdadeiros profissionais do folclore — alma, raízes e tradições de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro (4a. ed.), São Paulo, Melhoramentos, 1979.
- ². BARBALHO, Nelson. Zabumba. Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, Recife, 1977.



O FOLCLORE - E O AZIAGO No. 13

Vicente Viana - Londrina - PR

Antes de falarmos um pouco sobre as crenças populares, no seu conteúdo e suas origens, vamos tecer algumas considerações sobre o vocábulo FOLK = povo, e LORE = saber, de origem germânica, e que na língua portuguesa passou a ser grafado como FOLCLORE.

Mas o que é Folclore?

Para Álfred Nutt, "Folclore é a antropologia do homem primitivo". Stanislau Wake define-o como "a antropologia que trata dos fenômenos psicológicos do homem." Para Lemoine "é. tudo que se conhece entre o povo por tradição e ainda dos séculos passados". A. R. Wright, foi mais além, e conceituou-o como "a ciência que estuda a expressão nas crenças populares, instituições práticas, literatura oral, artes e passatempos da vida mental e espiritual do folk ou povo em geral."

Fazendo parte da Antropologia, a ciência que estuda o homem em todas as suas manifestações, o folclore está em toda parte, do Oriente ao Ocidente. Até meados do século XIX esses conhecimentos eram coletados sob o título de ANTIGUIDADES POPULARES, mas no ano de 1846, William John Thoms, com o pseudônimo de Ambrose Merton, publicou num jornal de Londres, uma carta dando uma nova conceituação a esse tipo de conhecimento. Para designá-lo surgiram, na época, uma variedade de nomes, e nos países escandinavos, como Alemanha e Holanda, houve o emprego da palavra Volks-Kund, que quer significar mais ou menos a mesma coisa. Os franceses propuseram o nome de Tradicionismo, ou Oui-Dire, enquanto que na Itália era chamado de Literatura Popular ou Tradições Populares. Na Espanha tomou o nome de Saber Popular. Outras denominações foram sugeridas como Demopsicologia, Antropopsicologia, Demótica, Demologia, Demopedia, Tradimologia, Poranduba, Populório e Demosofia, mas o que prevaleceu foi o de FOLCLORE, contido na carta de Thoms. E assim o dia 22 de agosto foi consagrado como o DIA DO FOLCLORE MUNDIAL.

O Folclore não é um estudo novo. Ismael Moya se refere a isso quando afirma: "os estudos e investigações sobre a matéria que agora se chama

Folclore, começaram desde que os homens tiveram consciência do saber tradicional do povo."

Evidentemente, já na antigüidade os assuntos folclóricos preocupavam sábios e filósofos, Aristóteles o definiu como "relíquia da filosofía". Pascal, também, não deixou de se referir às crenças populares, em muitos de seus estudos. No ano passado, na Faculdade Federal de Santa Catarina, foi ministrado um curso sobre o folclore, pelo prof. Seixas Netto, que inicia a sua primeira aula, com estas palavras: "No começo o espírito de Deus pairava sobre as águas e faces do abismo. Logo Deus é um espírito dentro de um nada cósmico". Citando S. João. Apóstolo, prossegue Seixas Netto: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." Faço essas citações para mostrar que o folclore é mais antigo do que podemos imaginar, nasceu com o homem. A Bíblia está cheia de fatos e narrativas que encerram crendices, como também podemos encontrar tudo isso em outras fontes e origens, mas que tem um profundo sentido moral. Em todas as civilizações, na história e na religião, encontramos crendices populares que caminham paralelas com a ciência e a filosofia. Pitágoras, por exemplo, recomendava aos seus discípulos, entre outras coisas, abster-se de favas, não apanhar o que caju, não tocar em galo branco, não partir o pão, não parar em cima de uma viga, não aticar fogo com ferro, não apanhar uma grinalda, não comer coração, não deixar que uma andorinha faca ninho no telhado de sua casa e outras coisas mais. Vejam, e era Pitágoras, o grande sábio! Aliás, permita que eu me detenha um pouco em Pitágoras, essa estranha personalidade que mantinha na Grécia Antiga, uma escola de Numerologia. Certa vez ele viu um seu amigo espancando um cachorro, e imediatamente se postou na frente, repreendendo energicamente o amigo: "Não bata nesse cão. Já reconheci nele a reencarnação de um amigo meu." Era reencarnacionista e costumava falar que a alma de nossa avó podia ocupar alegremente o corpo de uma ave. A civilização grega, desde os tempos mitológicos, está cheia de fatos que enriquecem o folclore mundial. Nas "Odisséias" de Homero lemos que sete touros negros eram sacrificados a Poisedon, o Rei dos Mares, para a proteção nas viagens marítimas. Uma novilha era adornada com chifres de ouro e depois sacrificada para coroar um guerreiro. Nas festas dionisíacas um animal selvagem era dilacerado para representar a devoração de Dionísio pelos Titas. Bertrand Russell escreve que "foram encontrados em túmulos, inscrições órficas, dando instrução à alma da pessoa morta sobre a maneira de encontar o caminho no outro mundo e o que devia dizer para provar que era digno de salvação. Essas inscrições se acham partidas e incompletas; a mais completa (a Tábua de Petélia), diz: "encontrarás à esquerda da Casa de Hades, uma fonte, ε a seu lado, um branco cipreste. Não te aproximes desse manancial. Mas encontrarás um outro junto ao Lago da Memória, de onde flui água fresca e, diante do qual, há guardiães. Dize-lhes: "Sou um filho da terra e do céu estrelado, mas minha raca é do céu (somente). Vós próprios o sabeis, E - ai de mim! Estou resseguido de sede, e pereço. Dai-me rapidamente a água fresca que flui do Lago da Memória." "E eles mesmos te darão de beber o manancial sagrado, e desde então, tu dominarás entre os outros heróis..." Em muitos casos costumavam colocar um mapa junto ao cadáver, ensinando o caminho do céu, numa crendice que marcou época. Como vemos, as crenças populares sempre existiram, em todas as civilizações. Algumas até monstruosas, subjugadas pelo fanatismo, na prática de louvor a Deus, Havia Deus e deuses, pois o monoteísmo só muito tempo depois foi aceito pelas civilizações, como exceção de alguns países. Na Índia, por exemplo, ainda impera o Panteísmo. O hindu pega uma grande pedra, coloca-a debaixo de uma árvore, pinta a pedra de vermelho e preto, e ali está o seu Deus, pois a pedra é parte de um todo, e durante meses seguidos faz suas devoções. Depois joga a pedra ao mar, fazendo a parte unir-se ao todo, na sua crença sagrada. Na antiga civilização chinesa havia uma crenca monstruosa: todo ano um membro da família imperial era escolhido para ser sacrificado numa montanha que tinha o formato humano. Era um dia de festa, prestavam assim uma homenagem de reconhecimento à mãe Géia, isto é, à Terra. E quem se encarregava desse sacrifício era o próprio Rei. Graças a Deus, tamanho barbarismo já não existe mais! Vezes ou outras os jornais nos dão conta de fatos que levam o homem a pensar; não existiria um agente do mal por detrás de tudo isso? Todos nos, certamente, estamos lembrados daquele acontecimento brutal ocorrido em Canta Galo, no Estado do Rio, onde uma crianca foi sacrificada para satisfação de interesses mesquinhos. Jorge Amado nos fala das mães que iam oferecer seus filhos à Iemaniá, no começo deste século. Mas o acontecimento mais negro de toda a nossa história, no campo da superstição e da crendice, ocorreu nos sertões de Pageu. em Pedra Bonita, no Estado de Pernambuco, no século passado. Euclides da Cunha, em o primeiro volume dos "Os Sertões" narra de forma rápida, esse acontecimento. Numa pedra enorme, um mameluco se postou e comecou a fazer pregações, ganhando a confiança dos adeptos, que mais tarde ofereciam crianças para serem sacrificadas com o intuito de romper a pedra e libertar D. Sebastião, que viria cumular de riquezas os que tivessem contribuído para o tão sagrado evento, e prometia perseguições até a morte para os que não emprestassem suas contribuições. José Lins do Rego aproveitou o fundo lendário dessa história no seu romance - Pedra Bonita - para escrever uma das mais belas páginas de nossa literatura. No sertão nordestino acontece muito dessas coisas e os herdeiros do mameluco, como castigo, eram todos cangaceiros, e Pedra Bonita se transformou numa cidade marcada pela maldicão. Também na guerra de Canudos tivemos outro acontecimento que permanece

bem vivo na nossa história. Falo de Antonio Maciel Vicente Mendes. conhecido como o Antonio Conselheiro, um agnóstico branco, mas acima de tudo um fanático, que se dizendo investido de poderes sobrenaturais, vestiu uma camisola azul, calcou umas alpargatas, muniu-se de um bordão, colocou um chapéu grande à cabeca, e saiu pelos sertões da Bahia, pregando o evangelho. Perseguido, revoltou-se contra a República e passou a batalhar pela volta do Império, no que resultou na tremenda guerra de Canudos. Seus fiéis eram também seus jaguncos e lutavam com tanta fé que chegaram a vencer três expedições organizadas, mas foram derrotados na quarta, que tinha o comando do general Artur Oscar e se compunha de 7,000 homens, um número pitagórico, de mistífico significado. Parece que o general Artur, que combatia a supersticão, acabou se envolvendo na mesma crendice, porque como descreve Euclides da Cunha, em Os Sertões, a tropa partiu no dia12, ao anoitecer, para não sair no dia 13, considerado aziago. De fato, Antonio Conselheiro não teve sorte com o número 13, e morreu nesse dia, com um estilhaço de granada. Mas afinal, o número 13 é mesmo, como dizem, ou é um fenômeno de mera superstição? O que eu posso dizer é que a crença do número 13 é universal. Há tempo li numa revista que na Rússia, é evidente a supressão do número 13 nos elevadores, nos apartamentos, nos hotéis, em toda parte. Do número 12, pula-se para o número 14. Na Itália, na Alemanha, em toda a Europa, acontece a mesma coisa. E no nosso Continente não é preciso dizer que até nos Estados Unidos prevalece essa mística. Coincidência ou não, a Nave Espacial número 13, não foi um sucesso! Mas por quê? Falam os estudiosos da numerologia, e eu confirmo, que os homens que têm 13 letras no nome sobem rapidamente, mas sofrem quedas tristes e fatais, como aconteceu com o ex-presidente Getúlio Vargas, e da mesma forma com Adolpho Hitler, na Alemanha. Pesquisando, poderemos encontrar outros fatos semelhantes, sendo de se acrescentar, que prevalece o nome que usavam, mais comumente. Os mestres do antigo Egito já falavam que quando o número 13 aparece na porta de uma casa indica tragédia, acontecimento desagradável, e os orientais costumam, para fugir a esse mau agouro, colocar em qualquer lugar da casa, um número que seja compensador às vibrações deletérias. A respeito desse tão fatídico número, cuia crenca negativa é ressaltada no mundo todo, não posso deixar de citar, em transcrição, o que o jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, publicou no dia 2/01/1961: "Muito supersticioso, o Rei Pedro I, pai do Rei Alexandre da Iugoslávia, tinha horror ao número 13. Em cada mês, no dia 13, ou 26 (o dobro de 13), evitava tomar qualquer decisão; neste dia aziago recusava-se a assinar qualquer documento; por preco algum, consentia em sentar-se à mesa onde houvesse treze convivas. Uma só vez, durante toda a sua vida, o Rei Pedro I, levado por um estratagema de seu sogro, o Príncipe Nicolau de Montenegro, encontrou-se numa mesa de treze pessoas. E foi uma

tragédia. O sogro zombava sempre da superstição do genro Pedro, que vivia, então, no exílio e que era chamado o "Príncipe Vermelho", por causa de suas idéias liberais e progressistas. Um dia, no Palácio em Caligne, quando todos estavam sentados à mesa (o príncipe contara cuidadosamente antes de sentar-se e constatara que havia justamente doze pessoas, com ele e sua mulher Zorka, grávida pela quarta vez), o príncipe Nicolau fez surgir seu filho Danilo e colocou-o num banquinho, como o décimo terceiro à mesa. O príncipe Pedro empalideceu, mas, foi obrigado a ficar para evitar um escândalo. Todos riram, especialmente Nicolau Montenegro, que às gargalhadas trocava do genro: "Eu sempre disse que é uma tolice pensar que um número possa ser nefasto." Mas no dia seguinte sua filha Zorka, esposa de Pedro, morreu de aborto. Petrificado pela morte súbita da filha, que adorava, vendo nessa desgraca uma punicão inflingida pelo destino do qual zombara, o Príncipe Nicolau, desde então, tomou-se mais supersticioso do que o genro." Na Enciclopédia e Dicionário Internacional, de W. M. Jackson, na referência à superstição, podemos ler: "Superstição - Sentimento de veneração religiosa fundado no temor ou ignorância, e que conduz geralmente, ao cumprimento de falsos deveres, a quimeras ou a uma confiança em coisas ineficazes; a opinião religiosa fundada nos preconceitos e crendices." Na Enciclopédia, temos: "O termo supersticão emprega-se para exprimir toda a falsa fé ou crença, sendo os seus caracteres distintivos a sua estimação irracional de alguma coisa imperfeitamente compreendida. Como o que se imagina ser a verdade ou a falsidade, varia com o tempo e o espaço, segue-se que o que é crença aceitável para uma determinada época ou povo, pode ser superstição para outro povo. ou outra época." O que é considerado superstição por não haver uma base científica, em outros tempos, no futuro, pode ser considerado uma realidade indiscutível. Ainda na mesma Enciclopédia está escrito: "Apesar da maioria das superstições serem restos dos tempos antigos, a sua invenção não cessou inteiramente nos tempos históricos. Temos disto exemplos, nos preconceitos contra o número 13 e as sexta-feiras, relacionados com o fato de Judas ter recebido treze dinheiros pela sua traição e de Jesus ter sido crucificado a uma sexta-feira." Sobre isso temos que discordar, pois esse não é um comentário que se apóia na verdade, porque muito antes do nascimento de Jesus, o hermetismo egipciano já considerava o número 13 como símbolo da sombra e dos maus presságios. Na mesa em que Jesus fazia a Santa Ceia, no dia da traição, havia doze apóstolos e com ele, Jesus, formavam o número 13. Na Kabala, a soma desses dois números, um mais três, forma o 4, que constitui a força da explosão, dos relâmpagos, das tempestades, dos grandes terremotos

Londrina, 8 de agosto de 1983

O DINHEIRO NA BOCA DO POVO

José Carlos Rossato (Departamento de Folclore - Olímpia - SP.

No vernáculo encontramos diversas denominações dadas ao dinheiro, em virtude das variadas situações. Assim é que, os acionistas dão-lhe a denominação de dividendos; os administradores, orcamento; os agricultores, lucro; os aposentados, pecúnia ou aposentadoria; os arrendatários, renda; os associados de clubes, mensalidade; os bancários, cifrão; os banqueiros, juros; os beneméritos, legado: os benfeitores, caridade: os capitalistas, valores; os chefes em geral, gratificação; os comerciantes, prêmio; os contadores e economistas, receita, a Casa da Moeda, papel-moeda; os corretores, comissão; os criados, ou mesmo outra classe operariada, salários; os devedores, promissórias; os dirigentes do esporte bretão, folha de pagamento; os doadores, oferta; os financistas, moeda; os funcionários públicos, holleriths, proventos ou vencimentos; os futebolistas, luvas; os governantes, verba; os indivíduos idôneos, crédito; os industriais, fatura; os magistrados, emolumentos; os menores de idade que não têm uma profissão remunerada, mesada; os militares, soldo; os ministros e secretários de Estado, recursos; os necessitados, empréstimos; as noivas, dote; os operários, diária; os parceiros na atividade agrária, parte (meia, terca, quarta); os pagadores, recibo; os parlamentares, subsídios, os pedintes, adjutório; os prestamistas, carnês; os pretensos sócios de clubes, jóia; os profissionais liberais, honorários; os promotores de vendas, ajuda de custo; os queixosos, indenização; os religiosos, espórtula; os representantes do povo, exceto os vereadores, representação; as seguradoras, pecúnia; os separados judicialmente, pensão alimentícia; os sócios, cotas; os vendedores, comissão ou porcentagem; os vereadores, subsídios ou auxílio; além de outras formas menos utilizadas.

Observe que são as circunstâncias, convenções ou conveniências os elementos que dão ao dinheiro, quando se remunera, a sua correta denominação no espaço. Por outro lado, quando o vil metal é ofertado, dado, recebe as seguintes nomenclaturas: dízimo ou oferta, nas igrejas e, esmola aos paupérrimos.

A cultura popular é pródiga em oferecer anedotas, crendices, superstições e algo mais a respeito do dinheiro. Na gíria encontramos um vasto vocabulário relativo à moeda corrente no País.

ANEDOTAS

Muitas anedotas existem a respeito do dinheiro. Elas fazem referência, no geral, aos sovinos "turcos" (árabes, judeus, libaneses, sírios e turcos propriamente ditos), ou então quando novas cédulas ou moedas entram em circulação. Quando houve mudanças no sistema monetário nacional, com Getúlio Vargas, em 42, com a substituição do "mil-réis" pelo "cruzeiro". O mesmo ocorreu quando da reforma monetária de Castelo Branco, em 67, sendo "cruzeiro novo" o nome posto em lugar do anterior, para posteriormente voltar a ter a denominação da época absolutista do Caudilho dos pampas.

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Há muitas crendices, como: colocar uma cédula ou moeda aos pés de uma imagem (Nossa Senhora Aparecida, São José, Padre Cícero, etc.); atirar moedas em determinados lagos artificiais de jardins públicos, de costas, para dar sorte; guardar três moedinhas em carteira, no último dia do ano civil para ter dinheiro o ano todo; tem o mesmo propósito a economia que deve ser feita no primeiro dia do ano; depositar sete moedas numa encruzilhada, à meia-noite, para desaparecer o azar: fazer uma novena, às sextas-feiras, colocando uma contribuição às almas, livra de doenças a família de quem a faz; afixar uma nota de um cruzeiro atrás da porta da sala, nunca faltará dinheiro; a mesma conotação tem uma cédula, geralmente de pequeno valor, dobrada e transformada num pequenino pacotinho de aproximadamente um por dois centímetros (é raro encontrar quem sabe fazer tal dobradura que deve estar sempre na carteira para surtir efeito); para quem tem coragem, no 10, dia do ano, à meia-noite em ponto, ir a uma encruzilhada e levar uma garrafa de pinga, uma garrafa de "champagne" e treze moedas; oferecer as moedas ao Exu Tranca Ruas e à Pomba Gira para que estes tranquem os inimigos e malfeitores que cruzem os caminhos; quebrar a garrafa de pinga e ofertá-la ao Tranca Ruas e quebrar a de "champagne" e oferecê-la à Pomba Gira, para que nunca falte dinheiro; além de outras.

Na Igreja, no decorrer da missa, quando se passa recolhendo as oferendas, dá sorte, colocar uma nota de maior valor e retirar o troco. Esse mesmo expediente, se bem que muito raro, já observamos em relação às esmolas dadas aos menos favorecidos pelo destino.

As moedas que são perfuradas e afixadas em alguns locais (balcão, atrás de portas, etc.) têm o mesmo significado.

Colecionar moedas e/ou cédulas, de um ou mais países, tem no contexto o mesmo sentido. Enquanto isso ocorre, há aqueles que têm verdadeira ojeriza pelo dinheiro e só trabalham com cheques. Fazem de tudo para não pegar esse sórdido instrumento de comunicação.

Cócegas nas mãos significa que a pessoa vai receber dinheiro.

É comum a existência de correntes, onde o dinheiro é uma constante.

Certamente a mais popular é a Corrente de Santo Antônio de Pádua. Nesta, o indivíduo ao recebê-la deve fazer nove cópias iguais e em cada uma delas colocar o dinheiro suficiente para que a pessoa ao recebê-la possa comprar um paōzinho e dar ao primeiro pobre que vir. Geralmente esta quantía que segue anexa à corrente é de dois cruzeiros. Essas nove cópias devem ser enviadas para igual número de pessoas, que assim sucessivamente passam para a frente. Nesta corrente há referências (positivas e negativas) para quem cumprir ou deixar de executar a tarefa proposta. Esta alusão é sempre baseada em dinheiro. Exemplificando: Fulano cumpriu as obrigações da corrente e ganhou "X" na loteria; Beltrano impediu a seqüência da corrente, sofreu um acidente automobilístico e gastou "Y" para voltar à saúde normal e reparar o veículo; Sicrano não cumpriu plenamente as fases da corrente, sonegando (talvez inconscientemente). Foi multado por um fiscal em "W" cruzeiros.

A Corrente de Santa Rita de Cássia é análoga.

Quando a pessoa a encontra, num dos bancos de uma Igreja, deve seguir rigorosamente as instruções contidas e fazer uma novena. O tributo é uma necessidade imperiosa. Deve-se fazer nove cópias iguais. Ir a um templo católico levando uma das cópias. Esta deverá ser lida e seguida de três pai-nossos, três ave-marias e três salve-rainhas. A colaboração a ser colocada num dos cofres, caso não haja a imagem da Santa, nessa Igreja, é de um cruzeiro, mas pode-se aumentar, caso queira. Se porventura existir a citada imagem, a contribuição deve ser para ela. Esta operação deve ser repetida por nove dias consecutivos e não há necessidade de ser no mesmo local. Quanto maior o número de locais, melhor. O ideal é realizar esta empreitada em nove santuários diferentes.

Há outras correntes envolvendo os nomes de santos dos católicos. Entretanto, essas duas são as mais populares.

Nos últimos anos, voltou à baila, um tipo de corrente que visa a eventual lucro para quem dela participar.

O indivíduo é convidado, através de algum amigo, a participar. Caso aceite, receberá a corrente. Deve enviar ao primeiro da lista a quantia estipulada. Esta remessa pode ser através de uma agência bancária, às vezes, até indicada previamente, ou por intermédio de um vale postal. É variável entre cem

a um mil cruzeiros o prêmio constante na cláusula.

A seguir, procede-se à confecção das cópias. O segundo nome é colocado na cabeceira da ordem; o terceiro, na segunda posição e assim sucessivamente vão subindo de colocação os participantes. Obviamente o nome de quem adentrou ao jogo fica no derradeiro espaço.

Nesta corrente há promessas de se conseguir elevadas quantias monetárias. Surgem também muitos boatos, sempre tendo por meta o vil metal. Exemplificando: Fulana já recebeu tantos mil cruzeiros; Sicrana ganhou o suficiente para comprar um automóvel; e tantas outras estórias mirabolantes.

O popular São Benedito é facilmente encontrado em muitos lares, sobretudo na zona rural. Quer seja sob a forma de imagem ou em quadro, ele pode aparecer tanto em dormitórios, como nas cozinhas.

É hábito colocar moedas numa pequena cumbuca (ou outra vasilha qualquer) situada aos pés de São Benedito, no decorrer do ano civil.

As vésperas do Natal, esse dinheiro coletado é recolhido para ser doado a Asilo, ou a uma Igreja, ou ainda para se comprar algo prioritário que sirva para os menos favorecidos. Segundo a crença popular, este ato dá sorte para quem colaborar e traz saúde para a família que mantém a imagem ou o quadro que representa o padroeiro dos cozinheiros e dos escravos.

O povo recorre muito também a Santo Antônio.

Quando desaparecer qualquer objeto é só fazer uma promessa a Santo Antônio, oferecendo qualquer quantia para que ele apareça de imediato. Assim pensam os devotos de Santo Antônio.

Existe outro tipo de promessa que é feita ao santo de devoção da pessoa quando ela está em situação difícil. Nem sempre esse santo foi canonizado pela Igreja. É o caso do Padre Doniséti, do Padre Cícero e de outros.

Este tipo de promessa, além das orações e velas, é acompanhado de alguma pequena importância em dinheiro.

Vale a pena registrar a oração a São Vicente, para aumentar o dinheiro, recolhida pelo professor José Sant'anna, em Olímpia, cuja informação é da senhora Ermelinda Batista de Oliveira (D. Lola), casada, católica, pouca instrução, 40 anos (1980):

"Deus te salve, ó Lua Cheia, Com toda a sua enchente A louvor a São Vicente.

Ouando fores e voltares

Trazei-me desta semente".

(Enquanto rezar, mostrar a numeração de uma nota de dinheiro à lua).

DINHEIRO E RITOS

Nos rituais dos terreiros de Umbanda e de Candomblé, o dinheiro é sempre oferecido aos guias para se atingir determinado propósito.

Quem quiser ganhar na loteria, à meia-noite, de uma sexta-feira maior (sexta-feira santa) deve estar num terreiro de Quimbanda com sete notas novas de um cruzeiro e entregar uma para cada Exu que aparecer. À medida que se entrega a nota, faz-se o pedido, dá-se um gole de pinga para entidade e toma um outro. Se sobrar, deve jogar ao chão e atirar fogo, sempre renovando o pedido.

No último dia do ano, à meia-noîte, quem tiver coragem de ir a uma encruzilhada e chamar um Exu, entregando-lhe treze moedinhas, simultaneamente, ao acender um maço de velas vermelhas e outro de pretas, ganhará muito dinheiro em negócios o ano inteiro. Este ritual de Candomblé é realizado por muitas pessoas em Fernandópolis (SP).

O PODER DA GÍRIA

Em viagens de estudos, conhecemos praticamente todo o Brasil. Arrolamos as mais estranhas formas de gíria ao nos referirmos ao dinheiro. Muitas delas já caíram em desuso (abóbora ou abobrinha, cabral, getulinho, pedro, tiradentes, etc.). Em vista disso, não dispensaremos a elas qualquer atenção.

O dinheiro pode ser chamado de: arame, baba, bagarote, barão, bombom, bom-bril, bororó (uso restrito), bufunfa, cacau, carvão, chocolate, cruza, erva (pouco usado), fiapo, ferpa, gaita, grana, gronha, jaburu, jibungo, jimbongo, jimbra, malandro, mango, metal, milho, miúdo, mônei, nota, pacote, pataco, pau, pelego, pila, prata, puto, ouro, solda, sórdi, situação, trocado, troco, tutu, sem enumerarmos outras que a memória fica devendo. Em, contrapartida, bunda de santo, duro, limpo, liso, na difícil, na lona, na menor, na pior, pindaíva, pronto, puro, quebrado, reto e teso indicam ausência de dinheiro, no Folclore.

Endividado recebe os seguintes termos e expressões: com a corda no pescoço, dependurado, na forca, enforcado, no prego, pendurado, quebrado, etc. Abriu o bico significa falido.

Há frases e palavras que têm o sentido de avarento: mãe-de-são-pedro, mãe-do-sarampo, não abre a mão nem para despedir, não abre a mão nem para cumprimentar, não abre a mão nem para jogar bola, não abre a mão nem para jogar peteca, mão dura, abre a mão só para receber, abre a mão só pra comer, etc.

Caro, alto preço, exorbitância, excessivo custo, recebem, na linguagem popular: os olhos da cara, pela hora da morte, etc. Entretanto, achado, micha-

ria, bacia das almas, galinha morta, de graça, nica, nonada, migalhice, nuga, trica, tuta-e-meia, bagatela, etc., têm o sentido oposto.

Gorgeta é representada por gorja e gruja.

Gastador é mão aberta. Egoísta é fominha, em todas as acepções. Gastar é torrar. Trambique é negócio ilícito. Trambiqueiro é trapaceiro. Russo e porco significam situação difícil. Rachar é dividir despesa entre companheiros (também tem o sentido de estudar bastante). Fazer uma vaca (ou vaquinha) é dividir cotas entre amigos para comprar algo que sirva para todos, como uma bola, por exemplo. É uma espécie de cooperativa.

No populário bancário encontramos: borboleta, com o sentido de ilegalidade através de cheques, e papagaio significando promissória.

Convém esclarecer que, muitas vezes, uma palavra, où então, uma expressão solta não tem sentido, em algumas áreas culturais. Elas não podem ser desligadas dos respectivos contextos sócio-culturais, para não se esvaziar de conteúdo. Portanto, o meio ambiente, o meio físico-geográfico, não pode ser dissociado do vocábulo, ou da frase, para conservar a real conotação.

DINHEIRO E CAMINHÃO

No nosso acervo de frases de caminhão encontramos dezenas que fazem referência ao dinheiro. Dentre elas destacamos:

Sogra, nem com muito dinheiro. Dinheiro é sangue. Dinheiro é sangue e sangue não se dá. Dinheiro custa ganhar. Dinheiro chama dinheiro. Dinheiro cheira dinheiro. Dinheiro não tem cheiro. Dinheiro parado não dá juros. O cachorro é fiel porque não conhece dinheiro.

DINHEIRO E QUADRAS

O dinheiro, tradicional veículo de comunicação, aparece até nas quadrinhas folclóricas. A seguir, apresentaremos algumas, cedidas pelo Prof. José Sant'anna, recolhidas no Município de Olímpia.

Há quem pense que o dinheiro É que traz felicidade; Mas só quem goza saúde É que é feliz de verdade.

Dizem que foi o Demônio Quem inventou o dinheiro, Mas quem quer ver o Demônio, Fique com bolso maneiro. A mulher e a galinha São dois bicho interesseiro, A galinha pelo milho E a mulher pelo dinheiro. (Esta é conhecida em quase todo o território nacional)

Quer o rico, quer o pobre, Todos têm seu amorzinho; O rico com seu dinheiro, O pobre com seu carinho.

O dinheiro tudo compra, O dinheiro compra tudo, Compra até o silêncio Do mais triste linguarudo.

Como se vê, dinheiro e literatura popular, também se acasalam.

DINHEIRO E O CANCIONEIRO FOLCLÓRICO

A palavra dinheiro, talvez a mais pronunciada no mundo capitalista, sob suas variadas formas, também faz parte de músicas folclóricas. Eis alguns exemplos:

Minha mãe me dá dinheiro pra eu comprar um cinturão pra fazer a ponta fina pra dá no Lampião. Estribilho Ai bumba chora,

Ai, ai, chora meu bumba.

Do livro Retalhos de Folcloro

Do livro Retalhos de Folclore, do escritor Adelino Brandão, publicado em Araçatuba (SP).

Note, pela letra da música apresentada que o dinheiro sempre esteve presente no Ciclo do Banditismo, no Nordeste Brasileiro. Ele foi reclamado para se integrar no Ciclo do Lampião, no Cangaço. Manifestou-se contra a situação de intensa miséria e de injustiça social existentes no sertão nordestino no início deste século. É a presença do dinheiro na música do povo.

Também constatamos o valor do dinheiro para a sobrevivência nos cantos de cegos. São diversas as melodias cantadas por pessoas desprovidas de visão, como um meio de ganhar a vida. Este melodia a ser apresentada é um canto de cego. Ela é o resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Olímpia (SP) pelo confrade José Sant'anna.

O cego canta pedindo. Geralmente é acompanhado dos acordes de cavaquinho ou pandeiro. Mas, há os que executam sanfona, cuíca e gaita. É mais raro os que tocam viola ou violão.

Ouem pede, pede chorando,

Quem dá merece bondade;

Dá esmola ao pobre cego

Na maior necessidade.

Depois que recebe o adjutório, ele canta agradecendo, sempre acompanhado pelo seu instrumento musical. Assim:

Deus lhe pague, Deus lhe ajude

Deus lhe dê vida e saúde.

A saúde é caridade,

Caridade é virtude.

Há muitos que entremeiam com músicas sertanejas. Geralmente cantam em estações (rodoviárias e ferroviárias) ou em logradouros públicos.

Verificamos em Cosmorama (SP) a presença de um cego que cantava enquanto executava simultaneamente sanfona e gaita, sendo que esta estava adaptada sobre aquela.

DINHEIRO NA IDEOLOGIA DE CORDEL

O significado cultural do dinheiro está inserido no espírito folclorístico da literatura de cordel, na literatura popular nordestina. Parece-nos que a ideologia dessa literatura identifica, com muita propriedade, o dinheiro. Para tal, é só recorrer aos folhetos desses poetas, como: A Crise na Porta do Pobre, de Antônio Alves da Silva; O Peso da Carestia, de Manoel Tomás de Assis; Os Tubarões do Comércio e a Carestia em Geral, de Francisco Firmino de Paula; Tudo Agora Levantou, de José Costa Leite; além de outros.

Note os versos do poeta que escreveu - Tudo Agora Levantou:

"Comida agora em mosqueiro é um caso verdadeiro um lanche é tanto dinheiro que ninguém nunca pagou por um taco de cabelouro e um café choco e gouro estão cobrando um tesouro tudo agora levantou".

DINHEIRO E FRASEOLOGIA

Frases como: quanto mais tem, mais quer; quanto mais rico, mais ridico; indicam indivíduo ambicioso.

É grande o número de frases envolvendo o dinheiro, o símbolo do Capitalismo. Eis apenas alguns exemplos:

Dinheiro de trouxa é farra de sabido. Dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza. Dinheiro na mão de pobre só faz baldeação. A desgraça do pobre é não ter dinheiro. Dinheiro no meu bolso é manga de colete.

Nos estabelecimentos comerciais podemos encontrar frases alusivas ao dinheiro. Com maior freqüência elas aparecem em impressos, mas também constatamos algumas poucas escritas nas paredes. Muitas vezes elas estão acompanhadas de desenhos que por si só dizem tudo.

Essas frases fazem referência ao fiado, ou seja, lembram aos fregueses que não se vende sem dinheiro. Eis alguns exemplos encontrados em núcleos urbanos da Alta Araraquarense, no Estado de São Paulo (Jales, Mirassol, Santa Fé do Sul, Valentim Gentil e Votuporanga):

"Quem vende fiado, perde a mercadoria e o freguês". "Fiado, só ontem". "Fiado, só amanhā". "Freguês educado não pede fiado". "Cigarros e bebidas só à vista". "Fiado, só na Mylene". (nome de loja). "De vender fiado, fiquei quebrado". "Fiado, cínco letras que choram". "Quem bebe pra esquecer deve pagar antes de beber". "A bebida faz esquecer, então pague antes de beber". "Breguês educado não cospe no chão, não pede fiado e não diz palavrão". "Prara não ficar quebrado, nunca you vender fiado".

"Para servi-lo aqui estou,

trabalho e não sou folgado,

de amigo, parente e doutor

foi o fiado cortado".

Por imposição de Lei está proibido vender gasolina fiado".

"Não passe sem parar,

Não pare sem entrar,

Não entre sem comprar,

Não compre sem pagar".

"Lei Federal proíbe vender fiado". "Gasolina só à vista". "O fiado acabou". "Você chegou tarde e o fiado foi embora". "Fiado já era". "Fiado até ontem". "O Governo proibiu vender produtos derivados de petróleo fiado". "Ontem acabou o fiado". "Pague o que você deve porque o fiado acabou". "Não passe sem parar, não pare sem comprar, mas à vista". "Não pare sem entrar, mas compre à vista". "Não peça fiado". "Não entre sem gastar e nem saia sem pagar".

"Fui

Irmão e

Amigo

Do infeliz

Otávio, falido".

Há outra tipologia que através de eufemismo está implicitamente

fazendo referência ao dinheiro, como as que seguem:

"Agradecemos a preferência". "Você é o freguês mais importante do mundo". "Desejo em dobro o que você quer pra mim". "Aqui o freguês tem sempre razão". "Se não fosse você, esta loja não existia". "Você é a causa do nosso progresso". "Obrigado e volte sempre". "A tua visita muito nos honra, mesmo sem comprar". "Trabalhamos para servi-lo bem".

DINHEIRO E PRAGAS

Pragas são frases onde há pedidos para que males recaiam sobre o inimigo ou concorrente. Observe que nos exemplos que seguem, a patente alusão ao dipheiro:

"Sicrano há de ficar pobre pra aprender a respeitar os pobres". "Na outra geração, Fulana precisa nascer debaixo de uma ponte". "Beltrano, o teu dinheiro a terra vai encobrir".

DINHEIRO E PÃO-POR-DEUS

Na área litorânea de dois Estados brasileiros — Alagoas e Santa Catarina — é comum as pessoas menos favorecidas enviar bilhetes a outras melhor aquinhoadas pelo destino, solicitando favores. Este modesto bilhete, portador de pedido de favor, é denominado "pão-por-deus". Tem a forma de um coração, daí também ser conhecido pelo nome desse órgão.

Conhecemos um, na praia de Itajubá (SC), em 76, que é, uma verdadeira obra artística: rendilhado a tesoura e com o desenho de um botão de rosa. Nele a pessoa escreveu para o gerente do hotel, situado naquela praia:

"Com pena eu pego na pena,

com pena de te escrever,

com muita delicadeza

peco dinheiro à minha mesa".

Maria Antônia

Pelo que se pode supor, à primeira vista, pelas evidências, não deve ter sido redigido pela necessitada.

DINHEIRO E LENDAS

É considerável o número de lendas existentes, onde é evocado o dinheiro. Lendas como a da Mãe-de-Ouro, de baús repletos de moedas e outras análogas são bem conhecidas,

DINHEIRO E GESTOS

Os gestos populares constituem o verdadeiro idioma da raça humana. É universal e antecede qualquer tipologia de linguagem. As mãos podem expressar melhor que os lábios.

Ao mover o dedo indicador sobre o polegar todos sabem que está se referindo ao dinheiro. Batendo uma das mãos fechadas sobre a outra significa sem dinheiro.

DINHEIRO E BOATOS

É deveras comum os boatos envolverem o dinheiro nos subornos, desfalques, golpes, falências e congêneres falcatruas.

DINHEIRO, BIJUTERIA E LEGISLAÇÃO

No decorrer da ditadura de Vargas, consoante informação de Aristides Vendramini, de Tanabi (SP), um decreto-lei, impedia que se utilizassem moedas como adorno e que se escrevesse em cédulas. No entanto, mesmo não-revogado aquele diploma legal, notamos com visível freqüência, a existência de colares, chaveiros, cintos, gargantilhas, pulseiras e até bolsinhas confeccionadas com moedas.

DINHEIRO, VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

Na cultura espontânea do povo encontramos facilmente frases grafadas em papel-moeda. Colecionamos um número considerável dessas notas, o que enuncia o valor do dinheiro como veículo de comunicação de idéias.

Comprovamos que a maioria das cédulas arroladas são as de um cruzeiro. Este registro deve-se ao fato de que é mais fácil o povo ter cédulas desse
insignificante valor e também pelos motivos expostos, se perder a legalidade
pouco prejuízo pecuniário terá o indivíduo. Corroboramos, confirmamos que
à medida que as cédulas vão tendo maior valor legal, menor é a possibilidade
de se encontrar legendas nelas. Tanto isso é verdade que defrontamos apenas
com uma cédula de valor máximo: mil cruzeiros.

CÉDULAS DE Cr\$ 1,00 (UM CRUZEIRO)

1 — AO2549/053468: "Quem pegar este dinheiro é considerado um ladrão". 2 — B05725/094956: "Se eu te perder nunca mais te encontrarei". 3 — B08818/026292: "Você já viu o diabo? Não!!! Fique sem dinheiro". 4 — B11459/064695: "Quando você foi, fiquei duro"! 5 — N10312/033147: "322717 José Luiz". (provavelmente é número de telefone) 6 — B03522/082044: "Dalvina meu amor, onde estiver volte por favor". 7 — B10578/027812: "A você feliz natal e próspero ano-novo são os melhores votos de sua colega...???".

CÉDULAS DE Cr\$ 5,00 (CINCO CRUZEIROS)

1 — B05256/079486: "Quem pegar neste dinheiro está muito feliz porque eu não faço nada nele porque ele vai para a mão do juiz. Quem pegar neste dinheiro vai ter muita sorte com o seu amor. Ailto", 2 — B06889/059690: "Vire este dinheiro e verá uma mulher pelada na bicicleta". No verso: "Você demorou e ela já passou". 3 — B08089/034852: "No posto Shell só tem vagabundo". 4 — B11883/057964: "Mantenha a cidade limpa matando um preto por dia". 5 — B10241/088137: "Se gritos fossem flores cabeça de paulista era jardim".

CÉDULAS DE Cr\$ 10,00 (DEZ CRUZEIROS)

1 — B01175/010993: "Quem pegar nesse dinheiro é burro". 2 — A0636 2/066366: "Vem ver São Cipriano. Quem receber esta nota copia estas palavras em três cédulas. Nada lhe faltará". 3 — A07051/098656: "Fui confessarme. Disse ao padre que estou amando. Como penitência ele me disse que fosse continuando".

CÉDULAS DE Cr\$ 50,00 (CINQUENTA CRUZEIROS)

1-B04014/084689: "Vida! de que vale a vida! Se minha vida está envolvida na vida de tua vida"! 2-A02558/021955: "Roberto e Adriane". 3-B04151/071560: "Eu sou bonito, solteiro e estudado".

CÉDULAS DE Cr\$ 100,00 (CEM CRUZEIROS)

1-A05219/003889; "Sibéle e Paulo". No verso: "Marlene e Valdir". 2-A05926/076969; "Em caso de incêndio vire rápido". No verso: "Eu disse

em caso de incêndio. . . burro".

Temos ainda centenas de cédulas, do Banco Central do Brasil, todavia, já demos uma amostragem suficiente do valor folclórico nelas inserido.

CONCLUSÃO

Nos primórdios da civilização, o comércio era realizado pela troca de objetos. Contudo, essa troca de utilidades acarretava problemas (quantitativos e qualitativos) que impediam o desenvolvimento econômico.

Na antiguidade, quando foram cunhadas as primeiras moedas, na Grécia ou em Roma, tinham elas como símbolo a cabeça de um boi (daí a palavra latina "pecunia", que vem de "pecus", ou seja "gado"). Na Itália, as moedas mais antigas eram enormes barras em forma quadrilátera, espécie de ladrilhos de cobre em que são representados os mais variados animais. Posteriormente, os figurões da política, os reis, generais, heróis nacionais, os deuses e os artistas passaram a ter a sua efígie estampada nas moedas. Os pequenos dentes das bordas das moedas têm várias funções; legitimidade na identificação, legitimidade do metal; diminuição do peso. Surgiu na mais remota antigüidade, quando as bordas eram limadas para que o recebedor desconfiado se certificasse da autenticidade do metal, então o ouro.

Através dos tempos, muitas modalidades de moedas foram empregadas pelo homem, como: o chá, na Antiga China; as peles, entre os caçadores canadenses; o sal, entre algumas tribos africanas; retalhos de couro estampado, ao Norte da Antiga Rússia; barras ou objetos de metal de formas e pesos variados; e o cacau (semente, grão) entre os índios astecas da porção central da América.

A lingüística nos revela que do latim "pecus" = gado, veio pecúnia; "caput" = cabeça, deu capital; do russo "Koutnitsa" = marta; "Kouna" = moeda.

Com o passar dos tempos, difundiu-se o uso de notas de papel, ou seja, papel-moeda, que se universalizou. Resumidamente podemos afirmar que a Humanidade passou do sistema de trocas para um determinado tipo de moeda em cada país.

Para finalizar, convém deixar bem patente que o fato folclórico, ocorrido no Brasil em relação ao dinheiro, sucede também nos outros países. Os outros povos têm também o dinheiro inserido no Folclore. Não é privilégio só dos brasileiros.

O GLOSADOR GENUÍNO



Para o poeta popular nordestino o autêntico glosador é aquele que improvisa, em forma de récita, no exato momento em que lhe dão o mote, costumeiramente em um ou dois versos setissilábicos.

O "Lello Universal" explicita: (¹) "Glosa: composição poética que desenvolve o pensamento de um mote e de que cada uma das suas estrofes termina por um dos versos desse mote: as glosas de Bocage." Ainda sobre o assunto ensina Aurélio Buarque em seu Dicionário: (²) "Bras. Composição poética, ordinariamentes formada de quatro décimas, às quais servem de motes os quatro versos de uma quadra."

Pelo visto, a glosa prescinde de ser improvisada para existir como tal. Em que pese essa assertiva, os poetas que glosam de improviso são mais admirados. Minha opção, no caso, seria mostrar o talento de alguns desses últimos, se para tanto me ajudar engenho e arte.

Sou consciente da responsabilidade que assumo até à medida em que forem verdadeiras as informações das quais me arrimo, porquanto a fita magnética é de descoberta recente. Pretendo sobre todos os aspectos me aproximar o possível da verdadeira identidade do autor em relação a sua obra.

* Aleixo Leite Filho é folclorista e professor universitário – Caruaru – PE/Cx. P. 31.

Acostumado às lides da pesquisa folclórica, terminei com o exercício frequente, arranjando um certo faro para discernir sobre a realidade do povo da minha região. Nessa linha de raciocínio usarei de perspicácia para não me emaranhar em lucubrações desnecessárias. Muitas das glosas aqui expostas me são familiares desde tenra idade, bem como seus autores. Embora tenha mais respeito pelos improvisadores, o que mata de inveja, não negarei a colocação dos que só glosam escrevendo. Todos os dois são vítimas da descaracterização na boca do povo, inclusive com trocas de autoria, o que é pior.

A forma mais usual de apresentar a glosa é com a estrutura seguinte, quanto à rima: ABBAACCDDC, em versos setissilábicos, com os dois versos do mote colocados no final. Existe o mote de um verso, o qual virá no fim da estrofe. Alguns poetas preferem colocar o primeiro verso formando a quadra inicial da décima, deixando o segundo verso do mote para o fim.

Como tudo o que nos chegou de civilização veio da Europa, na Península Ibérica, a glosa já era conhecida de tempos imemoriais. Há glosas que se identificam plenamente com a natureza do improviso pela instantaneidade como foram feitas. Exemplo: (3) "No ano de 1926, voltando de uma cantoria com Marinho, e já chegando às fronteiras de Pernambuco com a Paraíba, Zemiguel, ao sacar da pistola, procurou alvejar um urubu que estava no cimo duma pedra alta e fina. Marinho, amigo e defensor dos animais, protestou:

Zemiguel, por seres tu Filho desta grande escola, Suspende tua pistola Não mates o urubu. Passemos o Pajeú, Sem, a nada, se ofender!

Pois, tu, bem deves saber, Que este animal, com certeza, É empregado da limpeza; Deixa o bruto viver.

O brilho de sua exposição, em versos improvisados, dominou o coração de Zemiguel, que, baixando a arma, prestes a disparar, enriqueceu, mais ainda, o acervo de nossa poesia, como o belo da Décima inesquecível:

Tive intuito de atirar
Com a má intenção que medra,
Quando no cimo da pedra,
Vi um urubu pousar;
Mas, quando eu ia alvejar,
Ouvi Antonio dizer:

"José que queres fazer? Este animal, com certeza, É empregado da limpeza; Deixa o bruto viver."

Em São José do Egito (Pernambuco), berço do poeta-cantador Antonio Marinho, pela década de 40, aprendi as estrofes acima, através dos seus familiares, da seguinte forma:

Zemiguel por que és tu,
No mundo, um filho da Escola,
Suspende a tua pistola,
Não mates o urubu;
Passemos o Pajeú
Sem a ninguém ofender;
É bastante se saber
Que este animal sem beleza
É empregado da limpeza
Deixa este bruto viver.

Tive intuito de atirar,
Com a má intenção que medra,
Quando, no cimo da pedra,
Vi um urubu pousar;
Quando quis o alvejar
Ouvi Marinho dizer:
"José que queres fazer?
Este animal sem beleza
£ empregado da limpeza;
Deixa este bruto viver."

Julgo de hom alvitre prevenir o leitor quanto às lapidações. Conhecia esses improvisos com ligeiras modificações verbais que também não comprometeriam a essência da obra. Lembro ainda que os termos "mote" e "tema" são usados como sinônimos entre a maioria dos apreciadores de poesia popular. Algumas pessoas mais exigentes fazem distinções: "mote é feito de dois ou quatro versos, no último caso, usados para se compor décimas, e tema é feito de um verso." Outros confundem muito mais, de modo que, em cantoria tanto faz se dizer tema como mote, os cantadores não reclamam.

Prosseguindo o estudo sobre instantaneidade do improviso na glosa recitada, vem o assunto: (4) "Durante a Revolução de São Paulo, no ano de 1932, o governo federal 'abriu o voluntariado' para os que quisessem seguir para a frente de batalha. Um paraibano conhecido por Canelinha foi o primeiro a alistar-se. Quando o carro havia percorrido alguns quilômetros, Canelinha, por ser poeta de profundos sentimentos cristãos, chegou a concluir: não nascera para brigas, mas, para o amor. Saltando do transporte, o oficial encarregado procurou encorajá-lo... Vendo que não conseguia demovê-lo daquela atitude, solicitou que a relatasse em poesia.

Livre para seguir novo destino, Canelinha imortalizou-se com a Décima, que jamais seria sobrepujada por todos os loiros que viesse conquistar no campo da luta:

Não me leve para a guerra;
Não me faça essa surpresa,
Pois não tenho natureza
De ver meu sangue na terra!
Me deixe em cima da serra,
Lá por dentro dos buracos,
Para viver com os macacos,
Embora passando fome:
Depois escreva meu nome
No livro dos homens fracos."

O poeta glosador cratense Zé de Matos, sendo encontrado caído, de cachaça, fazendo das compras travesseiro, foi convidado a se levantar, por pessoas amigas que o ajudaram. Debalde os esforços, glosou do chão onde ficou deitado: (5).

"Eu me sinto tão pesado
Chega de um passo perro;
Parece que sou de ferro;
Ou, no chão, estou pregado!
Daqui, só vou arrastado,
Ou partido em quatro tora!
Isso mesmo, é sem demora!
Só assim me aluirão:
Doutro jeito não vou não,
Ouando eu puder, vou embora!"

Perseguindo ainda as páginas da "Antologia Ilustrada dos Cantadores", reporto-me ao poeta popular, alagoano de Palmeira dos Índios, conhecido por Chico Nunes: (6) "Francisco Nunes, depois de assistir à famosa professora de violino, Nazaré Batista, que percorria as capitais brasileiras, adoeceu. De partida para o sul do país, Nazaré foi visitá-lo. Ao apertar-lhe a mão, chorou. Chico Nunes de improviso, do leito onde convalescia dedicou-lhe este canto de amizade:

Veio despedir-se então

De um poeta pequenino, E o som do seu violino Ficou no meu coração. O seu aperto de mão Entristeceu o versista! Quando é que a gente se avista? Ouca: Estou perguntando! Você partindo, eu chorando. . .

Adeus, Nazaré Batista!"

Quanta espontaneidade, seu Chico Nunes!

Do renomado glosador da Ribeira de São João do Rio do Peixe, Ceará, Luís Dantas Quesado, escolhi o trecho que se segue: (7) "Na cidade do Cedro, Dantas Quesado esperava que o agente da estação desse a terceira partida do trem, para embarcar com destino a Fortaleza. Uma senhora por nome Emília, disse, apreensiva: 'Vai-te embora Luís Dantas, que o trem já tocou partida!...

Tomando a frase por um mote, improvisou antes de embarcar:

Dona Emilia deu-me as plantas,

Para glosar com certeza;

Disse, com delicadeza:

Vai-te embora Luís Dantas.

E tu, de lá, é que cantas,

Oue te fico agradecida;

Faco um voto a Santa Guida,

Oue facas boa viagem;

Arruma tua bagagem,

Oue o trem já tocou partida!...

Outro poeta que se enfileira nessa ordem de glosas, com flagrante improviso, é Romano Elias da Paz, com o mote: "Que Joventino é ladrão", dado por um Delegado que acompanhava este senhor: (8).

"Só deixando de glosar,

Embora seja defeito. . .

Quem glosa fica sujeito

A ferir ou melindrar. . .

Agora vou me enrascar

Faltando com a razão

Ofendendo a um cidadão

Oue pode ser meu amigo! O senhor diz, eu não digo

Oue Joventino é ladrão!"

Sobre o poeta popular Manoel Floriano Ferreira, mais conhecido por

Manoel Neném (Palmeira do Índios — AL), registra o "Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada": (*) "Apesar dos noventa e três anos e de paralisia recente que o prende à cama, continua lúcido e capaz de improvisar, como o fez recentemente glosando o mote. 'Adeus até outro dia' com que um companheiro mais moço se despediu dele:

Eu estou quase de ida, Pra ir pra eternidade, Já estou sentindo a saudade Da hora da despedida; É breve a minha partida, E parto sem companhia; Eu vou fazer poesía Pra os anjos celestiais E você não me vê mais Adeus até outro dia"

Em "Violas e Repentes" escreveu F. Coutinho Filho no capítulo de Glosas: (1°) "Na Campina Grande, na tarde de 13 de janeiro de 1936, vi o Sr. Ernani Lauritzen, Coletor Federal, pedir aos cantadores Josué Alves da Cruz e Agostinho Lopes dos Santos, duas glosas para o mote: Um é bom, dois é melhor, três é ruim, quatro é pior!

Nosso matuto, explicou o Sr. Emani, trocando e comprando cavalos nas feiras, considera bons os animais de um sinal, dando preferência aos de dois, notoriamente superiores. Os de três sinais, maus de qualidade, são maus negócios. E os cavalos de quatro sinais, apontados como péssimos, ficam de refugo. Da curiosa regra, adotada convincentemente pelos vaqueiros sertanejos, surgiu o pitoresco nas duas frases que sintetizam o presságio matuto.

Agostinho glosou logo, sem se fazer rogado:

— Sem recursos geniais Tenho medo de falar! Seu Ernani eu vou glosar Sobre esses quatro sinais. Meus dons espirituais Eu apresento ao major. . . .

Um é bom, dois é melhor,

Diz o trocador na feira, E, citando a regra inteira:

Três é ruim, quatro é pior!

Josué, tomando parte na aplaudida vitória de Agostinho, também improvisou galhardamente:

- Meu colega, companheiro,

Repara bem, mira e mede, Que tudo isto sucede Ao sujeito que é troveiro! Gloso os sinais do vaqueiro A pedido do major. . . Um é bom, dois é melhor, Posso afirmar ao senhor Que assim diz o trocador: Três é ruim, quatro é pior!"

Outra glosa considerada de circunstância foi feita por Antonio Marinho, quando, na porta de um bilhar, comentava com comerciantes a continuação da estiagem em sua terra: (11) "O proprietário do estabelecimento dormia, estirado na espreguiçadeira, e Marinho prendeu a atenção dos companheiros pincelando o quadro, inclusive a apreensão dos negociantes da roda, com as tintas vivas da realidade, no improviso destes versos:

- Quando o dono de um bilhar,

Numa cadeira, ressona, É porque não funciona
O seu meio de ganhar!
Vê-se um artista a olhar
Umas peças importantes!...
Três, quatro comerciantes
Trocando idéias num beco!...
São restos dum ano seco!
Oue cenas interessantes!''

Quando comecei a me interessar pela poesia do povo, na ribeira do Pajeú, no sertão pernambucano, ficava pasmado diante dos glosadores de pé de balcão de bodega (mercearia), a disputarem versos, sob o aplauso dos circunstantes. Por essa época ouvi dizer que Zé Bernardinho, tido como o melhor glosador da região, certa feita fora apresentado a um folclorista, o qual o experimentou com o mote: "Diga quem nasceu primeiro / Foi ovo, galo ou galinha."

E veio a resposta:
O que pede o cidadão
Nem mesmo professor sabe;
Pois o assunto não cabe
Na minha compreensão;
É obra da Criação,
Não está na ordem minha;
Não sei se antes já tinha

Galinha, galo ou poleiro, Não sei quem nasceu primeiro Foi ovo, galo ou galinha. Foi a primeira glosa que decorei na minha vida.

BIBLIOGRAFIA

- (1) LELLO, José e LELLO, Edgar. Lello Universal, Vol. II Editores Lello & Irmão, Porto — Portugal, página 1136.
- (2) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário, Editora Nova Fronteira, Rio, página 690.
- (3/7) LINHARES, Francisco e BATISTA, Otacílio. Antologia Ilustrada dos Cantadores, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1976, páginas 338, 289, 224, 349, 230.
- (8/9) ALMEIDA, Augusto F. de, ALVES SOBRINHO, José. Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, Editora Universitária João Pessoa, 1978, páginas 213, 132.
- (10/11) COUTINHO FILHO, F. Violas e Repentes, Gráficas Saraiva S/A, S. Paulo, 1953, páginas 47, 241.

NOTICIÁRIO DE SANTA CATARINA – 1982

Florianópolis. Realizou-se em Florianópolis, a 9a. Conferência Nacional da OAB, entre os dias 2 a 6 de maio, comemorativa aos 20 anos da entidade.

A UFSC, a pedido da Comissão de Apoio da Seção Catarinense, montou uma exposição com o seguinte tópico:

A colonização açoriana em Santa Catarina teve início em 1748 quando começaram a chegar os primeiros navios com parcelas das cinco mil pessoas que partiram das diversas ilhas do arquipélago dos Açores, no Atlântico.

Os primeiros colonizadores desenvolveram uma complexa e rica economia de subsistência que envolvia desde a exploração do mar como da agricultura e da natureza em geral. Parte desses conhecimentos e desse trabalho ainda subsiste no litoral catarinense.

A exposição foi organizada pelo Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina, a pedido da Comissão de Apoio da Seção Catarinense da Ordem dos Advogados do Brasil, e tem o objetivo de mostrar aos visitantes alguns dos aspectos mais importantes da cultura popular açoriana na Ilha e litoral de Santa Catarina. Livros de escritores catarinenses também serão expostos e vendidos, bem como objetos de artesanato.

Mais de trezentas peças diferentes, entre livros antigos sobre Santa Catarina, cerâmica, quadros e trabalhos diversos de Franklin Cascaes sobre crianças, estarão expostas entre 2 e 6 de maio próximo, no Hall da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, para a visitação de cerca de dois mil advogados de todo o país que estarão em Florianópolis, naquele período, para participar da 9a. Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil.

EXPOSITORES

- 1 MUSEU UNIVERSITÁRIO/UFSC Trabalho de Franklin Cascaes
- 2 BIBLIOTECA CENTRAL
- 3 EDITORA DA UFSC
- 4 TRABALHO DE CERÂMICA Artesão Renato Machado

5 – COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE Rendas da Ilha de Santa Catarina, apresentadas pelo Professor Doralécio Soares

6 - ASSORI - ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DA ILHA

Jandira Lorenz

7 - LIVRARIA CATARINENSE

8 - ARTESANATO DA REGIÃO DE LAGES

9 – ANTIGUIDADES DO ANTIQUÁRIO Antiques

10 - STUDIO DE ARTE

Elv Heil

Pinturas de : Valda Costa
Pedro P. Vecchietti Martinho de Haro

Rodrigo de Haro João Olibio Thais H. de Oliveira Vera Sabino

Suely Baduschi Ernesto Meyer Filho
Luiz Si Amando Sell
Loly Hosterno Neusa Lorita Leite
Edson Busch Machado Silvio Pléticos



ASSORI – Associação de Rendeiras da Ilha, participou com um stand para vendas e demonstrações do tradicional artesanato pela jovem rendeira Suzana.

Florianópolis - SC

Canções Praieiras é o álbum No. 1 da Coleção Compositores Catarinenses, da série "Canto Coral", de autoria de Osvaldo Ferreira de Melo, cujo lançamento foi realizado a 28 de maio, na sede da Associação Coral, à Rua Maestro Aldo Krieger, Córrego Grande, em Florianópolis.

A promoção que foi patrocinada pelo Secretário de Cultura, Esporte e Turismo; Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura e o Presidente da Associação Coral de Florianópolis, reuniu elevado número de pessoas do meio cultural da Ilha de Santa Catarina.

Florianópolis

A UFSC e a Editora Lunardelli patrocinaram o lançamento do livro A República em Santa Catarina, de autoria do Prof. Jali Meirinho, cuja obra foi editada pela Editora da UFSC. O ato que teve grande repercussão nos meios culturais da Ilha, teve lugar no dia 15 de junho no Hall da Casa da Cultura.

II Concurso Estadual de Dramaturgia

Com a participação da Caixa Econômica Federal, Instituto Nacional de Artes Cênicas e a Fundação Catarinense de Cultura, foi realizada a entrega dos prêmios aos vencedores do II Concurso Estadual de Dramaturgia e lançamento do livro com as peças premiadas no I Concurso Estadual de Dramaturgia. O ato teve lugar na Casa da Cultura à Rua Tenente Silveira, 69 — Florianópolis.

Festa Junina na UFSC

Entre as suas várias promoções de natureza cultural, o DAC — Departamento de Assuntos Culturais e o Museu Universitário — (PRPGP), da UFSC, organizaram uma "Festa Junina" no mês de junho, objetivando integrar a comunidade às manifestações da cultura popular, no Campus da UFSC.

A promoção, que teve no folclore lúdico o seu ponto de destaque, teve a participação dos alunos do Colégio de Aplicação e dos Grupos Escolares Simão Hess, Hilda Deodoro e Padre Anchieta, e crianças da comunidade. Das apresentações constaram, a dança do Pau-de-Fita, dança da Quadrilha, e pantomima do Casamento na Roça, além das comidas típicas atribuídas aos festejos juninos.

Os 128 anos da Biblioteca Pública

A Biblioteca Pública comemorou os seus 128 anos de criação na semana de 31 de maio a 4 de junho. A promoção, de natureza cultural, sob o tema "Educação e Arte", teve a participação de elevado número de professores, entre conferencistas e debatedores.

Victor Meirelles - Painel - Apresentação pelos Professores: Carlos Humberto Corrêa

Sara Regina Silveira de Souza

Aldo Nunes

Coordenador: Jali Meirinho Arte e Ocupação do Tempo Livre:

Influência da Música no Desenvolvimento Integral da Personalidade Infantil;

Cultura Popular.

Conferencistas: Maura Cecília Schmidt

Maria Suzanila Lopes Flores Oswaldo Ferreira de Melo

Dehatedores: Ioná Di Bernardi

Aurélia H. Silveira

Importância da Arte na Educação da Criança: experiências da Escolinha de Arte de Florianópolis. Painel apresentado pelas Professoras: Gleusa da Costa Zabot - Marita Bastos Maria Lúcia Macelani Mourão - Sônia Couto Rosane M. Fernandes - Maria Helena P. Silva

A Alfabetização e o Gosto Pela Leitura Conferencista: Myrian Bittencourt Jacira Isabel Goulart Debatedores:

Eliêne Terezinha Souza Rodrigues

Victor Meirelles - dramatização

Teatro e Cinema Como Fatores de Educação Conferencistas: Vera Regina Martins Colaço

Eglê Malheiros Miguel

Debatedores: Carmem Fossari

Tânia Françalacci Schambeck

CARTA AOS CATARINENSES

Nas "Cartas aos Catarinenses", amplamente distribuídas pelo Governador Esperidião Amin, durante a sua campanha ao governo do Estado, destacamos a referente à "CULTURA", a qual publicamos com o objetivo de cobrar de S. Exa. o cumprimento da mesma, assim formalizada.

Em realizando apenas 50% do que na mesma se insere, dadas as muitas implicações de ordem financeira, terá S. Exa., atingido uma parte das metas prometidas aos catarinenses. Oxalá assim se cumpra, estaremos "vigilantes".

CULTURA

No cumprimento da sua missão de dar apoio às expressões culturais do homem e da sociedade a que serve, o Governo de Santa Catarina respeitará os valores da liberdade de criação e estará atento às peculiaridades de cada uma das regiões que formam o Estado, de modo que nossa identidade, resultante que é do concurso de várias correntes civilizatórias, seja preservada com prioridade. Esta conclusão resume as contribuições encaminhas à "Carta aos Catarinenses" para a formulação de uma política cultural da próxima administração estadual. Dentro dela, impõe-se como diretriz básica que toda a estratégia se fundamente nas tradições e na criatividade do homem catarinense, com o que será possível preservar a memória cultural diferenciada e estimular a renovação de idéias, fatos e expectativas. Impõe-se também a necessidade de facilitar a troca de experiências culturais entre as diversas comunidades do Estado, de modo que os catarinenses melhor se conheçam e compartilhem mais intimamente suas iniciativas, enriquecendo-se mutuamente e tornando também mais rica Santa Catarina como um todo. A difusão de todos os valores para além de nossos limites, por outro lado, é um anseio legítimo de afirmação catarinense e é tarefa que o Governo reconhece lhe caber em grande parte.

A ação governamental proposta será desenvolvida, assim, em três movimentos:

- 1. Preservação da memória cultural;
- 2. Apoio à produção e troca de bens culturais;
- 3. Divulgação externa dos valores da cultura catarinense.

1. Preservação da Memória Cultural

O governo cuidará da conservação do patrimônio urbano e arquitetônico, histórico e artístico, dará apoio à pesquisa histórica, à implantação e manutenção de museus, incentivará as tradições expressas pelo folclore. A história de Santa Catarina fornece as bases da nossa identidade e neste sentido, deve ser cultivada, pesquisada e divulgada.

Um Homem e um Episódio a Conhecer: O Contestado

A nossa história registra um episódio que evidencia com muita clareza a luta do catarinense pela Terra, pela Ecologia, pela Defesa dos Pequenos, pela Justiça Social. É o episódio do CONTESTADO, que precisa ser pesquisado e estudado com maior profundidade, especialmente a figura do seu líder, o Monge João Maria. Aquele evento, gerou algumas raízes da nossa Identidade Cultural, que precisam ser cultivadas com mais apreço.

Dentro dessa preocupação, o Governo estabelecerá uma linha de ação conjunta com órgãos federais e municipais, procurando garantir meios de manter dignamente presente em nosso tempo o passado dos catarinenses.

2. Apoio à Produção e Troca de Bens Culturais

O Governo será elemento de incentivo e apoio. O indivíduo e a comunidade encontrarão nele instrumento para o desenvolvimento de tendências, o abastecimento intelectual e técnico, a materialização de idéias e projetos. Deverão, assim, ser adotadas medidas práticas como estas:

- Estímulo à criação de Conselhos Municipais de Cultura, à instalação de centros de cultura popular e de tradições catarinenses;
- Criação de um sistema de apoio à disseminação de bibliotecas nos municípios e em entidades culturais;
- 2.3. Dotação de meios para o conveniente aproveitamento de vocações artísticas, com a concessão de bolsas de estudo e viagens de formação. Criação de programas específicos de intercâmbio cultural, a fim de que Santa Catarina acompanhe o andamento das diversas manifestações culturais de fora do Estado.
- 2.4. Plena utilização do Centro Integrado de Cultura, onde se instalarão museus, auditórios, ateliers, escolas de arte, bibliotecas, clube de cinema, etc.:
- 2.5. Apoio às iniciativas grupais e à promoção de intercâmbio entre as comunidades, com a realização de eventos setoriais em que se reúnam grupos de teatro, de música, de folclore, etc., e a instituição de concursos específicos. Estímulo ao surgimento de condições para o desenvolvimento do cinema em Santa Catarina. Realização anual da "Semana da Cultura":
- 2.6. Desenvolvimento do programa de edições de autores catarinenses, do

presente e do passado, bem como de autores não-catarinenses sobre temas de Santa Catarina; adoção de livros didáticos de autores catarinenses na rede escolar do Estado; estímulo à indústria editorial privada através da coedição de obras de interesse cultural e boa perspectiva de mercado; apoio a suplementos literários, revistas e outras publicações do gênero; melhoria dos meios de distribuição dos livros editados;

- 2.7. Criação de espaços para a comercialização permanente de artes plásticas e artesanato, a cargo de associações dos produtores;
- 2.8. Criação de programa específico para um maior relacionamento dos produtores de bens culturais (escritores, artistas plásticos, músicos, gente de teatro e de cinema, homens de pesquisa, etc.) com a comunidade em geral e com os estudantes em particular, de forma a possibilitar um conhecimento mais efetivo entre os que produzem e os que consomem.

3. Divulgação Externa dos Valores da Cultura Catarinense

O Projeto Identidade Catarinense, que no Governo Jorge Bornhausen/ Henrique Córdova vem desenvolvendo promoções de grande rendimento, deverá ser mantido e ampliado. Santa Catarina, no esforço de se fazer mais presente no contexto nacional, sabe que ganhará prestígio ao divulgar os valores culturais que a individualizam. Assim, deverão ser tomadas medidas práticas como estas:

- 3.1. Manutenção do "Concurso Cruz e Sousa", considerado o mais importante certame literário existente hoje no Brasil e responsável, nas duas primeiras oportunidades, por altíssima divulgação de Santa Catarina;
- Criação de um programa de exposições individuais e coletivas de artistas plásticos catarinense em outros Estados;
- 3.3. Edição de uma "Revista de Cultura Catarinense", por meio da qual o Estado revelará os aspectos fundamentais de sua identidade.

Esta não é ainda uma proposta acabada.

Ela é apenas a síntese das contribuições que recebemos em resposta à Carta aos Catarinenses.

Nós precisamos da contribuição de todos os segmentos culturais do nosso Estado, para podermos desenvolver uma ação integrada, que venha enriquecer e divulgar ainda mais a nossa cultura.

x x x

Florianópolis

VII Festival de Corais Juvenis - Promoção da 1a. UCRE. A promoção

reuniu 33 corais dos diversos Colégios, Grupos Escolares e Escolas Básicas, no Clube 6 de Janeiro, de 22 a 25 de novembro de 1982. Além das Escolas participantes, registramos: o Coral de Pequenos Pescadores e Rendeiras da Barra da Lagoa, que tem como regente Vilson Neto Steffen, o Coral Infanto-Juvenil CELESC, sob a regência de Ariete Malina. Colégio Antonio Peixoto, com o Coral "Antonio Peixoto", que tem como regente o nosso companheiro de Comissão: Carlos Alberto Angioletti Vieira.

A promoção, que obteve pleno êxito, contou com o apoio e colaboracão da Secretaria da Educação e Curso Barddal.

Joinville - SC

Festa da Colheita

Anualmente, em Joinville, no Distrito de Pirabeiraba, vem sendo realizada a Festa da Colheita.

Agricultores dessa localidade realizam, sempre entre os dias 14 e 15 de agosto, a tradicional Festa da Colheita. Sempre coordenada pela comunidade evangélica luterana de Pirabeiraba. A festa transforma-se em grande atração comunitária.

A festa tem sua origem germânica, sendo realizada todos os anos a fim de que os homens do campo possam agradecer pelos resultados positivos de suas colheitas.

A mesma é programada, constando de apresentações de grupos folclóricos de origem germânica, recitais de violão, desfiles de natureza típica, gincanas, culto ecumênico e comidas de pratos típicos, "Schwatsauer" (Sopa Preta), acompanhada de "Hausbrot (Pão Caseiro), Mandeltorte (Torta de Amêndoas). A festa se prolonga por toda a semana, servindo-se o tradicional Marreco Assado.

Universidade Federal de Santa Catarina Curso de extensão — aberto à comunidade

FOLCLORE

De 02 a 13 de agosto/82

Participe gratuitamente

DIAS	TEMAS	MINISTRANTES
02 e 03	Teoria e Pesquisa do Folclore	Profa. Ilka de Almeida Santos, UFRGS
04	Danças Folclóricas	Prof. Antônio Augusto Fagundes, Museu Antropológico – Porto Alegre
05	Música Folclórica	Maestro José Acácio Santana, UFSC
06	Literatura Oral	Prof. Doralécio Soares, Comissão Cat. Folclore
09	Medicina Popular	Prof. Lúcio José Botelho, UFSC
10	Religiões Populares	Prof. A. Seixas Neto, Florianópolis
11	Artesanato Folclórico	Prof. Saul Martins, UFMG
12	Folguedos Folclóricos	Profa. Marlyse Meyer, UNICAMP/ SP
13	Magias, Crendices, Superstições e Tabus	Profa. Marlyse Meyer, UNICAMP/ SP

Inscrições: Depto. de Assuntos Culturais/Centro de Convivência - Campus

Poucas vagas

Promoção: Instituto Nacional do Folclore/FUNARTE UFSC/PRAE/DAC

Embora conste que a promoção teve a participação do Instituto Nacional do Folclore, isto entretanto não ocorreu. Após o curso montado, convidados os profesores, o Instituto do Folclore informa não ter recursos para a promoção. Coube assim à UFSC/PRAE/DAC, assumir todas as despesas decorrentes do mesmo.

Curso de Folclore - Florianópolis - SC

A Universidade Federal de Santa Catarina promoveu, entre 02 a 13 de agosto, um Curso de Folclore. Entre os professores convidados, tivemos a Profa. Ilka D'Almeida Santos, titular de Folclore Brasileiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que na oportunidade, concedeu ao Jornal "O Estado" a entrevista que publicamos.

O ESTADO - Fpolis, 10/08/83

PROFESSORA DIZ QUE O FOLCLORE NÃO MORRE, MAS SOFRE TRANSFORMAÇÕES

O folclore está morrendo?

Não, para surpresa de muitos que pensam que esta manifestação popular vai cedendo espaço para os valores impregnados pela sociedade industrial-capitalista e pelos meios de comunicação de massa. A resposta negativa partiu de Ilka D'Almeida Santos, professora-titular de Folclore Brasileiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora do Gabinete de Pesquisas Folclóricas do Instituto de Artes da UFRGS, que esteve participando de um curso promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde abordou a sua área — teoria do folclore e pesquisa folclórica.

"Muitos vêem que o folclore está morrendo, mas não me parece verdadeiro porque o folclore é um fato vivo e dinâmico. Existem aquelas manifestações que não acompanham as transformações sociais e que passam para a categoria de folclore histórico. O fato folclórico, entretanto, espelha a maneira de pensar e agir do homem em sociedade, e, como ela está em constante transformações, o folclore tem que acompanhá-las". Com este argumento, Ilka praticamente desmistificou a idéia de que o folclore seja obsoleto ou coisa de antigos, dizendo que, assim como determinados fatos passam a ser classificados como folclore histórico, outros estão surgindo todos os dias, sem que as pessoas percebam.

Com este raciocínio, ela considera como normal o desaparecimento de alguns fatos diante das transformações sociais, da mesma forma que a adaptação destes. Sobre esta questão da adaptação, a professora citou como exemplo "o Santo Antônio Casamenteiro das moças solteiras", cuja imagem era colocada, antigamente, de cabeça para baixo dentro de um poço, e que hoje é colocada na geladeira. Tem também provérbios recentes, que comprovam as inovações folclóricas, como "apanhou mais do que gato de desenho animado".

Mas, se na opinião de Ilka, todos nós praticamos folclore quase que diariamente, seja nos hábitos, na alimentação, no vestuário e outros, o que significa então este termo ou esta manifestação — folclore? Para ela, "folclore é uma manifestação de cultura espontânea, não imposta por instituições oficiais ou pelos meios de comunicação de massa, muito embora estes se aproveitem de determinados fatos para proveito próprio".

Já a cultura popular, segundo explicou, é tudo o que está sujeito a um período de moda, que se torna domínio público e logo desaparece, como o iê-iê-iê e as discotecas. E tanto um como outro fornecem subsídios para a cultura erudita. Ilka exemplifica com Chopin, Brahms e Villa-Lobos, que sempre se basearam no folclore de seus países para a composição de suas músicas.

Intelectuais e estudiosos também exercem papel semelhante, fundamentando-se em assuntos que são características do nosso povo e levando-os para o plano erudito, considerou ainda a folclorista. Na sua situação de pesquisadora, afirmou que a intenção é contribuir para a cultura brasileira, no sentido de evitar que ela perca suas características com a penetração dos enlatados e da cultura estrangeira, mais especificamente.

Contudo, reclamou do desinteresse das pessoas pelo setor, enquanto que o apoio governamental só se dá quando se "desenvolve um trabalho sério". "Temos sentido algum apoio, mas não muito", ressalvou a professora, defendendo a necessidade de se incentivar o cultivo das raízes étnicas, a quais o folclore está intimamente ligado. Isto, apesar de não ver nenhuma ameaça com o processo de misciginação ou com a padronização pelos meios de comunicação. "Podem surgir outros tipos de folclores com a amálgama de vários", concluiu Ilka.

ARTESANATO, DA TERAPÊUTICA AO MEIO DE VIDA

Prof. Saul Martins no Curso de Folclore promovido pela UFSC

O artesanato, além de arte, é lazer, meio de vida e pode ter uma importância terapêutica, porque resolve a solidão, ajuda o cego a se ocupar e descarrega as forças agressivas das pessoas. Estas e muitas observações sobre o artesanato foram feitas pelo professor Saul Martins, antropólogo da Universidade Federal de Minas Gerais que esteve em Florianópolis, ministrando uma aula sobre Artesanato Folclórico, durante o curso de Folclore, que terminou sextafeira na Universidade Federal de Santa Catarina.

Saul Martins é também presidente da Comissão Mineira de Folclore, tem 16 obras publicadas, 10 delas versando somente sobre Artesanato. Uma de suas obras já virou até filme: a história de "Antônio Dó", é tema de um filme que recebeu um título que não agradou muito ao autor: "O Bandido Antônio Dó". Saul Martins está preparando um novo livro sobre artesanato, e garante que esta sua obra será uma novidade.

Ele veio a Florianópolis para falar sobre artesanato inserido dentro da cultura popular. É um assunto que lhe toma a maior parte do tempo há cerca de 30 anos. Segundo suas próprias palavras "sou um fascinado pela cultura popular". Ele vé no artesanato uma grande importância em todos os tempos, porque ele "é o embrião da cultura, uma vez que o primeiro fato cultural é ao mesmo tempo artesanato, o que significa dizer que o fato artesanal inaugurou o mundo esplêndido da cultura. E da cultura somos causa e efeito. Como o mundo da cultura foi iniciado pelo artesanato, a história tem obrigação de culdar do artesanato".

Para o professor mineiro, todos os santos e deuses, os heróis prestigiaram o artesanato. E hoje o artesanato além de ser cultura é também opção de trabalho. E ele é mais importante que outros aspectos da cultura popular, porque representa a sua comunidade, retratando o meio de vida das pessoas e absorver mão-de-obra. Além de ser arte é lazer e tem importância terapêutica para o homem que vive só, para o cego, para o deficiente paraplégico, porque ainda restam a estas pessoas as mãos e a cabeça. Com as mãos ele descarrega suas forças agressivas. Hoje a vida se tornou selvagem, com as pessoas passando rasteiras até nos seus irmãos, e todo o tempo é tomado, deixando-se a arte para depois e nem sempre se tem tempo para conservar a arte, o folclore, o artesanato.

Saul Martins recordou também o movimento hippie na década de 60 que, protestando, se dedicou ao trabalho manual, ao artesanato, dando uma grande ajuda. Foram os hippies que envolveram o artesanato na moda e atualmente se vê grandes feiras, nas grandes cidades com os artesões trabalhando em praça pública, mostrando cultura do seu povo através do artesanato. Em Minas Gerais, o artesanato é muito rico, ressalta Saul Martins, porque o Estado é muito grande, e segundo ele pode ser dividido em 11 regiões culturais bem distintas. O professor Saul Martins é também doutor em Ciências Sociais.

Transcrito do Jornal "O Estado", 15/08/83.

Laguna - SC

Casario e Portais de Laguna: Pirogravuras em pinho. Exposição no Hall da Secretaria da Educação em Florianópolis. Dezembro de 1981.

MAREGA - Antonio Carlos

Artista lagunense, nascido e criado neste "celeiro de boa gente" procura, em sua obra, com o fogo de sua alma criadora, gravar, na arte da pirogravura, os nossos monumentos mais expressivos, tentando com seu trabalho, despertar interesses e reavivar o fervor cívico e cultural da nova geração lagunense, para uma realidade maravilhosa.

- A LAGUNA DE TODOS NÓS -

Pesq. hist. Zaverio Eghert
Solange R. Marega

Há mais de trezentos anos que a história passeia pelas ruas estreitas da Laguna. Ruas, praças e jardins que falam de amor, de lutas, de desilusões e de esperanças.

O conjunto arquitetônico reveste-se do mais alto significado.

Pois além de reunir obras de grande vulto, conta em cada detalhe, em cada sacada, a história daqueles que fizeram a Laguna de todos nós.

Dos rapazes que jogam pião e bolinhas de vidro às lutas que fizeram nascer diante do Paço do Conselho a República Juliana.

Do leiteiro, do aguadeiro, do transporte em carro de bois à sólida arquitetura colonial portuguesa.

Das flores e pássaros que embelezaram nossos jardins, campos e morros.

Do teatro, da igreja à fonte da Carioca, onde a lenda nasceu: "QUEM BEBE DESTA ÁGUA, SEMPRE RETORNA À LAGUNA E AOS SEUS AMORES."

As lutas forjaram heróis, as desilusões amargaram o coração da gente lagunense, nunca, porém abateram seu ânimo.

VIDEIRA - SC

VIII EMOBRESC em Videira

A Coordenadora Estadual do Mobral, Alba Terezinha Schlichting da Silva; o Prefeito Muncipal de Videira, Tadeu Comerlatto, convidam V. Exa. e Excelentíssima Família para participarem das Festividades do VIII EMOBRESC, Encontro Estadual do Programa Cultural do Mobral de Santa Catarina, a ser realizado de 17 a 19 de setembro de 1982, em Videira.

X X X

FLORIANÓPOLIS

Pela importância do acontecimento, transcrevemos de o Jornal "O Estado" edição de 28/10/82, o trabalho de FILATELISMO, de Teixeira da Rosa destacando o "Fandango Paranaense"

FILATELISMO

Teixeira da Rosa

IX LUBRAPEX — De dois em dois anos, desde 1936, realizam-se em Portugal e no Brasil, alternadamente, uma das importantes Exposições Filatélicas denominadas LUBRAPEX, cuja constante é a apresentação do que existe de melhor, em coleções filatélicas existentes nos dois citados países.

Neste ano de 1982, a LUBRAPEX acontecida no Brasil, teve seu desenrolar na bela Capital paranaense, que dispõe de capacidade suficiente para hospedar tão importante certame internacional.

Ao ato de inauguração solene e oficial estiveram presentes altas autoridades estaduais, representantes da Embaixada e dos Correios Portugueses e azes da Filatelia de Portugal e do Brasil.

A reunião foi iniciada com o cântico do Hino Nacional Brasileiro pelo "Coral Paraná", ouvindo-se a seguir diversos oradores, grandemente aplaudidos, todos realçando o valor da união luso-brasileira, nesta festa filatélica de lazer e de cultura.

Terminada a parte oficial de abertura, teve lugar no amplo salão social do Centro Cívico, o oferecimento, pela ECT, de um saboroso, requintado e farto coquetel.

Ao final, os convidados dirigiram-se ao Parque Barigüi, situado a 6 km da cidade. No enorme pavilhão se encontravam apresentados cerca de 2.800 quadros com selos, expostos por filatelistas brasileiros (250) e portugueses (73).

Na Exposição Classe Jornalismo Filatélico, estiveram presentes, mostrando trabalhos em favor da divulgação filatélica, 17 jornais portugueses e 73 brasileiros, inclusive "O ESTADO".

Funcionaram com eficiência os Guichês instalados pela ECT e pelos Correios Portugueses.

Os comerciantes filatélicos de Curitiba instalaram suas minilojas. Visitamos a "Studio Paranaense", vendedora de selos e bom material filatélico, como sejam álbuns para selos, para Envelopes de 1o. Dia, para Editais, etc.

Em comemoração à LUBRAPEX, destacamos o lançamento de uma série de 3 selos, de Cr\$ 75,00, Cr\$ 80,00 e Cr\$ 85,00 e uma folhinha filatélica, com 3 selos anexos, do valor de Cr\$ 240,00.

A organização da IX LUBRAPEX, que decorreu excelente, esteve a cargo da Sociedade Filatélica de Curitiba, motivo pelo qual usando da mais ampla justiça, felicitamos o seu dinâmico Presidente, Dr. Rubens Santos e sua valorosa equipe.

II CONGRESSO FILATÉLICO LUSO-BRASILEIRO — A Federação Brasileira de Filatelia, representada pelo seu Presidente General Euclydes Pontes, juntamente com a Federação Portuguesa de Filatelia, representada também por seu Presidente, Sr. Carlos Kulberg, realizaram no mesmo período da LUBRAPEX 82, o II Congresso Filatélico Luso-Brasileiro. O Coordenador do II Congresso foi o Almirante Antônio Leal de Magalhães Macedo. Para Secretário foi escolhido Agnello Bergamini de Abreu. Foram convidados a participar do referido Congresso, entidades filatélicas ou filatelistas das duas comunidades filatélicas.

No Congresso foram discutidos assuntos relativos às realizações das futuras LUBRAPEX, visando o aperfeiçoamento dos sistemas de organização adotados (regulamento, relação de jurados e comissários, etc.).

FANDANGO PARANAENSE

 Emitindo os 3 selos referentes ao Fandango Paranaense, a ECT lançou também o Edital de No. 28/1982, sendo o seu conteúdo de autoria de Roselys Vellozo Roderjan, Presidenta da Comissão Paranaense do Folclore, a quem pedimos vênia para transcrever alguns trechos:

"O Fandango Paranaense é formado de uma série de danças denominadas marcas, variando a coreografia conforme o nome delas (anu, andorinha, chamarrita, dondom, tonta, cana-verde, sabiá, caranguejo, lajeana, vilão do lenço, xarazinho, xará grande, marinheiro, etc.).

Era dançado nos sítios, por ocasião do pixirão, quando os vizinhos auxiliavam o dono da casa nos trabalhos de roçada ou plantação. O Fandango de finta (arcaísmo que quer dizer coleta), é feito em qualquer época, bastando que todos colaborem na compra dos preparos (mantimentos e material necessários para a realização da festa). Seus dançarinos são chamados de folgadores

e folgadeiras, porque dançam na folga do sábado para o domingo.

O acompanhamento musical é feito com duas violas, uma rabeca e um adufe (pandeiro), confeccionados pelos próprios caboclos.

Os cantos são tirados pelos dois violeiros, em vozes paralelas, e podem ser tradicionais ou improvisados.

A característica mais interessante do Fandango do litoral paranaense está na melodia de várias marcas. Ela é construída em escalas diferentes dos modos maior e menor ocidentais, apresentando a 4a. aumentada e a 7a. menor dos modos lídio e mixolídio medievais, raríssima herança dos cantos litúrgicos e populares da Idade Média.

A coreografia das marcas é simples, repetindo-se com variações, constando de rodas abertas ou fechadas, uma grande roda ou várias rodas pequenas, em fileiras opostas ou pares isolados, apresentando o passo do oito e o do arco (com os braços erguidos). Algumas danças são valsadas, executadas arrastando-se os pés e outras, sapateadas (batidas ou rufadas), entremeadas de valsados e palmas.

O sapateado dos homens é que chama a atenção, pelo perfeito sincronismo das batidas e sua variedade rítmica. É feito pelos homens, com tamancos especiais, e as mulheres dançam arrastando os pés, atentas à coreografia, os sapateados finais são chamados arremate e seguem-se ao grito de um dos violeiros: "Ó de casa!".

Correspondência — Quaisquer nota, comentário ou sugestão poderão ser encaminhados para Teixeira da Rosa — Caixa Postal, 304 — 88.000 — Florianópolis — Santa Catarina.

Joinville-SC Galope Poético

O poeta Jurandir Schmidt, da cidade de Joinville, editou em 1982 o 70. Folheto "Galope Poético", com um número especial no mês de Natal, no qual reûne poesias de vários poetas do Brasil.

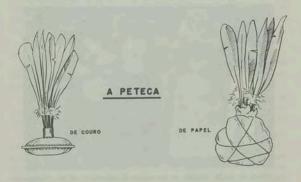
Desfilam pelas páginas de "Galope Poético" poetas do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahía, Pernambuco, Espírito Santo, Piauí, Ceará, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e outros Estados, numa sequência de prosas e poesias, em que os autores buscam dentro de si, seus pendores sensitivos dos mais variados sentimentos. Desde a intimidade dos seus seres às agruras dos inconformados do ser e não-ser.

Nos "rodapés", LEMBRETE, o editor de "Galope Poético", noticia o lançamento de jornais de pequenos portes, criados com o objetivo de informar, como é o caso de "Mandacaru", jornal mimeografado, editado em Reci-

fe. Noticia "Silente Quietude". Uma coletânea poética da profa. Albertina Maciel Lagos, de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Do Rio de Janeiro, registra a publicação de "Maçaneta", publicação aberta aos que se dispõem a escrever. O "Semeador", é outra mimeografada de Nazaré, Bahia, dirigida por Carlos Silveira, que objetiva penetrar em todos os "rincões" do Brasil.

E assim "Galope Poético", de Jurandir Schmidt, presta relevantes serviços à cultura poética do Brasil, procurando divulgar a produção simples dos

simples poetas que poderão tornar-se grandes no amanhã.



CRICIÚMA - SC - 1982

10. ENCONTRO DAS ASSOCIAÇÕES ÉTNICAS DE TRADIÇÃO E CULTURA DE CRICIÚMA

Doralécio Soares



Com um jantar festivo, as Associações Étnicas de Tradição e Cultura de Criciúma, realizaram em a noite de 30 de outubro de 1982, o 1o. Encontro dessas Associações com apresentações de seus Corais e Grupos de Danças típicas.

O encontro deu-se no Centro Comunitário "João Mangili", da 1a. Linha de Criciúma, "berço inicial da etnia italiana, a responsável pelo nascimento de Criciúma, orgulho de todos seus filhos".

Disse a irmã Wally Mellor Cunico, (Irmã Antonina), antecedendo as mensagens dos grupos: "Sentimentos de gratidão e louvor a Deus invadem nossos corações neste momento. Gratidão aos Imigrantes Italianos que deixaram a bela Itália do século XVIII e aqui fizeram nascer uma civilização nova, o progresso e o desenvolvimento, cultivando as terras, desenvolvendo a indústria.

Gratidão aos Imigrantes Poloneses e Alemães que, juntos aos Italianos,

unindo as forças do empenho e da boa vontade, do amor ao trabalho e da bravura, construíram esta cidade, cujos 102 anos de existência estamos usu-fruindo.

Gratidão ao nosso irmão Português, tão brasileiro quanto o Brasil, tão catarinense quanto Santa Catarina, porém, criciumense que se integrou aos Italianos, Poloneses e Alemães, ensinando-lhes a hospitalidade, enriquecendo o comércio e a indústria.

Gratidão ao nosso irmão Negro, que caminhando com o progresso do carvão, foi o braço forte no desenvolvimento industrial desta terra, hoje Capital do Carvão e do Azulejo. Gratidão aos demais grupos étnicos que em maior ou menor escala, contribuíram para o nosso progresso, para a nossa felicidade e para nosso bem-estar.

Gratidão, enfim, ao nosso irmão Índio, que por ser mais fraco e indefeso, foi-nos cedendo a terra e suas matas, seus rios e suas serras.

Sentimentos de louvor a Deus também invadem nossas vidas, no dia de hoje, pelas maravilhas que Deus operou em cada imigrante, em cada descendente, em cada um de nós.

Hoje, um só povo somos unamo-nos mais uma vez nos mesmos ideais e nos mesmos sentimentos, comunguemos mais uma vez do mesmo entusiasmo, demo-nos as mãos e rezemos juntos a oração da fraternidade: o Pai-Nosso.

Prece: Senhor, noje estamos realizando o 10. Encontro de Confraternização das etnias de Criciúma. Agradecemos o esforço e a dedicação dos homens de boa vontade que transformaram este Município em todos os aspectos, mas temos certeza — sem a tua graça, isso não seria possível. Tu permitiste a vinda dos imigrantes Italianos, Poloneses, Alemães, Portugueses, Negros e outros. Obrigado pela coragem, pela disponibilidade em tudo deixar, pela bravura e pela fé.

Obrigado, pelo entusiasmo deste povo criciumense, por aqueles que governam e governarão nosso Estado e nosso Município. Para todos imploramos a graça da Tua sabedoria.

A todos nós que sejamos instrumentos da Tua paz e do Teu amor. Permite Senhor, que sejamos portadores da alegria, construtores da fraternidade, da justiça e que sejamos cheios de esperanças em Ti.

A Associação Ítalo-Brasileira de Tradição e Cultura, anfitriã desta noite, saúda a todos e recebe a todos de braços abertos.

Que este jantar seja sinal visível de nossa amizade e de nossa fraternidade."

Mensagem da Etnia Italiana

"Nel mezzo del camin de nostra vita...", assim Dante Alighieri iniciou o mais famoso poema épico da língua italiana: a Divina Comédia, a narração de uma longa viagem pelo além-túmulo. Cantou a época medieval das grandes catedrais e das torres altas, dos incensos e das longas procissões, das lutas religiosas e políticas...

Quem nos dera que Dante tivesse voltado no século passado para cantar a epopéia de nossos imigrantes Italianos que deixaram a bela Itália rumo às terras selvagens do sul-brasileiro, cortando o Oceano, o terror das naves.

Não querendo e não podendo comparar-me a Dante, limito-me a saudar neste momento, os bravos heróis Italianos imigrantes, seus descendentes que continuaram e aperfeiçoaram a obra dos pioneiros, a vocês todos que hoje, nesta Confraternização, abraçam os demais grupos étnicos e assinam, com todos, mais uma página da História de Criciúma, escrita neste 30 de outubro de 1982.

Saluti cari, tanti auguri, il nostro abraccio fraterno a tutti quanti sono in questa casa.

Mensagem da Etnia Polonesa

Evocando os tepassados Poloneses, que deixaram sua histórica Polônia e iniciaram uma nova civilização em terras brasileiras, trazendo sua cultura e suas tradições, volvo-me, primeiramente, aos laboriosos descendentes Poloneses e, depois, aos demais grupos étnicos aqui presentes.

Nós descendentes, somos hoje a soma do esforço conjugado de algumas famílias polonesas que, cultivando a terra e desenvolvendo a agricultura, outorgaram para nós o amor ao trabalho, à crença e à fé.

O nosso abraço e o carinho de todos os Poloneses que aqui vivem livres e libertos, enquanto nossa Mãe-Pátria sofre o drama de um regime governamental injusto. O nosso abraço e a nossa saudação a todos. (palavras em polonês)

Mensagem da Etnia Alemã

Somos também a continuação daquelas poucas famílias que, inicialmente, se firmaram nas terras fecundas de Forquilhinha.

Valentes e corajosos, partem da Álemanha e vêm para cá, incertos quanto

ao futuro, mas cheios de esperança e fé em Deus e em si mesmos.



Esta fé e esta esperança de mãos dadas com amor ao trabalho e ao progresso, foram os grandes legados de nossos pioneiros Alemães.

Hoje mesmo, conservando muitas de nossas tradições pátrias, sentimonos e realmente o somos um só povo, o povo criciumense.

Abraçamos a todos com muita alegria. (palavras em alemão)

Mensagem da Etnia Portuguesa

É a Língua Portuguesa, a última das neolatinas, a irmã da língua italiana, porque ambas são filhas do mesmo tronco lingüístico: o Latim; mas hoje é o veículo mais forte de união entre nós, pois todos, com maior ou menor sotaque, servimo-nos dela para a nossa comunicação. Italianos, Poloneses, Alemães, Negros... todos falam nesta terra a língua de Camões, a língua dos bravos descobridores, a língua dos primeiros aventureiros que vieram para cá... a nossa Língua Portuguesa.

Não importa que, em outros aspectos, talvez, nossa contribuição não tenha sido relevante. O que importa é que todos hoje falamos a mesma língua, de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, num verdadeiro milagre lingüístico.

O nosso abraço bem "português" a todos vocês.

Mensagem da Etnia Negra

Trabalhar!... era a palavra mais repetida que ecoava aos nossos ouvidos de pessoas destinadas ao trabalho. Tomamo-la a peito e fizemos de nossa vida uma vida de trabalho e, trabalhando, desenvolvemos a indústria e fizemos crescer esta cidade.

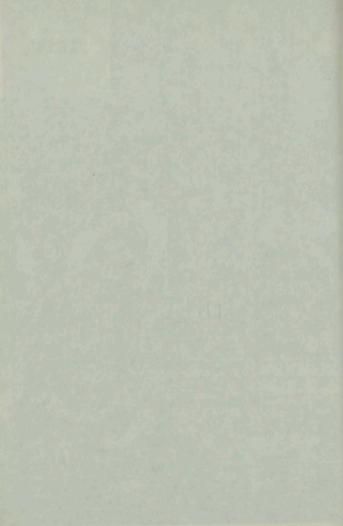
Temos o nosso pedaço de chão, vivemos nossas tradições e orgulhamosnos de ter trabalhado com vocês na construção de Criciúma.











NOTICIÁRIO DOS ESTADOS

NOTICIÁRIO DOS ESTADOS

18o. FESTIVAL DO FOLCLORE:

OLÍMPIA - 1982 ESTADO DE SÃO PAULO

O CRIADOR DOS FESTIVAIS E O FOLCLORE

Olimpia, filha do sertão, nascida no coração de um grande vale, tinha tudo para se tornar uma cidade-padrão, em estudos folclóricos, isto é, no cultivo dos usos, hábitos e costumes da nossa gente e na preservação das mais caras tradições da nossa terra.

Para sua glória, a um de seus filhos, não escapou a real significação de tudo quanto emana do espírito do povo. É óbvio que nos referimos ao Professor José Sant'anna. Esse moço cheio de entusiasmo, começou por fazer "pesquisas de campo" e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão.

Em 1965 realizou o 10. Festival Folclórico. Daí por diante, não mais parou. Hoje, o criador dos já tradicionais festejos de agosto, conta com valorosa equipe de colaboradores, porque (para usar a linguagem bíblica, tão de seu agrado) ele foi como o semeador que rasgou o solo e pôs a semente para germinar. A planta surgiu tenra, cresceu, tornou-se árvore, ganhou porte e o semeador não pôde atingir mais, com as próprias mãos, os ramos das alturas.

A despeito, porém, da repercussão e do vulto que tomaram os festivais folclóricos de Olímpia, há os que não compreendem o alcance do folclore ou que lhe meçam o valor, apenas, pela coreografia pitoresca de suas manifestacões mais interessantes.

Entretanto, na cooperação vícinal das populações rurais; nos cantos melancólicos ou alegres dos caboclos; nas noites negras ou claras de luar; nos ritmos frenéticos de nossas danças; na crença fervorosa em um Deus criador de todas as coisas; no árduo trabalho do quotidiano; no alvoroço dos folguedos infantis; nas horas de intensa euforia e até nos momentos de grandes dores, os nossos extepassados formaram hábitos, criaram usos, geraram costumes, legados às gêrações poivindouras e que permanecem como brasas dormentes, à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes.

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO Presidente da Comissão de História Olímpia (1982)

INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE TEM NOVO DIRETOR

Tomou posse no dia 6 de maio, às 17 horas, no cargo de Diretora do Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE a etnógrafa e escritora Lélia Coelho Frota, que se ocupava da coordenação dos museus da Secretaria da Cultura/Fundação Pró-Memória.

A posse foi na sede do INF, Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro. Ao ato compareceram o Secretário da Cultura do MEC, Aloísio Magalhães e o Diretor da FUNARTE, Mário Machado.

Lélia Coelho Frota substitui o professor Bráulio Nascimento, que por motivos pessoais pediu demissão, depois de estar à frente do INF desde a sua fundação.

x x x

Rio de Janeiro - RJ

Guia de Folclore do Estado do Rio de Janeiro

Da professora Maria de Cáscia Nascimento Frade, Diretora da Divisão de Folclore do Dep. de Cultura, recebemos o Guia de Folclore do Estado do Rio de Janeiro, que teve sua edição patrocinada pela Cia. de Turismo do Estado, e do BANERJ — Banco do Estado do Rio de Janeiro.

Um trabalho dos mais grandiosos, em matéria de publicação folclórica nesse gênero, que fez um Estado do Brasil. Na sua parte descritiva, focaliza todos os aspectos do folclore do Estado do Rio com um mapa ilustrativo, indicando os locais de incidência dos folguedos e danças folclóricas. No que se refere à Arte e ao Artesanato é completo, pois mostra ilustrativamente tudo relacionado com a Arte Popular e o Artesanato.

É realmente um trabalho que dignifica os seus autores. Parabéns à Professora Cáscia pela sua contribuição a esse trabalho, que sei, ter sido grandioso

Doralécio Soares

Rio de Janeiro – RJ MEC/SEC/FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore

O Museu Edison Carneiro realizou substancial programação, no decorrer do ano de 82. Da programação constaram filmes de curta e média metragem sobre o folclore brasileiro.

No mês de agosto, dedicado ao folclore, com a participação da EMBRA-FILME, foram exibidos os documentários "O HOMEM DA AMAZÔNIA": direção de Júlio Heilbron. "A MÃO DO POVO": direção de Lygia Pape. "RENDEIRAS DO NORDESTE": direção de Ipojuca Fontes. "PELOS CAMINHOS DO TEAR": direção de Rui Santos. "TREM DOS SONHOS": direção de Paulo Galvão. "CASA GRANDE E SENZALA": direção de Geraldo Sarno. "CARRO DE BOI": direção de Humberto Mauro.

Belo Horizonte - MG

Belo Horizonte já tem o seu "Centro de Informações Folclóricas", cuja inauguração deu-se em maio, achando-se instalado à Rua dos Carijós, 150, 60. andar, no centro de Belo Horizonte. O mesmo tem como presidente o conceituado folclorista, Antropólogo Professor Saul Alves Martins, o qual está solicitando doações de discos, fitas, filmes, fotografias, recortes de jornais e revistas, livros, folhetos e cartazes sobre folclore.

A Comissão Mineira de Folclore programou na XVII SEMANA DO FOLCLORE, um Seminário com o tema: "O Folclórico e o Parafolclórico" com a participação dos professores: Saul Martins, Mari Stela Tristão, Maria José Colares Moreira, Antonio de Paiva Moura, Domingos Diniz, Lázaro Francisco Silva e Romeu Sabará da Silva.

Montes Claros - MG

ARTEBOI — Sob o presente título, a Prefeitura Municipal de Montes Claros, lançou o II Salão Nacional de Montes Claros, de 3 de julho a 3 de agosto de 82, com premiação de Cr\$ 100.000,00 para os 4 primeiros trabalhos classificados.

Rio de Janeiro Instituto Nacional do Folclore

SEMANA DE ARTE MODERNA: "Renato Almeida", - presença e projeção, o destaque dado em 82 pelo Instituto Nacional do Folclore, "sobre

a figura do insigne folclorista Renato Almeida, que teve "Mostra Documental", reunindo textos, fitas e material iconográfico.

Porto Alegre

Do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, recebemos mensagem natalina de José Hilário Retamojo.

São Paulo

"Artesanato paulista SUTACO" — O objetivo do órgão da Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades, vinculada à Secretaria do Trabalho do Governo Paulista, é "promover o artesão, através da divulgação e comercialização do Artesanato. Contribui para criação e desenvolvimento de núcleos associativos de produção artesanal, incluindo suporte à pequena oficina doméstica de trabalho. São essas algumas as referências feitas no seu folheto de divulgação.

Belém - PA

"Os 366 Anos de Belém", teve no Rotary Club de Belém-Nazaré, palestra alusiva, proferida pelo Professor Dr. Arthur Napoleão Figueiredo. A importante conferência foi publicada no "Boletim Nazaré", órgão informativo da referida instituição.

Pernambuco - Caruaru

AGRESTE — Regularmente temos recebido o AGRESTE, publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, em cujas páginas a "Cultura Popular", se faz presente através dos trabalhos do poeta repentista, fincadas naquele importante pedaço de terra pernambucana.

São Paulo

UNESP — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" — INSTITUTO DE ARTE DO PLANALTO. Do Reitor Armando Octávio Ramos e do Diretor do IAP, Dr. Alfredo João Rabaçal, recebemos convite para a Abertura Solene da "SEMANA INAUGURAL" do Instituto de Artes em São Paulo.

Campinas - SP

A Professora Regina Márcia Moura Tavares, Diretora do Instituto de Artes e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, nos convida para participar da abertura da "I JORNADA DE LITERATURA DE CORDEL", ali realizada no mês de maio. Conferencistas: Orígenes Lessa, do Rio de Janeiro; Veríssimo Melo, de Natal — RN; Átila de Almeida, de Campina Grande — PB; Roberto Benjamin, de Recife — PE; Luiz Beltrão, de Brasília — DF; Edilene Matos, de Salvador — BA; Joseph Luyten, de São Paulo.

Mato Grosso

Universidade Federal de Mato Grosso — "Centro de Letras e Ciências Humanas e Departamento de Artes" comemoraram o Dia Nacional do Folclore com o lançamento do livro Cocho Mato-grossense, O Alaúde no Brasil, de autoria da Professora Julieta Andrade, do Museu do Folclore de São Paulo, com palestra alusiva ao tema, cuja pesquisa é referente à cultura mato-grossense.

tel (ou serrabulho), o pirão de farinha de mandioca, a buchada, a panelada, o chambaril, a dobradinha com feijão branco, a mão-de-vaca, as comidas de milho na época junina, a carne de sol com farofa de jerimum, o caldinho de feijão com batida, todo um mundo de maravilhas dessa saborosa e estranha cozinha recifense.

Caruaru - PE

Do Professor Aleixo Leite Filho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru-Pernambuco, recebemos:

Doralécio, amigo.

Recebi agora sua Revista (FOLCLORE) com excelente apresentação gráfica. Muito linda mesmo. Vou colocá-la em pauta para a leitura compassada.

Parabenizo-lhe pela capacidade que vem demonstrando sempre à frente do movimento folclórico do seu Estado.

Rapidamente pude notar que você se repete de quatro a cinco vezes na Revista. Desejo de você a graça de um cantinho para minhas idiotices no próximo número.

Quando precisar de ilustrações de xilogravuras pode dispor do seu menor servo.

Um abração fraterno e até outra.

Professor Aleixo Leite Filho

Rio de Janeiro

"Exposição do Folclore Alagoano"

A Fundação Nacional de Arte — FUNARTE, do Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore, e a Universidade Federal de Alagoas têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição Folclore Alagoano. Lançamento do livro
"Seis contos populares no Brasil,"
de Théo Brandão
Projeção de filmes
24 de setembro de 1982 às 17 horas.

Museu de Folclore Edison Carneiro Rua do Catete, 179.

Promoções do Museu Nacional de Belas-Artes — MEC, Secretaria da Cultura Fundação Nacional Pró-Memória e Fundação Catarinense de Cultura.

Solenidades do sesquicentenário de nascimento de Vitor Meireles. Dia 18 de agosto de 1982. Inauguração das Exposições "Vima Viu o Vitor" e "Uma Visão Ingênua da Primeira Missa".

Inauguração da exposição "Vitor Meireles" no Acervo do Museu Nacional Belas Artes.

Lançamento do Livro Vitor Meireles de Lima, com a presença dos autores.

O Museu Nacional de Belas-Artes promoveu ainda a Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento de CARLOS OSWALD a 7 de outubro de 82. A 26 de outubro houve a abertura da Exposição "150 ANOS DE PINTURA DE MARINHA NA HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA", em homenagem à Escola Naval, no ano do seu bicentenário.

LANÇAMENTO DO ATLAS FOLCLÓRICO DO BRASIL/E. SANTO

ESPÍRITO SANTO

Espaço Universitário/UFES Campus Universitário Alaor de Queiroz Araújo

Instituto Nacional do Folclore da Fundação Nacional de Arte, a Fundação Projeto Rondon, a Universidade Federal do Espírito Santo, a Comissão Espiritosantense de Folclore e a Fundação Joaquim Nabuco têm o prazer de convidar para o lançamento do ATLAS FOLCLÓRICO DO BRASIL/ES, nas dependências do Espaço Universitário/UFES.

NOTICIÁRIO

ESTADO DO PARANÁ

O escritor Nereu Correa, na Academia Paranaense de letras.

Academia Paranaense de Letras

Recebe a visita cordial do consócio, escritor Nereu Correa, que falou sobre a vida e obra do saudoso médico-historiador, Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral.

ESTADO DO PARÁ

SEMANA DO FOLCLORE

DE 22 A 29.08.82

MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI PRÉDIO DA ROCINHA

Exposições Palestras Debates Projeções (Filmes e Slides) Apresentações Folclóricas

Publicações recebidas

BOLETIM: Museu Nacional de Belas-Artes - 1982

O Boletim do Museu Nacional de Belas-Artes, apresenta a programação completa de todos seus eventos realizados pelo MNBA, sendo um dos princi-

pais destaques a Exposição Itinerante, classificada "Circuito Aloísio Magalhães", objetivando o "caráter eminentemente didático", que se pretende dar ao trabalho.

É relacionada ao importante trabalho de restauração, imprimido ao acervo do museu, bem como a série de exposições temporárias do MNBA. Outro projeto em andamento, com acentuado êxito, foi a "Integração Museu-Escola", dedicado aos estudantes do 10. e 20. graus do Estado da Guanabara, promoção esta, com o apoio do Instituto Nacional de Música — FUNARTE.

O Cachaça Amiga — Com a apresentação de Mário Souto Maior, diretor do "Centro de Estudos Folclóricos" da Fundação Joaquim Nabuco, recebemos uma publicação do Departamento de Museulogia da Fundação, referente a uma Exposição dos "rótulos de cachaça como retratos de uma época", visando mostrar milhares de rótulos pertencentes ao acervo do museu. São rótulos recolhidos em vários Estados do Brasil, do Pará ao Rio Grande do Sul, com os mais variados e pitorescos nomes de cachaça.

UBE — "União Brasileira de Escritores — Seção de Goiás", promove para 1983 o Concurso Nacional de Poesias, com o "Prêmio Estância Itanhanga", destinado a brasileiros residentes ou não no País. A UBE de Goiás tem como presidente o poeta Luís Fernando Valladares.

Memória de Olinda — "A gravura, documentando Olinda, de Barlaeus a Aloísio Magalhães". Promoção do Museu Nacional de Belas-Artes — MEC, Secretaria da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Projeto MNBA Extra muros, Escola Superior de Desenho Industrial — ESDI. A promoção Memória de Olinda, deu-se a 14 de dezembro último.

Faculdades Unidas de Bagé-Funba — Superintendência Acadêmica, Coordenadoria de Extensão e Pesquisa, Curadoria de Museus. A Coordenadoria de Extensão e Pesquisa, juntamente com o Museu Dom Diogo de Souza, promoveram a exposição de "O Fogo Através do Tempo", na cidade de Bagé, a 03 de dezembro.

GOIANIA — GO Publicações recebidas

Revista Goiana de Artes: Vol. 2, No. 1 — jan./jun. de 1981. Órgão oficial do Instituto de Artes da UFG. Editor: Maria Augusta Calado De S. Rodrigues. Diretora do Instituto Maria Luiza Póvoa da Cruz.

Entre as importantes matérias publicadas, destacamos "O Texto Crítico de um Cantar Satírico Medieval", de autoria de Amphilóphio de Alencar Filho. Da pág. 37, transcrevemos: — 4. "Classificação da cantiga segundo a nomenclatura poética do tempo". — "O sirventês provençal recebeu dos

trovadores galego-portugueses a denominação de cantigas de escárnio e de mal dizer. Trata-se de um tipo de composição satírica em que o trovador, segundo o que consta no tratado métrico do Cancioneiro da Biblioteca Nacional, se dirige a alguém "per palavras cubertas que ajam dous entendimentos pera lhe lo non entenderen ligeiramente" neste caso temos a cantiga de escámio; quando o trovador atacava diretamente, a descoberto, a composição denominada de cantiga de mal dizer, a grande maioria dos sirventeses da produção galego-portuguesa.

- O sirventês que estamos estudando pertence à categoria das cantigas de mal dizer de refrão, muito embora o nome do nobre a quem o poeta se dirige apareça sob a expressão un ricóme .J.J. NUNES, em sua Crestomatia arcaica, p. 290-291 não estabelece a diferença teórica entre as duas categorias, mas nossa classificação se prende a Fernando V. Peixoto da Fonseca, (Cantigas de Escárnio e Mal Dizer, p. 99) que dá a este sirentêe a denominação de cantiga de mal dizer de refrão".
- Recomendamos a leitura do importante trabalho, pela maneira profunda com que o autor desenvolve seu estudo, analisando valiosas obras relacionadas ao "Cancioneiro da época medieval". É realmente um trabalho extraordinário pela maneira como foi desenvolvido: 1.a História: as códias.
 1.a.2 Edições. 1.b Estabelecimento crítico Classificação 2 Autor 2.a Notícia histórico-biográfico 3.a.2 Características sintático-estilísticas Pronome Verbo Advérbio. Preposição Conjunção Classificação da cantiga segundo a nomenclatura poética do tempo. 4.a Estrutura estrófica 4.b Estrutura rimática 4.c Estrutura métrica 4.d Recursos poéticos 5. Tema 6. Paráfrase. 7. O documento como expressão cultural da época.

 $Gloss{lpha}rio - O$ $Gloss{lpha}rio$ se estende por dez páginas, na mais perfeita ordem analisadora.

O autor que é Mestre em Letras, pela Universidade de São Paulo, nos oferece um grande trabalho.

LIVROS, REVISTAS E PERIÓDICOS

Recebemos e agradecemos

São Paulo: Revista "FOLCLORE" nos seus Nos. 4, 5 e 6, 1979/80/81/82, publicação da "Associação de Folclore e Artesanato", que tem como editora a Baronesa Ester S.A. de Almeida Karvinsky, e jornalista responsável, José Rodrigues.

"SEIS CONTOS POPULARES DO BRASIL", Theo Brandão, numa homenagem póstuma ao grande Mestre. A presente obra tem a Introdução do

Prof. Bráulio do Nascimento, traz a chancela do MEC — Secretaria da Cultura — FUNARTE e do Instituto Nacional do Folclore.

FLORIANÓPOLIS

No curso do ano, a Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore recebeu variada contribuição estrangeira para o seu acervo.

- BULLETIN 45/1981 da SOCIETÉ SUISSE DES AMERICANISTES Com farta matéria sobre os selvígenas do Brasil e da América do Sul. Grande repositório de documentação.
- CENTRO CULTURAL LAS MALVINAS, do Instituto Nacional de Antropologia Argentina. Com bons estudos e documentário a respeito da Ilha.
- Do Instituto Nacional de Antropologia Argentina, importante estudo sobre a Cultura e Civilização Mapuche.
- Da Universidade de Buenos Aires, a Revista RUNA, especializada em ciências do Homem.
- Do Tirol Suísso A publicação DAS FENSTER, 29. Com farto documentário folclórico e histórico.
- Da Folclorista lusitana de Macau, Ana Maria Amaro, os estudos sobre o Templo de Kum iâm, de Macau. E as publicações ADIVINHAS POPULA-RES DE MACAU, Nos. 1 e 2. Por ter muita coisa que é até hoje cantada e falada no Brasil, os livros foram encaminhados ao Relator da Comissão para um estudo mais amplo, que publicaremos na próxima edição do Boletim.

FUNARTE LIBERA RECURSOS PARA O ACERVO DE FRANKLIN CASCAES



Franklin Cascaes nasceu no início do século e faleceu em março deste ano.

As cinco mil obras que o professor Franklin Cascaes produziu durante 37 anos, sobre o fantástico da ilha de Santa Catarina e suas raízes açorianas no processo de colonização do litoral deste Estado, serão classificadas e catalogadas pela Universidade Federal de Santa Catarina, que as conserva em seu Museu Universitário, no campus. Este trabalho já tem recursos garantidos da Funarte — Fundação Nacional de Arte.

Ainda este ano, a Universidade receberá da Funarte Cr\$ 4 milhões e 500 mil que serão aplicados no aprimoramento das técnicas de museologia para melhor conservar o acervo que consta de gravuras, manuscritos e esculturas. Os recursos oriundos da Funarte serão transformados em "sanduíches de vidro", onde as gravuras serão inseridas para ficar livres da poeira e umidade, em pastas e arquivos para guardar cópias datilografadas do trabalho de pesquisa que Cascaes deixou manuscrito, e em materiais para conservação de acervos conforme as normas de museologia. Há ainda planos de restaurar algumas peças da coleção que estão danificadas, bem como de fotografar todas as gravuras para posterior catalogação.

Franklin Cascaes nasceu no início do século e morreu em março deste ano. Dedicou sua arte à recriação de tudo o que viu e ouviu, com o objetivo de passar para as gerações seguintes o retrato de uma época de nossa história que lhe deixou saudades. Cultivando o lema "é preciso conhecer para amar",

ele descreveu em detalhes as tradições açorianas, resguardando-as de nosso esquecimento pois, segundo ele, "uma nação que não conhece a raiz de sua história, está muito aquém daquilo que devia ser sua cultura. "Com esta filosofia, ele registrou as brincadeiras das crianças de ontem, as superstições que fantasiavam os fenômenos naturais, o ambiente onde ninguém tinha que pagar impostos ou conviver com política que, durante toda vida, Cascaes definiu bem à maneira dos pescadores açorianos, para quem tudo é assombração: "a política é uma bruxa manhosa".

Para chegar em personagens de argila que retratassem com fidelidade a beleza rústica do colono açoriano, Franklin Cascaes deformou o modelo barroco, criando figuras humanas de baixa estatura e atarracadas, constituição física resultante de um tipo de vida onde carregar potes de água na cabeça, balaios com produto de pesca ou agricultura, tarrafas molhadas, lenha, eram tarefas realizadas desde tão tenra idade, que transformava-se em adultos de pequeno porte, ombros derreados, mãos grossas e pés achatados.

Artista que nunca vendeu uma peça, sempre afirmou que trabalhava sem pretensão. Seu acervo recebeu várias ofertas internacionais de aquisição, mas o que o artista mais desejou durante sua vida foi reunir todos os seus trabalhos num grande espaço, sob a guarda de pessoas especializadas e aberto a todos da comunidade que quisessem conhecer detalhes de outrora sobre a vida na ilha de Santa Catarina. Este desejo poderá se realizar no próximo ano, conforme informação da professora Neusa Bloemer, diretora do Museu Universitário, que, a pedido do Secretário de Cultura do MEC, Marcus Villaça, está preparando um projeto para construção de um espaço próprio para a coleção. Segundo Neusa, há grandes chances, pois "o Secretário visitou o Museu e ficou impressionado com o acervo". Este novo espaço está sendo planejado dentro de todas as normas que regem um bom museu, visando a melhor conservação de todo o material reunido. Trepidação, umidade, poeira, luminosidade, tudo está considerado no projeto.

Franklin Cascaes, que se preocupava com detalhes do mundo e da cultura que o cercavam, terá, então, o lugar perfeito para seus trabalhos, que também demonstram sua preocupação com a destruição do meio ambiente. Ele, afirmava: "O homem pensa que é o senhor absoluto da terra. Não é. Sobre ele está a natureza comandando, ele é exclusivamente produto da natureza. O que ele está procurando é se destruir. A nossa mata está toda derrubada. Assim expressava sua preocupação com o destino de Florianópolis, por ele eternamente chamada de Nossa Senhora do Desterro

Nota: Franklin Cascaes, era membro da Comissão Catarinense de Folclore, tendo o Boletim da Comissão inserido em suas páginas, vários trabalhos de sua autoria, sobre o Folclore da Ilha de Santa Catarina.

Transcrito de "O Estado" de 11-12-83

A FATALIDADE ATINGE O NOSSO IRMÃO A. SEIXAS NETTO.

Atingido pela fatalidade, o nosso irmão Amaro Seixas Ribeiro Netto, foi submetido à melindrosa intervenção cirúrgica, que o levou a perder a perna esquerda.

Foi preciso que as circunstâncias o levassem a esse sofrimento, para que se tomasse conhecimento de quanto é querido e amado por seus IRR.: e amigos, que foram às centenas ao apartamento 316 do Hospital de Caridade, levar palavras de conforto e solidariedade a esse nobre irmão de elevado espírito, que nem sequer por um instante se abateu diante da tragédia que o envolveu.

Nós de "O Vigilante", que o temos entre os seus principais colaboradores, ao registrar o acontecimento, o fazemos entristecidos, levando ao prezado irmão, a sua digna esposa, filhos e nora, a nossa palavra de fé nos designos do GR.: ARQ.: do Universo.

Transcrito do Jornal Maçônico "O Vigilante" – abril/maio, 1983

REAÇÃO

O jornalista, escritor e professor A. Seixas Netto já tem planos para quando estiver fisicamente restabelecido: vai terminar o Dicionário Carijó, que é, a língua falada, pelos antigos nativos, habitantes da Ilha de Santa Catarina, na época em que os portugueses chegaram às costas brasileiras.

Especialista na história, folclore e tradições da Ilha, A. Seixas Netto, que também é astrônomo e meteorologista amador, está com um manuscrito pronto para publicar, intitulado **Cânticos Ilhéus**. O livro conta a história da Ilha em versos.

Inclusive, dois poemas do "Cânticos Ilhéus" já foram consagrados pelo público antes que o livro tenha sido publicado. O Último Guerreiro Carijó é um poema ao qual foi adaptado melodia e acabou samba-enredo da Copa Lord. Samba-enredo vencedor do carnaval do ano passado, em Florianópolis. O artista plástico Willy Zumblick, por sua vez, se inspirou neste poema épico para pintar uma tela de 1,60 metro por 1,40 metro. O outro poema já conhecido do público é O Pescador Ilhéu, também transformado em samba-enredo. O professor Seixas Netto disse que aceita uma proposta da UFSC para publicação do livro Cânticos Ilhéus.

Mas este não é o único manuscrito já pronto para ser editado. Uma nova

interpretação da profecia de Nostra Damus foi recentemente escrita pelo professor Seixas. Ele analisa a obra de Nostra Damus como sendo um poema. Este manuscrito espera um editor para que o futuro livro se some aos 12 outros já publicados. Apesar da vasta obra, ele se autodefine "um matuto ilhéu".

Jornalista durante mais de 30 anos, A. Seixas Netto tornou-se muito conhecido em Santa Catarina, especialmente em Florianópolis, pelas previsões do tempo que fazia diariamente e eram publicadas em "O ESTADO". Por não ter diploma de curso superior na área de Meteorologia, ele foi impedido de exercer a profissão. Mas, o professor informa que continua realizando estudos nesta área do conhecimento, e se classifica um meteorologista amador.

Como jornalista, foi redator da Revista "O Cruzeiro", no Rio de Janeiro, dirigiu o "Diário da Tarde" durante 20 anos, nesta Capital; trabalhou nas revistas "O Vale do Itajaí" e "Revista do Sul", na "Folha Popular" e em "O ESTADO", além de fazer crônica diária para diversas emissoras de rádio, como a Diário da Manhã e a Guarujá. O programa "Vanguarda", da Diário, foi líder de audiência durante muitos anos e as crônicas do professor foram fator importante para o alcance deste índice.

Ultimamente A. Seixas Netto trabalhou na TV Cultura fazendo um quadro que integrou o Jornal do Meio-Dia. Esta atividade, contudo, não interrompeu os demais trabalhos, especialmente o de escrever para diversos jornais e entidades científicas e literárias da Europa. Ele pertence a mais de 20 entidades estrangeiras, como a Academia de Ciências de Roma e a Academia Trentina de Ciências.

Apesar de todos estes títulos, ele se diz muito honrado em pertencer à Academia Catarinense de Letras. A. Seixas Netto ressalta que O Zodíaco é o livro mais recente. Foi publicado pela Editora do Escritor, de São Paulo. Ele finaliza dizendo que certamente não será o último, pois espera ver em breve a publicação do Cânticos Ilhéus.

OESTADO - Fpolis, 26.03.83

A. SEIXAS NETTO RECEBE MEDALHA DO MÉRITO.

No dia 26 de maio de 1983, em sessão especial, uma Comissão de Vereadores da Câmara Municipal de Florianópolis, sob a presidência do seu Presidente, Vereador Alcino Vieira, deslocou-se até a residência do professor A. Seixas Netto, membro da Academia Catarinense de Letras e Secretário desta Comissão Catarinense de Folclore, para entregar-lhe a Medalha do Mérito do Município de Florianópolis, e o respectivo Diploma, concedidos pela Câmara, por relevantes serviços prestados ao Município da Capital, de conformidade com a Lei No. 1.767, de 23 de março de 1981, aprovada por unanimidade pelo Legislativo Municipal. O ato se reveste de importância histórica porque foi a primeira vez que a Câmara de Vereadores se deslocou para uma sessão solene na residência dum munícipe, ao invés de no Paço Municipal, e a Medalha, também, foi pela primeira vez concedida a alguém. A Comissão de Vereadores era a seguinte: Vereador Alcino Vieira, Presidente da Câmara; Vereadores Michel Curi, Icuriti Pereira, Otto Entres Filho, Pedro Medeiros, Arno Seara e Gerson Bortoluzzi. Falaram, abrindo a sessão, o Presidente Alcino Vieira, e em nome do Legislativo Municipal, o Vereador Içuriti Pereira. Presentes estavam, entre todos os vizinhos e moradores do Bairro do Estreito, o escritor Manuel Gomes, o prof. Abelardo Souza, Floriano Karan, representando a Loja Maçônica prof. Mancio Costa. O agraciado fez o discurso de agradecimento, cujas palavras foram:

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis,

Senhores Vereadores

Senhoras e Senhores.

Sinto-me, neste momento, duplamente honrado, pois que, saindo do Egrégio e Respeitável Cenáculo da Câmara de Vereadores, onde as mais importantes decisões políticas e administrativas do Município são tomadas, vêm estes ilustres cidadãos trazer-me a Medalha do Mérito Municipal, a maior honraria que o Município concede aos seus filhos que se destacam nas mais diversas atividades humanas, sempre tendo em vista a elevação da nossa terra perante o Futuro e a História.

Pela primeira vez na história do Município de Florianópolis, esta Medalha é concedida e, pela vez primeira, também, uma Comissão de Edis deixa sua Casa Legislativa, para numa residência particular, condecorar alguém.

Estou, pois, duplamente honrado. Vossas Excelências não estão, certamente. num palácio físico, ricamente adereçado de jóias, d'enfeites, de peças vultosas em valor; mas, confesso-vos, estais realmente no palácio simples, humilde onde viceja o Amor completo por esta nossa terra e pela Humanidade, onde a Vida é um dom e a amizade uma dádiva divina que se cultua dedicadamente. As peças de maior valor por aqui, vereis todos, é minha nobre esposa e meus filhos e, já agora, com pouco mais de um mês de existir, minha neta. Depois, por valia cujo "quantum" muito superior dou, são meus livros, muito raros de séculos, meus aparelhos d'astronomia e meus próprios livros, por mim escritos. Não mais que isto, mas para mim é fortuna imensa que, neste momento, se enriquece com a Medalha do Mérito do Município de Florianópolis, com a presença honrosíssima dos Senhores Vereadores e dos amigos e vizinhos desta rua e deste distrito. Não sei o que fiz de tão notável para merecêla, mas, certamente, os Senhores Vereadores o sabem, pois que a propuseram, pois que a votaram, pois que a trazem ao mais obscuro dos munícipes que só. de vaidoso, tem o sentimento de matuto ilhéu dedicado ao mais profundo da alma à terra, à história, à gente desta Ilha maravilhosa dos antigos Carijós. Desta maneira, frente a tão pesado fardo da honraria, que é uma resposabilidade moral, cívica e cultural perante os nossos conterrâneos, os nossos coestaduanos, os nossos patrícios, só posso, em agradecendo, afirmar com redobrada vaidade: Saberei honrar a Comenda, os nossos legisladores, a nossa terra e a nossa gente, fazendo mais e melhor tudo quanto até aqui tem sido feito e o que, para o futuro se poderá fazer e que será feito, estejam certos, porque vontade e decisão não me faltam a todo instante, a qualquer momento. Muito me honra a Medalha, muito me enobrece a presenca dos Senhores Vereadores, em minha casa, para tão solene e histórico ato, muito me envaidece a presença e apoio dos vizinhos e amigos deste bairro e da nossa cidade. Muito obrigado, pois, que a Vida não pára, a História está vigilante sempre e há muito que fazer. Muito obrigado, sinceramente.

A. Seixas Netto Florianópolis, Estreito, 26 de maio de 1983.

O ato realizou-se, com início às 16 horas, na Rua Antônio Matos Arêas, 393, com grande solenidade e presença de mais de 100 pessoas, muitas das quais se aglomeraram no jardim fronteiro a casa, por ser pequena para contê-los a sala da residência.

FECART SUPERA EXPECTATIVAS E TEM SEU ENCERRAMENTO MARCADO.

Com uma média de freqüência superior a cinco mil pessoas, e com as vendas superando as expectativas encerou-se no Centro de Promoções da Citur, em Balneário Camboriú, a Feira Catarinense de Artesanato.

Durante o período, mais de 100 artesãos, distribuídos em 85 stands, deram demonstrações de sua arte e comercializaram diretamente com o público, sem intermediários e a preços acessíveis, brinquedos, bordados, rendas, cestarias, trançados, tricôs, crochês, cerâmicas, pinturas, gravuras, costuras, comidas típicas, biscoitos, decorações, bonecas de pano, barro e madeira, vasos, flores artificiais e arranjos.

Segundo o Superintendente da Fundação Catarinense do Trabalho, promotora do evento, Orlando Bertoli, esta Feira, além de fortalecer e incentivar a organização dos artesãos, proporcionou também o engajamento de mão-de-obra no setor informal, divulgando as suas potencialidades econômicas e criando condições adequadas de produção e de comercialização, de acordo com as diretrizes traçadas pelo Procart — Programa Catarinense de Desenvolvimento do Artesanato, executado pela Fucat.

"Além do mais, esta Feira objetivava primordialmente aproveitar a abundante e diversificada matéria-prima existente no Estado para a produção de peças artesanais, estimulando a preservação e a originalidade das manifestações artístico-culturais do artesão catarinense. E com isso, podemos assegurar que estamos dotando o setor artesanal, em Santa Catarina, de uma estrutura organizada e eficiente, proporcionando-lhe benefícios econômicos e sociais", comentou Bertoli.

A Fecart serviu também como uma exposição preliminar, já que Santa Catarina, através da Fucat, estará participando da V Feira Brasileira de Artesanato, a ser realizada no Rio Grande do Sul, em março, e que tem por objetivo reunir os trabalhos produzidos em todo o país.

Com isso, esta Feira incrementará ainda mais a comercialização da produção dos artesãos brasileiros, em nível nacional e internacional, dentro dos esforços desenvolvidos pelo Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, vinculado ao Ministério do Trabalho. Nesta Feira, que terá expressiva participação catarinense, estarão expostos cerâmica, tecelagem e tapeçaria, cestaria e trançados, couros e peles, marcenaria e talharia, pedra, rendas, bordados, lembranças e arte indígena, agrupados por seus Estados de origem.

A Fecart, que teve também o apoio do Ministério do Trabalho e serviu para consolidar o Programa Catarinense de Desenvolvimento do Artesanato, cuja finalidade última, conforme afirmou Orlando Bertoli, é de valorizar a atividade artesanal em todo o Estado, no sentido de torná-la economicamente rentável e propiciadora de novas oportunidades de emprego. tunidades de emprego.

"Desse trabalho, a resultante natural será a melhoria das condições de vida do artesão, aumentando com isso sua renda familiar", concluiu o Superintendente da Fucat.

OESTADO - Fpolis, 23.01.83

FESTIVAL DE FOLCLORE TEVE 60 ESCOLAS E 20 MIL ALUNOS

Um Festival de Folclore e Arte Popular catarinense, produzido por mais de 60 escolas de 10. e 20. graus com mais de 20 mil alunos, foi aberto de 17 a 30 de agosto na parte externa e interna do Museu de Arte da capital catarinense, numa terça-feira, às 10 horas. O ato inaugural teve a participação de um Jogral que dissertou sobre a vida e obra do professor Franklin Cascaes, que contou com as presenças de autoridades da Secretaria da Educação e da Universidade Federal de Santa Catarina.

O Festival de Arte Popular teve por finalidade reavivar a cultura açoriana, conforme disse a coordenadora do projeto, professora Vanira Wolff, e procurar descobrir "talentos" dentro da própria comunidade.

Na exposição organizada, tivemos: ervas medicinais, pão por Deus, varal literário, danças, comidas regionais da cozinha açoriana. Brinquedos típicos da região, terno de reis, boi-de-mamão, e a participação de vários cantadores e violeiros, "dança dos arcos com pau-de-fita".

Cultura Popular

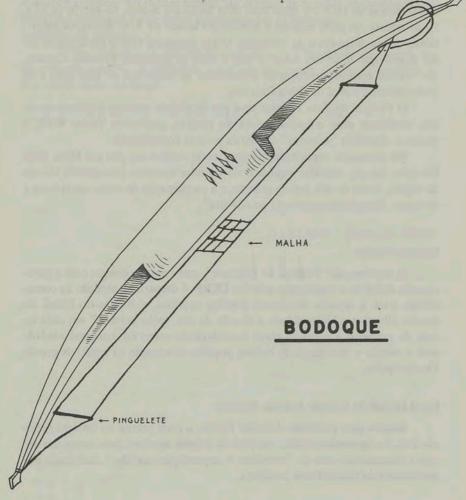
O objetivo do "Festival de Folclore", que também contou com a participação da UFSC e organizado pela 1a. UCRE, é despertar a atenção da comunidade para a riqueza da cultura popular açoriana, existente no litoral do estado. Objetiva a Universidade a criação de um "pólo cultural" em cada escola de primeiro e segundo graus, considerando como fundamental unidade para o estudo e divulgação da cultura popular catarinense na região da grande Florianópolis.

Coral Juvenil do Colégio Antonio Peixoto

Regido pelo professor Antonio Carlos, o coral juvenil do Colégio Antonio Peixoto apresentou várias canções de origem açoriana, bem como um número relacionado com as "crendices e superstições da Ilha", elaborado por professores da Escola Padre Anchieta.

Centro Cultural

A UFSC, segundo informações está desenvolvendo um projeto no Ribeirão da Ilha, para estudo e divulgação da cultura açoriana e negra na Ilha. O trabalho está sendo desenvolvido na base de entrevistas juntos às pessoas representativas da cultura local. Após o levantamento de tudo o que for relacionado nesse setor, será editado em forma de livreto para distribuição nas escolas de primeiro e segundo graus. No mesmo projeto está incluído o levantamento musical com o possível encontro de valores existentes na comunidade, visando ao intercâmbio de apresentações artísticas e à edição de discos com as músicas recolhidas, bem como depoimentos de artistas locais.





RESPEITÁVEL PÚBLICO...

21 DE DEZEMBRO DE 1982 ○ 21 HORAS MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA — FLORIANÓPOLIS

HASSIS E A MAGIA DO CIRCO

O circo de Hassis tem o poder de uma varinha mágica. Ao mesmo tempo em que nos enleia, nos remete para múltiplas visões e reflexões. Nem sei por qual começar. Harry Laus, na tão percuciente apresentação aos desenhos. fala de um retorno à infância, àquela Tijucas que o marcou tão fundo e que o escritor conserva dentro dele. Já no caso de Hassis, é uma Florianópolis perdida no tempo, que o artista reconstitui com extrema sensibilidade. No meu, seria Biguaçu. Parece-me, pois, que todos temos um circo entranhado no mais profundo de nós mesmos. Mas, retornando a Hassis, devo dizer que acompanhei, desde o começo, praticamente toda a carreira artística dele. Uma carreira sofrida, de lutas e buscas, de pesquisa, de inventiva e descobertas. Eterno insatisfeito (o que deve ser a marca primordial de todo criador), para ele pouco importam acertos ou desacertos. Importa mais, e com razão, prosseguir na procura incansável de um ideal de beleza e de um desvelamento do ser humano. Esta proposta básica parece-me que vem sendo cumprida. Assim, Respeitável Público. . . álbum com 19 pranchas, que levou quase igual número de anos (16) para conseguir ser editado, nos entrega um Hassis em pleno domínio de seu metier. Num traço sutil e nuançado, recria e nos devolve, em entretons de grande efeito plástico, todo um universo impregnado de sonho, fantasia, verdade. Nem haveria, aqui, necessidade do poético texto introdutório, do

próprio artista, que vem como que completar o desenho. É que o desenho de Hassis, na sua linguagem mágica e despojada de artificialismos, fala por si mesmo. Fala do artista que tem o que transmitir e sabe fazê-lo com rara emoção e perfeição. Laus afirma, não sem razão: "Cada desenho vive por si, sem nada de acessório, com uma precisão que só pôde ter vindo à luz depois de muita reflexão sobre o tema, como é o caso desta série". E logo adiante ". . . uma espécie de névoa envolvendo as figuras, como se a memória fosse aos poucos se recordando dos fatos". Se tudo isto não bastasse, há outro valor neste álbum primoroso; a lembrança da grande figura humana que foi Anibal Nunes Pires, homenagem singela ao amigo e ao mestre. A epígrafe de Anibal que Hassis recolheu se casa perfeitamente ao clima das pranchas. Ei-la: "A minha caravana/ Deixou terras nas distâncias/ E o tempo me envelheceu/". Sim, se tempo inapelavelmente nos envelhece, se a caravana deixou terras inalcansáveis, o belo álbum de Hassis, tão rico em sugestões, nos empurra de volta para esta infância que todos buscamos em vão, num fascínio refletido no circo, com suas figuras e situações por igual humanas e tragicômicas.

Salim Miguel

VOCABULÁRIO DO FALAR CARIJÓ

Já está pronto esperando edição, o Vocabulário de Vozes do Falar Carijó, a língua dos selvígenas que habitavam a Ilha de Santa Catarina, hoje desaparecidos, elaborado por A. Seixas Netto, membro da Academia Catarinense de Letras, Secretário da Comissão Catarinense de Folclore e membro de várias Academias no País e na Europa. O livro, que agrega mais de 2000 vozes Carijós, tem a finalidade de ilustrar a respeito de termos Carijós ainda usados pelos naturais da Ilha de Santa Catarina, bem como nome de lugares, aves, árvores, e costumes procedentes dos selvígenas e que foram absorvidos pelos açoritas colonizadores. É um trabalho de significativa importância cultural, glotológica e histórica porque perpetua as vozes dos Carijós e explica muito da história catarinense da Ilha. O Vocabulário de Vozes Carijós deverá ser lançado no próximo ano, bem como outro livro do mesmo autor Cantos Ilhéus, onde canta a natureza e conta a história da Ilha desde os seus primórdios.

NOTÍCIA HISTÓRICA DE BIGUAÇU

Já estão à disposição dos leitores e estudiosos da história catarinense de modo geral, os Fascículos Nos. 1 e 2 da Notícia Histórica de Biguaçu, obra

que se compromete a estudar desde os seus primórdios a evolução da vida, da cultura e da história geral do Município de Biguaçu, situado a 17 quilômetros da Capital do Estado. A obra tem a direção do escritor Iaponan Soares e da professora Ana Lucia Coutinho Locks. No primeiro Fascículo temos belos e apreciáveis estudos do prof. Victor Peluso Junior, de Marly Mira, de Iaponan Soares, de Carlos Ronald, o poeta, de Doralécio Soares, de Frederico Marques e de Ana Lucia Locks. Traz documentos como as primeiras Atas de Florianópolis e de São Miguel, da Câmara de Vereadores. Uma belíssima e valiosa colaboração para a formação da Memória Catarinense. Já no segundo Fascículo temos estudos de Iaponan Soares, Vera Lucia Locks, Carlos Ronald, Walter Piazza, Raulino Reitz, Doralécio Soares e outros autores locais, dando grande divulgação aos fatos históricos e folclóricos das duas comunidades mais antigas de Santa Catarina, que são a antiga Vila de São Miguel e a de Biguaçu. Os trabalhos apresentados têm alto valor documental.

Cumprimentamos Biguaçu pelo seu Centenário ocorrido em 1983, e os autores e colaboradores dos Fascículos, em tela, pelos belíssimos trabalhos elaborados.

X X X

FEIRA CATARINENSE DE CULTURA - NOTICIÁRIO - 1983

Sob a coordenação da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo — "Fundação Catarinense de Cultura"; apoio da Prefeitura Municipal de Florianópolis — "Secretaria de Turismo", vem se realizando todos os sábados, entre 9 e 17 horas, a Feira Catarinense de Cultura, no largo da antiga Alfândega, onde atualmente funciona o Museu de Arte do Estado.

FOLCLORE — A promoção tem alcançado o esperado êxito, promovendo o Folclore nos seus diversos aspectos; artesanato, culinária regional, danças e folguedos populares: pau-de-fita, cacumbi, boi-de-mamão. Na cerâmica popular destaca-se o "oleiro" com seu torno típico. As tradicionais rendeiras, tecendo rendas, nas suas almofadas, com seus característicos "bilros". Apresentam-se ainda os fazedores de balaios com seus trançados de cipós e raiz de imbé, além de mulheres artesãs do interior ilhéu, fazendo esteiras com o capim "taboa".

MÚSICAS — Noutra parte cultural se destacam as apresentações das bandas de música "Filarmônica Comercial" e "Amor à Arte", além da tradicional banda musical N. Sa. da Lapa, do distrito de Ribeirão da Ilha, se revezando em suas apresentações.

MUSEU — No Museu de Arte, que integra o conjunto da Feira, realizam-se exposições de artes plásticas e exibições de filmes sobre "arte popular, abrangendo vários tipos de culturas: regionais de Santa Catarina e de outros

estados.

 ${\sf DANÇAS-T\hat{e}m}$ sido destaque os números de dança de natureza regional e erudita.

TEATRO — Os grupos teatrais regionais também se têm feito presentes, elevando assim o conceito cultural da promoção que tem sido vitoriosa em todos seus aspectos.

OUTRAS FEIRAS DE ARTE E ARTESANATO

Vários são os municípios catarinenses, que por seus departamentos culturais, vêm promovendo a arte popular e o artesanato, como forma de lazer em suas regiões. Joinville foi o primeiro a realizar essa promoção, que teve início com o primeiro Festival de Folclore, promovido em 1975 na gestão e iniciativa do então Prefeito Pedro Ivo Campos, autor do Projeto-Lei No. 4287, de 7 de abril de 1969, que instituiu o Dia do Folclore no Estado de Santa Catarina, quando deputado estadual. A Feira de Arte e Artesanato de Joinville é uma das maiores, por reunir artesãos de vários pontos do Estado. Outro município que também tem se destacado é Lages, onde na gestão do Prefeito Dirceu Carneiro foi implantado o plano Arte do Povo: Dos Salões Eruditos aos Bairros Populares, com Amostra do Campo e Amostra Suburbana, com grande êxito na variedade dos produtos que eram exibidos para venda, produzidos pela comunidade. Destacando-se no centro da cidade a "Casa do Artesão".

Jaraguá do Sul lança com sucesso a sua Feira de Arte e Artesanato, com a participação de artesãos do município de Joinville e de outros municípios. Sendo uma iniciativa da Secretaria de Cultura, espera o titular dessa Secretaria, prof. Balduíno Raulino, que a ressonância do seu sucesso aproxime artesãos de várias regiões do Estado.

Doralécio Soares

JOINVILLE

TRÉS MIL PESSOAS ASSISTEM AO FESTIVAL DO FOLCLORE

Num espetáculo de coreografia, beleza e muita arte, o 30. Festival do Folclore da 19a. UCRE foi a atração principal de sexta-feira, dia 26, no Ginásio de Esportes "Artur Müller". Um grande público — cerca de três mil pessoas, se fez presente e vibrou muito com o espetáculo, que também foi prestigiado por autoridades da microrregião, dentre elas o deputado Artenir Werner, Secretário de Cultura, Esporte e Turismo de Santa Catarina.

Valorizar as raízes histórico-culturais das comunidades, estimular o conhecimento sobre o folclore catarinense e em especial da região e vivenciar

usos e costumes regionais foram os objetivos do Festival do Folclore, aberto com a apresentação do Coral da Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul, seguindo-se as apresentações das unidades escolares com os respectivos temas: GE São José/Corupá, com "Czardas"; CIP Mário Krutzsch, com "Potpourri"; EB Elza Granzotto Ferraz, com "Chô Passarinho"; CE Miguel Couto/Schroeder, com "Polka da Romaria"; EB José Duarte Magalhães, com "Festa de Rei dos Atiradores"; EB Heleodoro Borges, com "Quadrilha Campestre"; CE Teresa Ramos/Corupá, com "Lampião e Maria Bonita"; EB Padre Bruno Linden/Massaranduba, com "Cantigas Folclóricas"; EB José Duarte Magalhães e Coral Carneirinhos da Barra apresentaram "Folclore Cantado" e a EB Euclides da Cunha, "Chimarrita, Xote Carreirinho".

O encerramento deu-se com a presença do Grupo Folclórico "Bumba-Meu-Boi", do mestre Manoel Rosa, o Manequinha, que mostrou ao grande público uma tradição folclórica mantida há pelo menos 40 anos.

Transcrito do jornal "Correio do Povo" de Jaraguá do Sul- SC- Setembro - 1983

FLORIANÓPOLIS

PÂNTANO DO SUL TERÁ 10. FESTIVAL DO FOLCLORE

A localidade de Pântano do Sul viverá nos próximos dias muita festa e movimentação durante a realização do 1o. Festival do Folclore de Pântano do Sul, que será realizado nos dias 20 e 21. No primeiro dia a programação terá início às 19 horas e prevê apresentações de cantoria do divino, cantoria dos reis, casamento caipira, quadrilha, pau-de-fita, boi-de-mamão e baile da Rainha, com início às 22h30m.

No dia 21 as festividades começam às 11 horas com apresentação infantil, seguida de teatro de bonecos, dança do catumbi, jogral sobre a vida dos pescadores, cantoria da ratoeira, mazurca, dança do maçarico, cantorias das rendeiras, apresentação teatral e domingueira, com início previsto para 18 horas. Durante a programação haverá um show com Grupo Engenho.

O 10. Festival do Folclore de Pântano do Sul surgiu a partir do trabalho de preservação e mobilização cultural, implantado na localidade, através da execução de um projeto da Fundação Catarinense de Cultura, integrada à Prefeitura Municipal de Florianópolis e à Fundação Pró-Memória. As atividades inicialmente estavam circunscritas ao âmbito escolar, mas depois a comunidade foi se integrando ao trabalho, a ponto de hoje estar toda a população ligada ao projeto. Dentro dessa motivação foi que surgiu a idéia de se implantar um grupo de folclore e de realizar o festival. Cerca de 50 pessoas compõem o

grupo, mas na verdade, a realização do evento está mobilizando toda a localidade. Esta é uma rara oportunidade para o ilhéu rever e reviver pontos altos que sedimentaram a história da Ilha e que formam o folclore local. Durante os festejos serão servidas comidas típicas da região e realizadas brincadeiras e jogos como pescaria, bingo, corrida de três pernas, corrida do ovo, quebra de potes, brincadeiras de anel, etc.

Transcrito do jornal "O Estado" - 15.08.83

Noticiário - 1983

Registramos e agradecemos as publicações recebidas

KANGAS SPELEMÃM KANKAAN PELIMANNIT KAUSFINEN — Os tocadores de Kanga Kausfinen" — Finlândia — Inclusa **Página Sueca** — Enviado por Ola BATH — Suécia.

CTG Porteira Aberta apresenta as suas Prendas — São Miguel D'Oeste — SC. Ensaios de Carnaval — No Mundo do Samba, 1, 2, 3 — Prof. Francisco Vasconcellos — RJ.

Contribuição à História da Ciganologia no Brasil — Ático Vilas-Boas da Mota — GO.

Revistas em Tempo — Vila Oeste — São Miguel D'Oeste — SC.

A Noiva do Tempo (contos) - Florival Seraine - 1981 - Fortaleza - CE.

Traços da Cultura Paranaense — 1981 — Maria Anunciada Chaves — PR.

História e Ideologia: O IHGB e a República — 1889/1891 — Geraldo M. Coelho — Belém.

Revistas Notícias de Vicente Só — Sociedade Amigos de Brusque — SC.

Calendário Cultural 1983 — Conselho Estadual de Cultura — Florianópolis.

Biblioteca FUNARTE – Boletins: 4/6.81 – Nos. 1,82, 2,82 – "Centro de Documentação – MEC.

Nota Prévia — Coleção Etnográfica da Univ. Federal do Pará — Napoleão Figueiredo.

Lembrando "Mestre" Vitalino — Câmara Cascudo e Alceu Amoroso Lima — "Medalha Peregrino Junior" — Edição Fevereiro—Março de $83-\mathrm{RJ}$.

Jornal O Antiquário – Ano 01, No. 15 – SP.

Boletim No. 3 - Ano 01 - Museu Nacional de Belas-Artes - RJ.

Brasiliana 83 – 29.7 a 7.8.83 – Exposição Internacional de Filatelia – RJ.

Greta — Auto-Retrato do Brasil — Museu Nacional de Belas-Artes—MEC/SEC — RJ.

Relação das Faustíssimas Festas — Edições FUNARTE/INF — RJ — Francisco Calmon.

Folclore Brasileiro Minas Gerais — Saul Martins — Edições FUNARTE/INF — 1982 — RJ.

Cantigas de Roda — MG — INF 038 — Ou riri, ou rirá — Piranha — O vapor da Canhoeira — Rosa Vermelha — Estou na Peneira — Olha o Lenço — As Meninas — 1982.

Boca Maldita (poemas) – Tanussi Cardoso – Editora TROTE – RJ.

Seis Contos Populares no Brasil — Théo Brandão — Edição Inst. Nacional do Folclore — RJ.

A Noiva do Tempo — Florival Seraine — (contos) — 1981.

Semana do Negro — Museu Paraense "Emílio Goeldi" — maio de 1982 — PA.

A Vida Vivida — Holdemar Menezes — Editora UFSC/Lunardelli — Florianóbolis.

Obra Seleta de "Clarival Valladares" — Museu Nacional de Belas-Artes — MEC/SEC — RJ.

Sala do Artista Popular "Jota Rodrigues" — folhetos-romances de literatura de cordel — Inst. Nacional do Folclore — RJ.

Vendedor Ambulante, Profissão Folclórica — Maria Rita da Silva Lubatti — SP — Revistas Educação No. 38 e Brasileira de Educ. Física e Desportos No. 50 — MEC.

Getúlio Vargas em Bagé (discursos) — RGS — Idem Curadoria de Museus — Faculdades Unidas de Bagé — FUNBa — Relatório, 1982 — Fundação Átila Taborda — RGS.

Catálogo de Obras Catarinenses na Biblioteca de Florianópolis — Associação Catarinense de Bibliotecas e Associação Catarinense de Escritores. Discursos e Eloqüências, elaborado pelo Grupo de Bibliotecárias em Informações e Documentação em Processos Técnicos — 1982 — Florianópolis.

Poloneses em Santa Catarina — Maria Theresinha Sobierajski Barreto. O Texto Literário, a Prática da Interpretação — Edda Arzúra Ferreira. Revista de Ciências Humanas No. 3. Publicados pela Editora da UFSC/Co — Edição Ed. Lunardelli — 1983 — Florianópolis.

Jornal da Música — 1983 — Editado por Irmãos Vitale — SP.

Agreste — 1982/83 — Publicação Cultural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru — PE.

Manual de Folclore — 2a. Edição — Laura Dela Monica — Editora EDART — SP.

Cadernos de Folclore, 130 a 133/1983 — Centros de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco — Recife — PE.

Cadernos Gaúchos No. 8 — "Folk Festo e Tradições Gaúchas" — Porto Alegre — RGS.

Santa Catarina História da Gente — Walter Fernando Piazza e Laura Machado Hübener — Editora Lunardelli — Florianópolis.

Boletim Alagoano de Folclore — 1982 — Théo Brandão (In Memoriam) — Publicação da Comissão Alagoana de Folclore, sob o Patrocínio da Univ. Federal de Alagoas.

Antologia do Folclore Cearense — 2a. edição — Edições da UFC — 1983.

Recursos Humanos — "Novos Rumos para a Administração Pública" — Antonio Niccoló Grillo — Florianópolis.

As Folias de Reis no Sul de Minas — Prêmio Sílvio Romero — 1977 — Guilherme Porto. Jornal O Antiquário sob a direção do jornalista Luiz Moraes de Almeida, editado em São Paulo. Divulga tudo relacionado ao comércio de Antiquários. Temos recebido, regularmente, a Revista Brasiliana, especializada em Filatelia, produzida e editada pela Assessoria Filatélica / AC — ECT. Notícias de Vicente Só — é uma publicação da "Sociedade Amigos de Brusque", editada sob a direção do escritor Ayres Gevaerd. Revista de cultura

histórica do Vale do Itajaí-Mirim, com publicação trimestral.

Blumenau em Cademos — Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina. Propriedade da "Fundação Casa Dr. Blumenau", tendo por Diretor Responsável, o jornalista José Gonçalves.

EDITORA DA UFSC FAZ MAIS 4 LANÇAMENTOS

Quatro novos títulos da Editora da UFSC. O texto literário, de Edda Arzua Ferreira; Poloneses em Santa Catarina, de Maria Terezinha S. Barreto; Revista de Ciências Humanas No. 3; e A palavra, a arte da conversação e da oratória, de Nereu Corrêa.

Os três primeiros foram lançados no hall da Reitoria da UFSC; o de Nereu Corrêa, na Max Stolz Galerie; Av. Hercílio Luz, 183.

Doutora em Teoria Literária pela USP e profa. do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas na UFSC, Edda estuda as atuais tendências teóricas que tratam do texto literário e aplica tais conceitos na análise de um poema, "A morte do leiteiro", de Drummond; Maria Teresinha, professora da UFSC, procura detectar quais os núcleos de colonização polonesa em Santa Catarina e a participação que tiveram no processo de desenvolvimento do Estado; e neste novo número da Revista de Ciências Humanas estão temas de interesse específico para professores e estudantes.

Nereu Corrêa, depois de situar a proposta de seu livro e a arte da palavra através dos tempos, reúne uma série de entrevistas com alguns do principais oradores brasileiros, como: Afonso Arinos, Pedro Aleixo, Pedro Calmon, Carlos Lacerda e Henrique Córdova. **REVISTA-FOLCLORE** — Publicação da Associação de Folclore e Artesanato da cidade de Gurujá — SP, tendo como editor a Baronesa Esther S. A. de Almeida Karwinsky. No seu No. 8/83, apresenta farta colaboração de renomados folcloristas nacionais e de outros países.

A FESTA DO TOURO E O IMPÉRIO DO PENEDO

Destacamos o trabalho de Elizabeth Cabral, "A Festa do Touro e o Império do Penedo" em Portugal, que tem relação com a nossa Festa do Divino Espírito Santo, por suas raízes culturais.

No trabalho em referência, e a cerimônia do "bodo", no sacrifício de um touro "à corda" (preso em uma corda), que após ser investido sobre o povo que o fustiga, é finalmente "esfolado e cortado" pelo "magrafe", junto a uma fonte, e após cozido é distribuído ao povo.

Diz a autora que "em Penedo a tradição da coroação de um Imperador era precedida pelo enfeite de um boi, com fitas e flores, que depois de dar três voltas ao redor da capela, era benzido e abatido para servir de "bodo" aos pobres da aldeia e arredores. Hoje perdeu-se a tradição religiosa e pra animar a festa que afinal é conhecida pela "Festa do Touro", escolhe-se um animal, sempre o mais bravo, que escorrido "à corda" pelas ruas estreitas da aldeia, desafiando os mais afoitos que o tentam tourear, sendo finalmente abatido junto da fonte, no largo fronteiro à capela. A carne do boi é cozinhada apenas por homens, em 7 panelas implantadas no adro, sendo depois o "bodo" servido aos pobres da freguesia pelas moças da aldeia, no adro da capela, onde são montadas as bancadas."

— Poderemos associar esse ato a nossa "farra de boi", não na sua forma simbólica, representativa, mas na distribuição da carne, na conclusão do "bodo".

Observa-se que lá se constitui numa cerimônia litúrgica, enquanto que entre nós a brincadeira da "farra de boi", não obedece a cerimonial, nem a qualquer rito. É fato que essa nossa tradição, hoje proibida por nossas autoridades policiais, por considerá-la atrocidade, veio como tantas outras, trazidas pela colonização portuguesa. O rito daqui, que não se constitui propriamente num rito, está relacionado à quaresma, precisamente à Semana Santa.

Aqui o boi, na maioria das vezes, por medida de proteção, é preso a uma corda, fustigado, e solto, e após dias e dias de perseguição é finalmente encurralado e morto. Sua carne vira churrasco festivo com a participação da comunidade onde é realizada a tal "farra".

Muito embora a polícia venha mantendo acirrado combate a essa desumana tradição, mesmo assim ela sempre se repete em determinados municí-

pios do litoral, onde o povo se cotiza para a compra do boi, e muitas vezes, este é comprado por dois ou três para alegrar a comunidade local, que argumentam, ser esta a única alegria do povo da região, que aguarda ansioso a vinda da quaresma.

Desenhos do Prof. Lula Gonzaga - PE



O Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco promove a cultura popular através de desenhos do Prof. Lula Gonzaga.

Lula Gonzaga é um artista plástico que maneja o desenho a "bico-depena" com uma habilidade extraordinária. Desenvolve uma técnica com uma movimentação tal, que exterioriza todas as nuanças do motivo desenvolvido pelo artista na temática do aspecto retratado, interiorizado na sua imaginação.

Temos o fandango com sua barca, marinheiros, o almirante e o padre. O pastoril com suas pastoras e o pastor (o velho). O maracatu com a "boneca de pano", rainha e o rei. Bumba-meu-boi, com o Mateus, vaqueiro e o urubu. O frevo representado por um estandarte de um clube e um passista, com aspectos secundários da dança quente. O coco-de-roda, numa noite de São João, com um par de "cavalheiros e damas", e um aspecto secundário de uma quadrilha em formação. Os caboclinhos com um índio em destaque na sua plumagem. A "la-ursa", o urso branco do carnaval com sua cantoria, damas e estandarte. Maracatus rurais, ou "maracatus de orquestra", de "trombeta", ou ainda "baque solto", na sua rica indumentária, com as suas índias e pagé.

A ciranda, "dança de roda" tão em moda, no largo de São Pedro, no Recife. Todos os trabalhos apresentam legendas alusivas às ilustrações apresentadas.

Os trabalhos referentes ao Natal são ricos nas suas expressividades, com motivos todos atinentes ao nordeste, com pescadores e suas jangadas, sem faltar os coqueiros e cáctus da zona agreste. Na adoração ao Menino Jesus, o autor apresenta vaqueiros com seu jumento conduzindo ofertas. Os cartões com suas legendas tecem "housanas" ao nascimento de Jesus.

Damos grau dez ao Departamento de Cultura da SE de Pernambuco, pela feliz iniciativa.

No mesmo "malote" da EMPETUR — Empresa Pernambucana de Turismo, recebemos prospectos coloridos do Carnaval Pernambucano. Roteiro Turístico de Recife e Olinda, além do folheto de Cordel Terra da Gente, de autoria do poeta Valdeck de Garanhuns. Diz o autor: "Vou usar da poesia / Pois rimas fortes farão / A gente aplicar a arte / Nesta rica região / Em favor de causa nobre / Que é a Educação. Um povo desenvolvido / Ou que quer desenvolver / Sua terra, sua gente / Nunca pode se esquecer / De que precisa estudar / Para poder aprender".

O autor fala das vantagens que a "Cartilha Rural" trouxe para a alfabetização do povo do interior. — "Como já falamos muito / Dos que seguiram a trilha / Voltaremos a falar / Do interior da cartilha. — A cartilha é ilustrada / Com as coisas do nordeste / Quadrilha, feira, gamela / E chuva que é do agreste / Foi feita pro nordestino / Esse bom Cabra da Peste".

São dezenas de versos, dizendo da utilidade da Cartilha.

CARUARU - PE

POETA DE CORDEL: José Severino Cristóvão

José Severino Cristóvão é um poeta da literatura de cordel, que vem se destacando no seio da cultura popular de Caruaru — Pernambuco, e porque não dizer no norte e nordeste.

O que mais impressiona nesse poeta popular de Caruaru é a sua capacidade produtiva e ótimo acabamento nos folhetos que edita.

Cristóvão, como é comumente conhecido, possui uma veia poética das mais acentuadas.

Da sua produção recebemos os seus últimos folhetos romanceados O Nordeste e O Banditismo, Depois de Morto Voltou à Terra, O Sertão e O Sertanejo".

Cristóvão tem uma facilidade extraordinária de versejar, abordando assuntos da atualidade e cantando as belezas e agruras do sertão nordestino. Descendente de "cangaceiro", como acentua, se orgulha Cristóvão em O

Nordeste e O Bandistimo; fala da vida de Lampião e o seu grupo, onde afirma que o famoso bandoleiro ainda é vivo já com seus 81 anos, morando numa fazenda: "ouvi dizer, o rei do cangaço vive em Pedreira, Mato Grosso, com então 81 anos". — Diz que o rei do cangaço havia desistido de ser cangaceiro e ido para Mato Grosso, e que uma tal de Corina, mulher do cangaço "envenenou o grupo" colocando na comida uma planta chamada de "flor de cobras" que contém veneno, e por causa desse veneno, os urubus não tocaram nos cadáveres, o que confirma que estavam envenenados. Diz que nessa data Lampião já havia largado o cangaço. O falso Lampião que lá se encontrava arranchado, no dia 28, era o desordeiro Luiz Anisio Ferreira, que usava o nome de Lampião. Portanto morreu Anisio no lugar de Lampião. Talvez tenha sido esse o motivo que levou Getúlio Vargas a negar o pagamento do prêmio pela morte de Lampião.

Homem como Lampião Serra Talhada não dá mais Foi o maior bandido De outros tempos atrás Ele matou muita gente Porque mataram seu pai Lampião um bandido Mas um grande brasileiro Lutou e ganhou patente Na cidade do Juazeiro Foi manchete de jornais Do Brasil ao estrangeiro.

Um cabra de Lampião Conhecido por Pitombeira Violentou uma senhora Com ela fazendo besteira Resultado: Lampião fuzilou ele Debaixo de uma quixabeira.

Em O Sertão e O Sertanejo, Cristóvão cantando as belezas e agruras do sertão, tece louvores à "ecologia" com louváveis conselhos em belos versos de "oito pés de quadrão".

O sertão de boa gente Sertão de seca ardente Que mata até a semente Que gera a vegetação A seca do sertão Seca açude e mata grama E peixe morre na lama Nos 8 pés do quadrão. Do sertanejo e do sertão A saudade é demais Lá da terra de vovô Da infância de meus pais Terra do homem honesto Onde não se vê marginais. É terra do fazendeiro
Que da poesia é fã
É a terra da peitica (pássaro)
Da coruja e da cauã
Da cobra e do veado
E das belezas do amanhã.

No sertão desmatado Quando o inverno é passado Deixa açude arrombado Em toda a região Quando dá trovão Desce corísco sem freio Abrindo baraúna no meio Nos 8 pés de quadrão. ECOLOGIA
Para ter vida sadia
Digo a toda criatura
Corte uma árvore plante duas
Para a geração futura
Palavras que Padre Cícero
As levou à sepultura.

Plante em sua fazenda Uma árvore todo dia Se assim você fizer Recupera a ecologia Se lembre dos mandamentos Que o Padre Cícero dizia.

Nota: apenas alguns versos da farta produção do poeta José Severino Cristóvão.

Doralécio Soares

ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO - SP

Organizada pelo Prof. Américo Pellegrini Filho e editada pela Editora EDART, em co-edição com a Universidade da Paraíba e Universidade do Pará, a Antologia do Folclore Brasileiro veio preencher uma parte do vazio existente com relação a obras, no que concerne ao Folclore Brasileiro.

Não é que não existam obras sobre o Folclore no Brasil, mas geralmente são edições limitadas, mal distribuídas, que nem chegam a integrar as bibliotecas de natureza didática.

A EDART, interessando-se por edições do Folclore, vem realmente ao encontro de preencher uma lacuna, pois que, essas edições especializadas saem da área oficial para entrar numa área abrangente de maior público.

A Antologia do Folclore Brasileiro que reúne "mestres" do Folclore de várias partes do Brasil, apresenta os mais diversificados assuntos, pela natureza de seus conteúdos, leva ao estudante do 20. grau, por que não dizer também do 30. grau, conhecimentos de relevante valor.

Manual do Folclore – 2a. edição – 1983

À disposição da EDART, consubstancia-se na valorização da ciência popular, com a 2a. edição do Manual do Folclore, de autoria da renomada mestra Laura Dela Mônica.

Rio de Janeiro - RJ

O Instituto Nacional do Folclore da Fundação Nacional de Arte e a Biblioteca Nacional da Fundação Nacional Pró-Memória convidam para o lançamento das edições

Relação das faustíssimas festas Francisco Calmon

As folias de reis no sul de Minas Guilherme Porto

Cantigas de roda / Minas Gerais (disco compacto)

Seção de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional Palácio da Cultura — Rua da Imprensa 16, 30. andar

Museu do Folclore "Édison Carneiro" Rua do Catete, 179 – Rio de Janeiro, RJ

O Instituto Nacional do Folclore da Funarte convida para lançamentos de livros, entrega de prêmios e apresentação de filme.

23 DE AGOSTO DE 1983 — LANÇAMENTO DOS LIVROS

Artesanato brasileiro / tecelagem Coordenação: Amália Lucy Geisel, Raul Lody Funarte/Instituto Nacional do Folclore

O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea

Berta G. Ribeiro, Maria Rosilene Barbosa Alvim, Ana M. Heye, Vera de Vives, José Silveira D'Ávila, Dante Luiz Martins Teixeira

SEC/Funarte/Instituto Nacional do Folclore Bibliografia folclórica No. 8

Funarte/Instituto Nacional do Folclore/Biblioteca "Amadeu Amaral" Entrega dos prêmios do Concurso "Sílvio Romero" — 1983 Lançamento do filme Mestre Abdias e o pano-da-costa

Desenbanco/Funarte/Instituto Nacional do Folclore

24 DE AGOSTO DE 1983 – LANÇAMENTO DOS LIVROS

Folguedos tradicionais — 2a. edição Edison Carneiro

Funarte/Instituto Nacional do Folclore

Rede de dormir – uma pesquisa etnográfica – 2a. edição

Luís da Câmara Cascudo

Funarte/Instituto Nacional do Folclore

Edições Achiamé/Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Anúbis e outros ensaios — 2a. edição

Luís da Câmara Cascudo

Funarte/Instituto Nacional do Folclore

Edições Achiamé/Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Expressão de cerâmica em S. Mateus

Elisabeth Pereira, Lilian Siegler
Banco do Estado do Espírito Santo / Aracruz Celulose S. A.
Fundação Ceciliano Abel de Almeida
Entrega dos prêmios do Concurso "Câmara Cascudo" — 1983
Apresentação do filme: Meste Abdias e o pano-da-costa
Desenbanco / Funarte /Instituto Nacional do Folclore



JOGO DO BATE BETE

MUSEU POSTAL E TELEGRÁFICO

O Museu Postal e Telegráfico da ECT, situado no SCS, Edifício Apolo, exibirá na Sala de Exposições Temporárias, no 20. andar, a coleção temática "Meios de Comunicação na Filatelia", no período de 17/05 a 27/06/83.

Esta mostra comemora em 1983, o "Ano Mundial das Comunicações: implantação de infra-estrutura das comunicações" das Nações Unidas, proclamado oficialmente em 19 de novembro de 1981. Os objetivos fundamentais desta iniciativa são: que os países examinem e analisem sua política referente ao desenvolvimento das comunicações e que estimulem aceleradamente a sua infra-estrutura. A Únião Internacional das Telecomunicações (UIT), instituição responsável pelo Ano, está encarregada de promover a coordenação dos aspectos interorganizacionais do programa, incrementando a discussão e a cooperação no plano internacional.

O Brasil, assim como os demais países em desenvolvimento, estará analisando a importância das comunicações como um dos fatores cruciais para que este seja pleno nos níveis sócio-econômico e cultural. Esta análise, para ser mais profunda, engloba também o estudo da história das comunicações nacional, e um dos seus personagens mais expressivos — Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Por este motivo, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, através do Museu Postal e Telegráfico, e o Governo do Distrito Federal, com a Secretaria da Educação, estarão promovendo o "I Concurso de Redação Marechal Rondon", com entrega de prêmios na abertura da Mostra, dia 17/05, às 17 h. O Concurso será desenvolvido junto ao Complexo Escolar do Núcleo Bandeirante, os alunos participantes deverão cursar o 10. grau, ter a idade máxima de 15 anos e suas composições conter aproximadamente de 500 a 1000 palavras. A premiação constará de uma medalha "Prêmio Olho-de-Boi" e um álbum de lançamento com o selo em comemoração ao Ano Mundial das Comunicações, a ser lançado na mesma data, no Ministério das Comunicações.

CT/DECOM/GAB-0542/83

90 Anos da Revolução Federalista de 1983

O Museu Dom Diogo de Souza, de Bagé, com apoio de sua entidade mantenedoura, a Fundação "Átila Taborda" e da Diretoria de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, realizou em Bagé, no período de 12 a 15 de novembro, um Seminário sobre "Fontes Para a História da Revolução Federalista de 1983." Para tanto, o Museu, através do seu Curador, Dr. Tarcísio Antonio Costa Taborda, contou com a participação de entidades culturais do Rio Grande do Sul e de outros Estados da Federação Brasileira.

Brinquedos Tradicionais Brasileiros

Numa feliz iniciativa o SESC de São Paulo, que tem como Diretor Regional o Prof. Dr. Renato Requixa, editou a magnífica obra Brinquedos Regionais Brasileiros, atestando o seu grande desempenho na área cultural, desenvolvido por essa entidade do Serviço Social do Comércio.

A obra foi artisticamente planejada, reunindo valores da arte popular e artesanal nos mais diversos aspectos da temática lúdica.

No seu desenvolvimento destaca-se a "pesquisa de campo, a sociológica e a literária", englobada por um texto explícito, em que reúne poesias e prosas de autores consagrados, com ilustrações do assunto, rico pela simplicidade do seu conteúdo.

Ao fazermos o registro, levamos nossos cumprimentos a toda equipe do SESC, responsável pela importante publicação.

FALECIMENTOS - Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro

É contristados que registramos o recebimento do seguinte telegrama: Prof. Doralécio Soares – Rua Júlio Moura, 28 – 10. andar – Florianópolis.

"Com grande pesar comunico lamentável perda Folclore Brasileiro, falecimento dia 11 corrente, nossa querida companheira Maria de Lourdes Borges Ribeiro Ass. Llia Gontijo Soares. Diretora — INF".

- Perde realmente o Folclore Nacional, uma das suas grandes figuras, a renomada "mestra" Maria de Lourdes.

Digo "mestra", pois que de longa data, pela sua cultura e capacidade de trabalho, tornou-se a figura que era enviada a dar aulas, fazer reuniões, realizar conferências, simpósios, festivais, mesas-redondas, congressos, etc., pelo ex-diretor da ex-Campanha do Folclore Brasileiro, atual Instituto Nacional do Folclore, no Brasil e exterior.

Sempre mantive grande admiração por Maria de Lourdes Borges Ribeiro. E como recordação, guardo o cartão que ora publicamos, agradecendo-me o depoimento sobre o nosso saudoso Théo Brandão.

Maria de Lourdes era portadora de uma caligrafia primorosa, o que atesta o presente cartão. A sua letra era um hino de amor e ternura, digna de figurar emoldurada em um museu de letras caligráficas, pela correção e harmonia perfeita de suas palavras escorréticas que imprimia em sua escrita. Só com muito amor e equilíbrio é que se consegue tanta perfeição numa caligrafia.

Ao registrarmos tão lamentável perda, o fazemos, certos de que essa nossa companheira cumpriu a missão que o Senhor dos mundos lhe atribuiu neste planeta térreo.

Drexado Doralicio

Comunico haver recelido o seu depoimento sobre o mosso querido Théo e agradeco a gentiliza do atendimento à noisa Carta-circular de 7/11.

Cordiais sandações de

Maria de fourdes Borges Ribeiro

22-10-81/Rio de Janeiro

NOTICIÁRIO - 1983 - Rio de Janeiro

O Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE/MEC, lançou no dia 18 de outubro, na Sala do Artista Popular e no Museu do Folclore "Edson Carneiro", "O Mundo Encantado de Antônio de Oliveira".

A exposição permaneceu na Sala do Artista Popular de 18 de outubro a 25 de novembro, figurando também no Museu Edson Carneiro, em dias e horários não-coincidentes.

É uma iniciativa louvável do Instituto Nacional do Folclore, na procura de promover o Artista Popular Brasileiro.

Florianópolis - Santa Catarina

A Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e a Fundação Catarinense de Cultura, realizou a noite de autógrafos do Álbum "CANTOS DE TERRA E MAR", de autoria do maestro José Acácio Santana. A solenidade foi realizada no dia 8 de outubro no Teatro do Centro Integrado de Cultura "Professor Henrique da Silva Fontes". Na ocasião o Coral da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentou o concerto comemorativo de seus 20 anos de existência.

Florianópolis - Santa Catarina

ANTOLOGIA DO VARAL LITERÁRIO – textos escolhidos pelo público.

Com a participação de escritores e intelectuais, a Universidade Federal de Santa Catarina, fez o lançamento do livro "Antologia do Varal Literário", obedecendo a seguinte ordem de lançamento. Dia 21.10 — hall da Reitoria no Campus da Trindade. Dia 22 — Feira da Cultura (rua Conselheiro Mafra — centro). Dia 27 — Camboriú — XII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS - Florianópolis

O escritor e poeta Liberato Manoel Pinheiro Neto, é o mais novo acadêmico da Academia Catarinense de Letras, que ocupa a Cadeira No. 24, cujo patrono é José Johany, tendo como fundador e último ocupante, o renomado professor e poeta Francisco Barreiros Filho.

A solenidade foi realizada no Auditório do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, e contou com a presença de elevado número de intelectuais da Capital Catarinense. O novo Acadêmico, foi saudado pelo escritor Julio de Queiroz.

WILLY ZUMBLICK EXPÕE EM BRASÍLIA

O notável pintor catarinense Willy Zumblick, radicado em Tubarão, realizou de 24 de outubro a 06 de novembro, uma exposição de seus quadros, em Brasília. Foram telas de grande porte, onde estão fixadas passagens do folclore da Ilha de Santa Catarina, e doutras partes do Estado, bem como telas da história catarinense. São trabalhos de grande força e expressividade, porque Willy é artista que segue a escola clássica com estilo semelhante ao de Rembrandt, com belas definições de luz e sombra. A importância da sua arte já correu o Brasil, tanto que foi alvo de extensa reportagem, fartamente ilustrada a cores da Revista Visão, de circulação nacional. A obra de Willy Zumblick é inconteste na fixação da História Catarinense. O artista tubaronense sempre consultou, para seus trabalhos, a Comissão Catarinense de Folclore, tanto que no próprio programa da Exposição ele destaca como consultores na sua obra o senhor professor Doralécio Soares, Presidente da Comissão, e o senhor professor A. Seixas Netto, secretário da mesma Comissão. Dentre as suas telas destaca-se: O Último Guerreiro Carijó, tela de 1,60m por 1,40m, em que fixa o combate entre espanhóis e os selvígenas Carijós na Ilha de Santa Catarina, tela esta inspirada e elaborada sobre um poema de A. Seixas Netto, intitulado o "Último Carijó". O pintor Willy Zumblick cresce em importância porque é um folclorista estudioso. Suas telas são artísticas e didáticas, folclóricas e históricas, o que lhe garante um lugar na História da Arte Brasileira. Tendo conquistado amplo sucesso em Brasília. Daqui levamos os nossos cumprimentos ao Willy Zumblick, amigo e consultante diuturno desta Comissão, C. C. F.

Noticiário – 83 Chapecó – SC

MEMÓRIA IMPRECISA

Do poeta Joel Rogério Furtado, é um livro de poesias, que deve ser lido e profundamente meditado.

Surgido dos altiplanos de Chapecó, sua poesia derrama-se sobre a terra catarinense numa sequência de mensagens de amor e felicidade, que a todos envolve pelo canto harmonioso da melodia surgida da voz otimista do poeta da serra.

Tecendo louvores à grandeza do mar, o poeta exalta a sua beleza, numa contemplação perene de amor aos seus insondáveis mistérios, que se transforma numa canção de glória à natureza criadora.

ITUPORANGA - SC

Encontro Estadual do Programa Cultural do MOBRAL de Santa Catarina - EMOBRESC

HISTÓRICO

Iniciado em Criciúma em 1975, com objetivo de descobrir, valorizar, incentivar e preservar as manifestações culturais, constitui-se hoje o EMOBRESC no maior Encontro que a COORDENAÇÃO ESTADUAL DO MOBRAL DE SANTA CATARINA realiza.

A participação é aberta a toda comunidade e a este encontro se fazem presentes artistas amadores e profissionais, grupos folclóricos, grupos de teatro, declamadores, trovadores, cantores e músicos entre outros.

Tornou-se tradicional, durante o Encontro, a realização de Feira e Exposição de Artesanato e Artes Plásticas que reúnem artistas e artesãos de diferentes regiões.

A idéia da realização deste evento partiu da Comissão Municipal do MOBRAL de Criciúma, que com o apoio da Coordenação Estadual realizou o primeiro Encontro, de 14 a 16 de novembro de 1975, reunindo em Criciúma, representantes de 36 Municípios do Estado com aproximadamente 1.000 pessoas.

O segundo Encontro foi realizado em 30 de outubro a 10. de novembro de 1976 no Município de Ituporanga e contou com a presença de 56 Municípios reunindo mais de 1.500 pessoas. À Comissão Municipal do MOBRAL de Ituporanga deve-se a escolha da Sigla — EMOBRESC — a qual quer dizer: ENCONTRO ESTADUAL DO PROGRAMA CULTURAL DO MOBRAL DE SANTA CATARINA.

O terceiro EMOBRESC foi realizado no Município de Maravilha nos dias 07, 08 e 09 de outubro de 1977, que contou com a participação de 110 Municípios catarinenses, reunindo 2.500 pessoas.

O quarto EMOBRESC realizou-se no Município de Campos Novos de 29 de setembro a 1o. de outubro de 1978 com a participação de 140 Municípios e 4.000 pessoas aproximadamente.

O quinto EMOBRESC realizou-se no Município de Xanxerê e contou com a participação de 160 Municípios reunindo um total de 5.000 pessoas, durante os dias 28, 29 e 30 de setembro de 1979.

O sexto EMOBRESC realizou-se em Brusque de 26 a 28 de setembro de 1980, reunindo mais de 100 Municípios e aproximadamente 4.500 pessoas.

O sétimo EMOBRESC realizou-se em Rio Negrinho de 13 a 15 de novembro de 1981 e reuniu 130 Municípios e 6.000 participantes.

O oitavo EMOBRESC teve como sede o Município de Videira e foi realizado de 17 a 19 de setembro de 1982. Inscreveram-se para participar 4.270 pessoas, representando 136 Municípios.

O nono EMOBRESC realizou-se nos dias 25, 26 e 27 de novembro, na cidade de Ituporanga, onde teve a participação de mais de 100 Municípios e a presença de 6.000 pessoas.

A preparação dos Municípios que participam do EMOBRESC é feita por intermédio das Comissões Municipais do MOBRAL e Postos do MOBRAL onde através de encontros, e festivais a nível regional e local, escolhem os valores que representarão seus Municípios.

O EMOBRESC constitui-se na maior festa de integração e valorização da Cultura catarinense.

"SANTA CATARINA, SUA GENTE, SUA CULTURA, NOSSA RECONSTRUÇÃO".



NOTICIÁRIO - 83 - Florianópolis

Curso SUSUKI - Japão

O nosso companheiro, Carlos Alberto Angioletti Vieira, comunicou à Comissão Catarinense de Folclore, da qual é integrante, ter feito no Japão um curso, com o Professor Susuki, criador de uma metodologia e de uma série de técnicas para instrumentos de corda. Informou Carlos Alberto que a finalidade de ter feito esse curso, é aplicá-lo em Santa Catarina, no programa "Projeto Espiral" da FUNARTE, que desenvolve na UDESC — Universidade Para o Desenvolvimento de Santa Catarina.

JOÃO TEIXEIRA DA ROSA — Florianópolis — SC

Faleceu em nossa Capital, João Teixeira da Rosa, uma das figuras verdadeiramente históricas da vida florianopolitana. João Rosa, como era conhecido, foi antigo funcionário do Tesouro do Estado; livreiro por muitos anos, sua conhecida Livraria Rosa, era famosa no ponto de encontro dos escritores locais. Dedicado filatelista, era jornalista filatélico associado a vários órgãos filatélicos do País. Manteve no jornal "O ESTADO" por mais de 30 anos, uma COLUNA FILATÉLICA, muito lida e aprecidada. Cultivava também a poesia, sendo um incorrigível ledor de versos, principalmente dos autores da Ilha.

Seu passamento deixou uma lacuna no viver de Florianópolis. Deixa duas filhas, viúva e um filho, o Maestro Teixeira da Rosa.

Levamos nossos pêsames à família enlutada e à Sociedade Filatélica de Santa Catarina, que perdeu um dos seus mais ativos membros.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes

Doralécio Soares (Presidente) Jaldyr Faustino da Silva Theobaldo Costa Jamundá Walter Fernando Piazza Osvaldo Ferreira de Melo Vitor Antonio Peluso Junior Maria do Carmo Pinto Carlos Alberto Angioletti Vieira Maria Terezinha S. Barreto Cléa Mendes Brito Nereu do Vale Pereira Roberto Kel A. Seixas Netto Teófilo Matos Maria Juscelina Couto Avres Gevaerd Sônia Maria Copp da Costa

Endereço: Florianópolis - SC

Rua Julio Moura, 28 - 10, andar Av. Trompowsky, 5 Rua Bocaiúva, 208 Frei Evaristo, 52 Rua Joaquim Costa, 11 Rua Melo Alvim, 10 Faculdade de Educação - UDESC Rua Professora Otília Cruz, 365 Rua Tavares Sobrinho, 34 Rua Melo Alvim, 9 Jardim Olívio Amorim, 24 Rua Cruz e Souza, 48 Rua Matos Areias, 385 Município de São Joaquim - SC Município de Navegantes - SC Município de Brusque – SC Município de São Francisco do Sul — SC

Colaboradores

Flávio Cardozo
Dulce Martins Lamas
Laura Dela Monica
Saul Martins
Myriam Conceição Dias Beltrão

Ático Vilas Boas

Mário Souto Maior Aleixo Leite Filho Ana Maria Amaro Florianópolis — SC
Rio de Janeiro
São Paulo
Belo Horizonte — MG
Av. Santo Antonio, 269 — Poços de
Caldas — MG
Palácio do Itamarati — Rio de
Janeiro
Recife — PE
Caruaru — PE
Cascais — Portugal

ASSUME O NOVO SUPERINTENDENTE DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Em substituição ao escritor Miro Morais, assumiu em dezembro último as funções de Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura o Sr. Udo Wagner. Ao ato de posse, presidido pelo Exmo. Senhor Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, Dep. Artenir Werner, compareceu grande número de pessoas ligadas ao meio cultural do Estado. Na composição da mesa, além do exsuperintendente e da Diretoria da FCC, participaram a representante do Conselho Estadual de Cultura, Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, o escritor Flávio José Cardozo, a representante do Magnífico Reitor da UFSC, Profa. Zuleika Lenzi e o Presidente da Comissão Catarinense do Folclore, Doralécio Soares. Usaram da palavra o escritor Miro Morais, que se despediu das suas funções, e o novo Superintendente, que manifestou sua intenção de dinamizar o órgão cuja direção estava assumindo. Encerrando a solenidade, o Secretário Artenir Werner agradeceu a atuação do ex-superintendente e saudou o novo titular da Fundação, dizendo-se confiante na sua ação administrativa.

LANÇAMENTO DA ANTOLOGIA ESTE MAR CATARINA

No dia 6 de dezembro de 1983, no Salão Nobre da Assembléia Legislativa, ocorreu o lançamento do livro Este Mar Catarina, antologia organizada pelos escritores Flávio José Cardozo, Salím Miguel e Silveira de Souza para a Editora da UFSC. A obra, que reúne contos de 18 autores catarinenses, conta com ilustrações do artista plástico Hassis e um estudo crítico de Nereu Corrêa. A idéia dos organizadores foi dar ao leitor uma amostra do que o mar catarinense inspirou aos nossos escritores — seja como tema, seja como ambiente de ficção. O resultado é um livro de grande beleza, com histórias de muito bom nível assinadas por Adolfo Boos Jr., Amílcar Neves, Emanuel Medeiros Vieira, Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Correa, Guido Vilmar Sassi, Harry Laus, Herculano Farias Jr., Holdemar Menezes, Iaponan Soares, Miro Morais, Othon d'Eça, Raul Caldas Filho, Ricardo L. Hoffmann, Salim Miguel, Salomão Ribas Júnior, Silveira de Souza e Virgílio Várzea.

O ato foi prestigiado por um grande público.

FEIRA DO ARTESANATO CATARINENSE EM CAMBORIÚ

Numa promoção da Secretaria do Trabalho e da Fundação Catarinense do Trabalho, realizou-se no Centro de Promoções da CITUR, em Balneário Camboriú, no mês de dezembro, a Feira Catarinense de Artesanato.

Segundo o superintendente da FUCAT, João Nicolau Carvalho, a FECART objetiva compatibilizar mercadologicamente os recursos e bens de serviços das instituições envolvidas, visando otimizar os resultados e gerar recursos financeiros para a elaboração do programa específico de amparo ao artesanato.

Tendo o evento alcançado a sua finalidade, que contou com a cooperação e estrutura das associações de municípios num trabalho conjunto realizado pela atual administração da FUCAT, com a finalidade de coleta e trabalho dos artesãos, já que a finalidade básica da Feira é pesquisar o mercado e segmentá-lo para identificação dos produtos a serem promovidos.

Disse o superintendente, João Nicolau Carvalho que o planejamento e controle das vendas, foram bem esquematizados. Para tanto foi estabelecido uma combinação de elementos de marketing para a consecução dos objetivos propostos. Que um dos objetivos propostos é promover ainda mais um programa integrado de comunicação adequado à clientela, além de selecionar em termos de fornecedores, e desenvolver ampla campanha promocional, visando estimular a demanda dos produtos ofertados.

O planejamento mercadológico criteriosamente elaborado pela FUCAT é responsável pelo sucesso que vem alcançando todos os anos, principalmente pelo fato de sua realização acontecer com a alta temporada em Balneário Camboriú, com a maciça presença do público.

A FUCAT, através do Programa Catarinense de Artesanato, participou de feiras em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, está desenvolvendo um trabalho de catalogação de todo artesão catarinense, afim de que o mesmo saia de sua indiferença e venha ter os seus trabalhos culturalmente apresentados em todo o País. Diz João Nicolau Carvalho, — "acho que realmente chegou a vez do artista-artesão, deixar de lado o anonimato e mostrar o seu trabalho e conseqüentemente ser reconhecido." Esta é a meta da FUCAT: valorização do artesão catarinense, cujos trabalhos são os mais diversificados do País. E dos bons negócios realizados proporcionados pelo afluxo de turistas, em Balneário Camboriú, a FUCAT sente-se realizada, pois a Feira é indiscutivelmente, o acontecimento mais importante de toda a história do artesanato catarinense.

Foram expostos durante os nove dias de Feira para comercialização: "artesanato caseiro, artístico, utilitário, de consumo do dia-a-dia, grande variedade de cestaria, trançados, bordados, rendas de bilros, cerâmicas, pinturas, gravuras, costuras, comida típica, doces, biscoitos, decorações, enfeites, madeiras trabalhadas, móveis rústicos, licores, balas, brinquedos, conservas, sapatos, cadeiras, gaiolas, trabalhos em corda e arame, vasos, flores artificiais, arranjos, etc".

João Nicolau Carvalho, afirmou: "todos podem e devem participar, pois além de ser uma excelente oportunidade para os artesãos mostrarem suas técnicas e versatilidade, terão também após às vendas, boas rendas que possibilitam o equilíbrio da economia doméstica.

Composto e impresso nas oficinas gráficas da

